

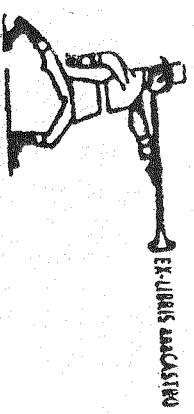
Friedrich Engels

A SITUAÇÃO DA CLASSE  
TRABALHADORA NA INGLATERRA

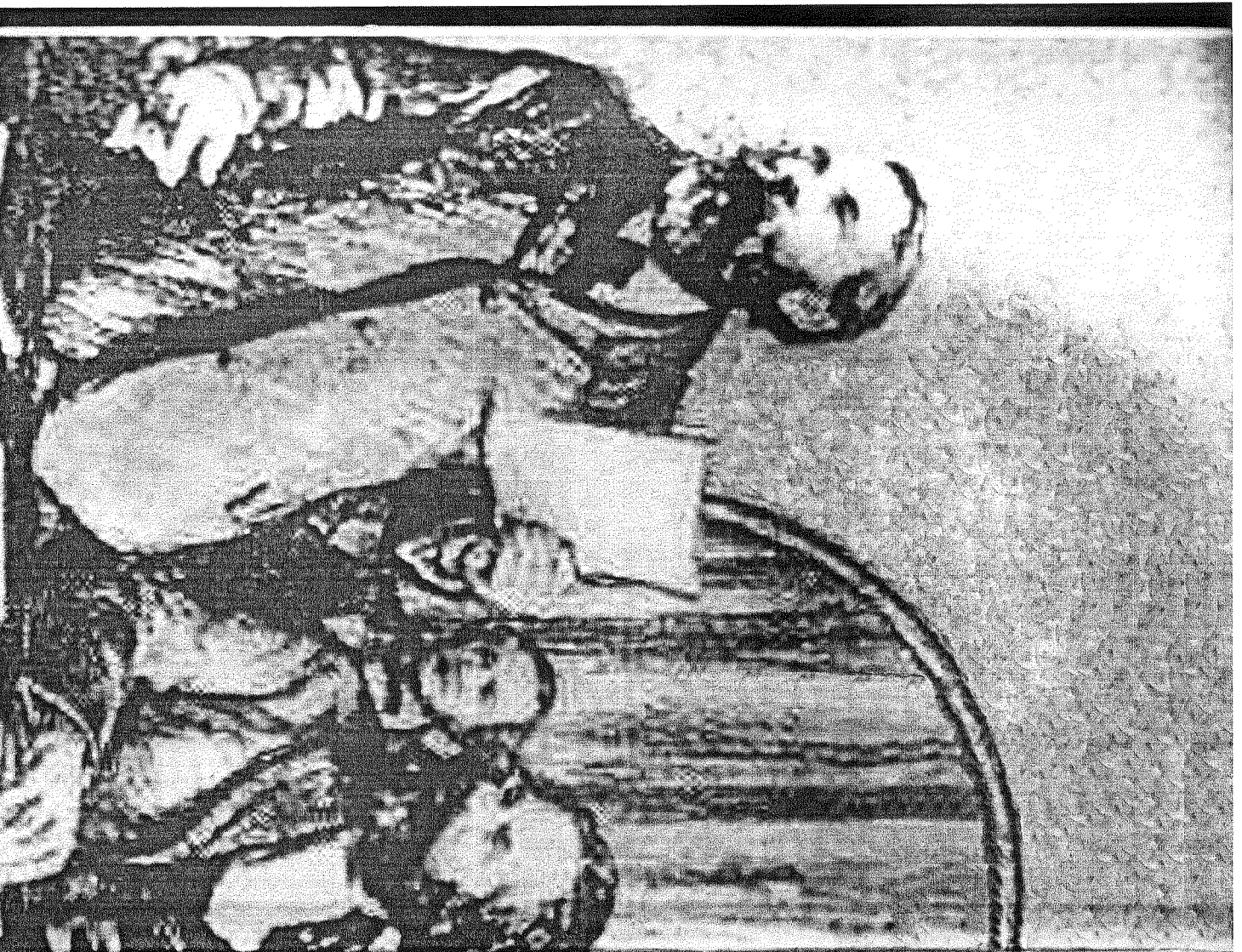
segundo as observações  
do autor e fontes autênticas

Tradução  
B. A. Schumann

Supervisão, apresentação e notas  
José Paulo Netto



**Ática**  
EDITORA



exaltadas das edições supramencionadas e adaptadas para a presente tradução, aparecem igualmente no rodapé, porém chamadas por letras.

Nas referências bibliográficas, sempre que possível acrescentamos as edições existentes no Brasil ou em português. Uniformizamos a grafia dos nomes dos autores pela sua forma original, tal como se tornou usual no Brasil, embora as edições espanholas e portuguesas grafem Carlos Marx e Federico Engels.

Um dos mais importantes trabalhos de Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é o trigésimo primeiro lançamento da coleção Mundo do Trabalho e o sétimo da série com a qual a Boitempo pretende abarcar – sempre em novas traduções, diretamente do alemão, anotadas e comentadas – o fundamental da obra de Karl Marx e Friedrich Engels, e disponibilizá-lo em português do Brasil. Embora tenha sido concebido inicialmente para a coleção Mundo do Trabalho – coordenada pelo professor Ricardo Antunes –, este livro, que tanto influenciou a obra de Marx, não poderia deixar de integrar a coleção dos fundadores do materialismo histórico.

Os títulos de ambos os autores já lançados pela Boitempo são: *O Manifesto Comunista* (edição comemorativa dos 150 anos do panfleto, em 1988, com uma introdução que o situa historicamente, ensaios de seis especialistas e prefácios de Marx e Engels a todas as edições conhecidas); *A sagrada família*, traduzida por Marcelo Backes; *os Manuscritos econômico-filosóficos*, traduzidos por Jesus Ranieri, autor também do ensaio introdutório; *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, com tradução de Rubens Enderle (responsável também pela apresentação) e Leonardo de Deus; *Sobre o suicídio*, traduzido por Rubens Enderle e Francisco Fontanella, incluindo o ensaio “Um Marx insólito”, de Michael Löwy; e, finalmente, *A ideologia alemã*, de Marx e Engels – traduzida por Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Martorano, com apresentação de Emir Sader e supervisão editorial de Leandro Konder. O próximo título a ser publicado será *A questão judaica/Anais franco-alemães*, com tradução de Nélio Schneider. As capas de todos os volumes da série trazem ilustrações inéditas de Cláudio Lorezano.

Este volume vem ainda acompanhado de um índice onomástico, uma relação das obras do autor publicadas no Brasil e uma cuidada cronologia resumida de Engels e de Marx, contendo aspectos de suas trajetórias vida pessoal, militância, obra teórica – e os fatos históricos mais relevantes do período.

## APRESENTAÇÃO

Ao Lênin

Há quase cinquenta anos, um dos mais notáveis historiadores marxistas, o professor Eric J. Hobsbawm, ao prefaciá-la uma tradução francesa d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, indagava-se dos motivos que justificavam a reedição de uma obra escrita ainda na primeira metade do século XIX e respondia socorrendo-se de

três razões principais – a primeira: este livro é um marco na história do capitalismo e da moderna sociedade industrial; a segunda: ele constitui uma etapa na elaboração do marxismo, isto é, da nossa compreensão da sociedade; e a terceira diz respeito à sua qualidade literária. Simultaneamente erudito e apaixonado, articulando a denúncia e a análise, ele é, para dizê-lo numa só palavra, uma obra-prima.<sup>a</sup>

Acréscitava, também, que freqüentemente “as obras-primas têm necessidade, quando publicadas há mais de um século, de comentários para serem lidas com proveito”. É com esse objetivo que são formulados, nesta apresentação, uns poucos comentários pertinentes a Engels e à obra-prima da sua juventude.

### 1

Dos estudos pioneiros de Gustav Mayer, iniciados já antes da Primeira Guerra Mundial e concluídos em 1932 em sua monumental biografia de Friedrich Engels<sup>b</sup>, aos dias correntes, a crônica da vida do companheiro de lutas e idéias de Karl Marx foi suficientemente esclarecida.<sup>c</sup>

<sup>a</sup> Cf. o prefácio reproduzido em F. Engels, *La situation de la classe laborieuse en Angleterre* (Paris, Éditions Sociales, 1961), p. 8.

<sup>b</sup> G. Mayer, Friedrich Engels. *Biografia* (México, Fondo de Cultura Económica, 1979).

<sup>c</sup> Dentre um largo rol de fontes, pode-se citar: A. Cornu, *Karl Marx et Friedrich Engels: leur vie et leur oeuvre* (Paris, PUF, 1955-1962, t. I, II e III); W. O. Henderson, *The Life of Friedrich*

Ele nasceu em 28 de novembro de 1820 em Barmen (Renânia), filho de um rico industrial têxtil (seu pai – falecido em 1860, aos 64 anos – também se chamava Friedrich Engels), cujos antepassados habitavam a região do Wuppertal desde o fim do século XVI, e de Elizabeth Franziska Mauritia van Haar (1797-1873), mulher de finos dotes intelectuais. Foi o primeiro dos oito filhos do casal e o pai, um rígido pietista, aspirava a torná-lo seu sucessor nos negócios familiares, que tinham ramificações na Inglaterra. Finalizada a sua formação secundária em 1837 – no curso em que revelou inclinações estéticas (poesia, música e desenho) e enorme facilidade para o domínio de idiomas –, o pai encaminhou-o para a vida empresarial, enviando-o a Bremen, onde permaneceu por dois anos e meio, até a Páscoa de 1841. Nesse período, combinou as obrigações comerciais (que detestava) com leituras centradas na literatura e na filosofia alemãs contemporâneas, estudos de filologia comparada e a prática de exercícios físicos, que não abandonará ao longo da vida. Também desses anos são as primeiras intervenções na imprensa (iniciadas em março de 1839) e o gosto pelas viagens (realiza, então, giros pela Inglaterra, Suíça e Itália).

No outono de 1841, está em Berlim: presta o serviço militar num regimento de artilharia e freqüenta livremente alguns cursos universitários. É nesse período, então, que ingressa, precocemente e com força, no debate intelectual: republicano e democrata sob a influência de Börne, e situado na esquerda hegeliana desde que lera D. F. Strauss, aproxima-se dos Livres de Berlim<sup>3</sup> (especialmente Edgar Bauer) e combate a pregação anti-hegeliana de Schelling por meio de textos que atraem a atenção da intelectualidade de oposição e o tornam conhecido nos meios liberais e democráticos. *A essência do cristianismo*, publicada em 1841, deixa-o impactado: mediante o materialismo de Feuerbach, evolui para a posição segundo a qual cristianismo e filosofia são incompatíveis. A sua consequente opção materialista é desdobrada, por meio da marcante influência de Moses Hess, na direção do comunismo pensado humanitária e filosoficamente.

<sup>3</sup> Engels (Londres, Frank Cass, 1976); L. F. Ilychov et al., *Friederick Engels: A Biography* (Moscou, Progress Publishers, 1982); T. Carver, *Friedrich Engels: His Life and Thought* (Londres, Macmillan, 1989); J. D. Hunley, *The Life and Thought of Friedrich Engels: A Reinterpretation* (New Haven/Londres, Yale University Press, 1991).

<sup>4</sup> Convênio de jovens hegelianos, anteriormente reunidos no *Doktorklub* de que Marx fizera parte; liderados por Edgar Bauer e Johann Kaspar Schmidt (Max Stirner), os Livres pouco a pouco deslizarão da oposição liberal para um radicalismo abstrato, inócuo politicamente.

Em novembro de 1842, Engels rumou para a Inglaterra: a instâncias do pai, estagiará na empresa (Ermen & Engels) de que sua família é associada, em Manchester – passa, antes, por Colônia, onde tem seu primeiro encontro pessoal, aliás pouco caloroso, com Marx, que dirige o jornal *Rheinische Zeitung* (Gazeta Renana), com o qual Engels já colaborava. Ficará na Inglaterra por 21 meses e este será o período decisivo em sua formação intelectual e política<sup>5</sup>; o estudo da economia política, a observação e a análise sistemáticas dos processos de industrialização e urbanização, a ativa participação nas mobilizações operárias – tudo isso refletido nas suas intervenções na imprensa inglesa e alemã – consolidam sua opção vital: o jovem que abandona Manchester para regressar à Alemanha, nos últimos dias de agosto de 1844, é decididamente um comunista.

O retorno à cidade natal faz-se via Paris. Ai, encontra-se pela segunda vez com Marx e, após alguns dias de intensa troca de idéias, inicia-se uma amizade e uma colaboração intelectual de que o primeiro fruto verá a luz em finais de fevereiro de 1845 – *A sagrada família ou a crítica da Crítica crítica*<sup>6</sup>. Em setembro de 1844, Engels instala-se na casa paterna, dedica-se à redação de *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (obra concluída em março de 1845 e publicada em Leipzig, em finais de maio) e a organizar, juntamente com Moses Hess, reuniões comunistas em Elberfeld, cidade vizinha a Barmen<sup>7</sup>. Passam-se meses de tensão entre o filho do industrial rico que se tornara comunista e o pai que não compreende a recusa do jovem em preparar-se para captanear os empreendimentos familiares – e a ruptura entre ambos não tarda, com o filho deslocando-se para Bruxelas (abril de 1845), onde Marx, expulso da França, já reside desde fevereiro de 1845<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> E também humana: data de então o início do seu relacionamento com Mary Burns, operária irlandesa que lhe abre as portas dos meios proletários e que será a sua primeira companheira. Sua morte prematura, em janeiro de 1861, abate-o profundamente. Posteriormente, ligar-se-á à irmã de Mary, Lydia (Lizzy) Burns (1827-1878).

<sup>6</sup> Ed. bras.: São Paulo, Boitempo, 2003.

<sup>7</sup> Barmen e Elberfeld, situadas no vale do Wupper (*Wuppertal*), unificaram-se por volta de 1930.

<sup>8</sup> As cartas que Engels escreve a Marx, entre o fim de 1844 e o início de 1845, documentam a tensão mencionada. Na missiva de 17 de março de 1845, anota que desperçou “todo o fanatismo religioso de meu pai, exacerbado ainda mais pela minha declaração de renunciar definitivamente à carreira comercial e, se isto fosse pouco, minha atuação aberta e descarada como comunista fez com que se desenvolvesse nele, adicionalmente, um intenso fanatismo burguês. Você pode, pois, facilmente imaginar a minha situação [...]”. Em carta anterior (20 de janeiro de 1845), descreve com ironia sua vida na

Nos três anos que se seguem, até a eclosão da revolução em Paris (fevereiro de 1848), Engels vai se dividir entre a Bélgica e a França, entreuge vitalmente à organização do movimento operário revolucionário. São anos de atividade febril em que, juntamente com Marx (a quem leva à Inglaterra, numa viagem de estudos em julho/agosto de 1845), dedica-se a contatar associações de trabalhadores, a estimular a criação de núcleos proletários e a divulgar, combatendo utopismos e soluções reformistas, idéias comunistas; envolve-se em polémicas, publica artigos na imprensa operária do continente e da Inglaterra, participa de reuniões e comícios. Todo esse empenho ideopolítico – que vai resultar, em finais de 1847, na decisão do II Congresso da Liga dos Comunistas de atribuir a ele e a Marx a redação do *Manifesto do Partido Comunista*, documento que será editado em Londres às vésperas da revolução<sup>a</sup> – apóia-se agora sobre fundamentos mais sólidos: entre setembro de 1845 e agosto de 1846, Marx e Engels elaboraram *A ideologia alemã*<sup>b</sup>, texto em que lançam as bases da

cidade natal: “[...] Aqui não tenho oportunidade de dar rédea solta a meu temperamento. Digo-lhe que a vida que levo poderia ser invejada pelo mais brilhante dos filisteus, uma vida tranquila e pacífica, piedosa e honrada ao extremo, truncado em meu quarto, trabalhando e, como um bom alemão, mal pondo os pés na rua. Se as coisas continuarem assim, não me espantaria que o bom Deus perdoasse meus escritos e me admitisse nos céus. Asseguro-lhe que começo a gozar de boa fama em Barmen”. Na mesma correspondência, há mostras dos dilaceramentos pessoais do jovem que, no marco de uma família tradicionalista e possidente, faz uma opção comunista; veja-se a última carta citada: “[...] É repugnante ser não apenas burguês, mas ainda industrial, ou seja, um burguês que participa ativamente na exploração do proletariado. Uns dias na fábrica de meu pai foram suficientes para convencer-me de que tudo isto é asqueroso [...]”. Contava permanecer nessa atividade apenas o tempo que me conviesse e logo escrever algo atentatório aos olhos da polícia para cruzar a fronteira sem escândalos, no momento apazado; mas não aguentarei até lá. Creio que eu seria um homem amargurado se não pudesse registrar diariamente no meu livro [A situação da classe trabalhadora na Inglaterra] as coisas odiosas da sociedade inglesa [...]. A verdade é que um comunista pode levar, externamente, uma vida de burguês e ganhar dinheiro, desde que não escreva; mas é impossível dedicar-se, ao mesmo tempo, à propaganda comunista e aos ganhos e à indústria. [...] A isto se soma esta vida constrangedora numa família radicalmente cristã-prussiana – não, as coisas não podem continuar assim [...]” – as passagens são extrairdas do volume 2 (*Escritos de juventude*) de Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras fundamentais* (México, Fondo de Cultura Económica, 1981, p. 735 e 727).

<sup>a</sup> Cf. meu prólogo a Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista* (São Paulo, Cortez, 1996).

<sup>b</sup> *A ideologia alemã* (São Paulo, Boitempo, 2007), sabe-se, permaneceu inédita até 1932; também se sabe que, muitos anos depois, Marx observou que “abandonamos [ele e Engels] sem pena o manuscrito à crítica roedora dos ratos” porque “já tínhamos alcançado nosso objetivo principal”, que era esclarecer as próprias concepções – cf. Karl Marx, prefácio a *Crítique de l'Économie Politique* (Oeuvres/Economie, Paris, Bibliothèque de la

teoria social, cujo desenvolvimento caberia especialmente a Marx e cujo primeiro desdobramento viria pouco depois, com a marxiana *Miséria da filosofia* (dada à luz em julho de 1847).

Os cerca de dezoito meses que circunscrevem a revolução de 1848 – que explode em Paris na última semana de fevereiro desse ano, alastra-se pela Europa e, sob dura repressão, esgota-se no segundo semestre de 1849 – marcam o fim do primeiro estágio do aprendizado prático-revolucionário de Engels: juntamente com Marx, chega a Colônia em princípios de abril de 1848 e assume, em maio, o posto de vice-redator-chefe do jornal *Neue Rheinische Zeitung* [Nova Gazeta Renana] – que, sob a direção de Marx, orientará a vanguarda revolucionária alemã. Até a vitória da contra-revolução, Engels estará na primeira linha da luta, envolvido em combates e confrontos (Elberfeld, Palatinado e Baden)<sup>b</sup>. A derrota do movimento obrigará os dois companheiros ao exílio na Inglaterra e, ao chegar à ilha, em princípios de novembro de 1849, Engels iniciará uma nova etapa em sua vida.

Permanecerá quase um ano em Londres, articulando, com Marx, a reorganização da Liga dos Comunistas, necessária após o desfecho do processo revolucionário. Em meados de novembro de 1850, estabelece-se em Manchester, retomando seus afazeres na empresa em que estagiara anteriormente (Ermen & Engels) e da qual se tornará co-proprietário em 1864. Por quase vinte anos, até junho de 1869, Engels experimentará o que ele mesmo, aludindo à história do povo judeu, designará como “o cativo egípcio”, será um escravo dos negócios, o que lhe dará condições de oferecer a Marx o continuado apoio financeiro sem o qual este não

<sup>a</sup> Pléiade, 1965, I, p. 274). Mas o fato é que ele e Engels, uma vez concluída a redação da obra, esforçaram-se por encontrar um editor que se dispusesse a publicá-la; somente em meados de 1847 desistiram de prosseguir nas muitas tentativas que fizeram nesse sentido. Cabe salientar que, se a contribuição de Engels foi diminuída na redação de *A sagrada família*, o mesmo não se deu na elaboração de *A ideologia alemã* – é a partir dessa obra que os dois amigos se ombreiam no trabalho comum.

<sup>b</sup> O essencial dos textos de Marx e Engels publicados nesse periódico está reunido em Karl Marx e Friedrich Engels, *La Nouvelle Gazette Rhénane* (Paris, Éditions Sociales, 1963-1971, t. I, II e III).

<sup>c</sup> Para uma análise da intervenção de Marx e Engels no processo revolucionário de 1848, cf. o belo ensaio de Fernando Claudín, *Marx, Engels y la revolución de 1848* (Madrid, Siglo XXI, 1975).

<sup>d</sup> No fim de 1852, a Liga é dissolvida. Sobre essa organização, cf. M. I. Mijailov, *Historia de la Liga de los Comunistas* (Moscou, Nauka, 1968).

teria podido construir sua obra<sup>a</sup>. Além disso, lhe permitirá constituir um pecúlio considerável, com o qual se garantiu confortavelmente no último terço de vida<sup>b</sup>.

Se as duas décadas de “cativeiro egípcio” obrigaram-no às atividades empresariais que odiava<sup>c</sup>, elas não impediram – graças a sua gigantesca capacidade de trabalho, sempre aliada a sua alegria de viver<sup>d</sup> – sua intervenção pública. Nesses anos, continuou escrevendo para inúmeros periódicos (inclusive redigindo textos jornalísticos divulgados sob a assinatura de Marx<sup>e</sup>), não perdeu de vista a história recente da Alemanha (como o provam os estudos sobre *Revolução e contra-revolução na Alemanha*, iniciados em 1852), acompanhou a complexa conjuntura internacional produzindo ensaios (como, entre outros, *O Pó e o Reno*, de 1859, logo seguido, em 1860, de *Sabóia, Nice e o Reno*) e artigos nos quais dava mostras do acúmulo intelectual que vinha operando no domínio da análise de temas militares (sobre a Guerra da Secessão nos Estados Unidos e sobre o militarismo prussiano), análise que lhe permi-

<sup>a</sup> Marx nunca deixou de reconhecer esse fato. Em carta de 7 de maio de 1867, quando concluiu o primeiro volume d’*O capital*, escreveu ao amigo: “Eu jamais terminaria meu livro se não tivesse contado com você; esteja certo de que sempre me oneirei a consciência, como um pesadelo, saber que você, por minha causa, tinha de esbanjar e amesquinhar suas fantásticas energias nos negócios e, mais ainda, participar de todas as minhas *petites misères*”.

<sup>b</sup> Pecúlio que, após sua morte e segundo as suas disposições testamentárias, assegurou significativa contribuição financeira ao Partido Socialdemocrata Alemão (ao qual legou também sua biblioteca, inclusive seus escritos inéditos e arquivos, entregues aos cuidados de Bebel e Bernstein), sem prejuízo do que destinou aos descendentes de Marx e a alguns amigos.

<sup>c</sup> Entre maio e junho de 1869, Engels negociou com Ermen o fim de sua sociedade. Quando este se consumou, escreveu a Marx, em 1<sup>a</sup> de julho daquele ano: “Hurra! Acabou-se hoje o doce comércio e sou um homem livre!”.

<sup>d</sup> Da infância à velhice, Engels manteve-se um homem espirituoso e divertido, atêido aos prazeres do espírito e da carne, sendo-lhe estranho qualquer ranço de ascetismo – sua conhecida afirmação de que nada superava um *Château Margaux* safa 1848 nunca foi abandonada; numa carta escrita alguns meses antes de morrer (datada de 14 de novembro de 1894) e endereçada a dirigentes do Partido Socialdemocrata Alemão, na qual comunica o legado financeiro que deixará ao partido, adverte para o cuidado que devem ter para não permitir que tais fundos caiam “nas mãos dos prussianos” e conclui: “isto posto, tomem uma garrafa de bom vinho em minha memória”.

<sup>e</sup> Este parece ser o caso de artigos sobre a política espanhola, publicados nos anos 1950 no *New York Daily Tribune*; o essencial desses materiais está reunido em uma precifária edição brasileira: Karl Marx e Friedrich Engels, *A revolução espanhola* (Rio de Janeiro, Letra, 1966).

tiria, quando da guerra franco-prussiana, elaborar os significativos materiais que, entre julho de 1870 e fevereiro de 1871, publicou na *Pall Mall Gazette*<sup>a</sup>. Esses anos, contudo, são extremamente importantes para a consolidação de sua cultura enciclopédica: amplia seu já invejável conhecimento idiomático com o aprendizado de línguas eslavas e do persa, volta-se para a história do Oriente, dedica-se com afínco ao estudo das ciências naturais e reúne documentação para escrever uma história da Irlanda, projeto que nunca concluiu. Ademais, a partir de 1860, realiza inúmeras viagens pela Europa<sup>b</sup>.

Aos cinqüenta anos, em plena maturidade intelectual e com invejável disposição física, sem ter que se preocupar com questões financeiras, Engels transfere-se para Londres em setembro de 1870 e aí viverá o quarto de século que lhe restará. Logo assume tarefas na Associação Internacional dos Trabalhadores, criada em 1864; torna-se, por eleição (4 de outubro de 1870), membro do seu Conselho Geral e passa a responder pelas relações com as seções belga, italiana, espanhola, portuguesa e dinamarquesa da organização, que depois seria conhecida como Primeira Internacional. Participará, ao lado de Marx, de todos os eventos, iniciativas e polémicas (como, por exemplo, a travada contra a facção bakuninista), que marcará a existência da organização às vésperas de sua dissolução. Quando esta ocorre (de fato, em 1872, com o deslocamento de sua sede para Nova York; de direito, em 1876), Engels já é reconhecido como uma liderança revolucionária mundial<sup>c</sup>.

As tarefas organizativas no marco da Primeira Internacional e as que se lhe seguiram foram conduzidas paralelamente a uma intensa produtividade teórica, facilitada pelo acúmulo realizado nos anos do “cativeiro egípcio”. A atividade do publicista prossegue em jornais e periódicos de

<sup>a</sup> Uma seleção desses escritos encontra-se em Friedrich Engels, *Temas militares* (Buenos Aires, Carago, 1974). O interesse de Engels pelos temas militares valeu-lhe, no círculo íntimo, o apelido de General.

<sup>b</sup> Regressa várias vezes à Alemanha, visita a Suécia, a Dinamarca e a Irlanda. O gosto por viagens é traço da personalidade de Engels: em 1888, conhecerá os Estados Unidos e o Canadá; entre 1890 e 1893, percorrerá a Noruega, voltará à Irlanda e ainda revisitará a Suíça e a Áustria, sem contar algumas idas à Alemanha.

<sup>c</sup> Sobre a Primeira Internacional, cf. Annie Krieger, *Les Internationales Ouvrières*, 1864-1943 (Paris, PUF, 1964). Boa parcela da contribuição de Engels à documentação produzida pela Primeira Internacional, assim como parte de sua correspondência pertinente com Marx, está reunida no volume 17 (“La Internacional”) de Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras fundametales* (México, Fondo de Cultura Económica, 1988).

vários países; mas ele dá à luz contribuições mais densas, como a *Contribuição ao problema da habitação* (1873) e *A subversão da ciência pelo Sr. Dühring*<sup>a</sup>, e começa a esboçar *A dialética da natureza*, que, inconclusa, será publicada postumamente (1927).

A morte de Marx, pouco antes de completar 65 anos (14 de março de 1883), impõe-lhe um duplo trabalho: de uma parte, substituir o camarada de armas na direção política da vanguarda proletária; de outra, cuidar de seu legado teórico, na condição de seu testamenteiro literário – e nisso Engels consumiu os doze anos seguintes, sem prejuízo da continuidade de sua obra pessoal (em 1884, publica *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*; em 1886, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, texto a que apenas as até então inéditas *Teses sobre Feuerbach*, que Marx redigira em 1846)<sup>b</sup>.

No tocante à direção do movimento proletário, a intervenção de Engels – realizada também por meio de copiosa correspondência com dirigentes políticos e intelectuais de inúmeros países – foi notável a atenção que ela dirigiu às vésperas do Congresso de Erfurt, em 1891) correu paralela a seu cuidado com as dimensões internacionalistas do movimento operário e revolucionário (de que é prova seu estímulo ao Congresso Internacional dos Trabalhadores Socialistas, realizado em Paris, em 1889, no qual se funda a Internacional Socialista, depois conhecida como Segunda Internacional<sup>5</sup>). Decorrencia desse trabalho diuturno – em que sua experiência e seu saber eram colocados à disposição de líderes políticos, organizações socialistas e militantes operários –, na passagem do seu septuagésimo aniversário, manifestações de apreço enviadas de todas as partes do mundo

<sup>a</sup> Publicado em 1878, esse livro – conhecido depois como *Anti-Dühring* – tornar-se-ia o texto responsável pela formação de várias gerações de marxistas (em 1880, partes da obra foram reunidas numa versão francesa sob o título *Do socialismo utópico ao socialismo científico*). Uma contribuição à análise dessa obra, salientando seus méritos e limites, encontra-se em V. Gerratana, *Investigaciones sobre la historia del marxismo* (Barcelona, Grifalbo, 1975, t. p. 147-84).

<sup>b</sup> Outros textos significativos de Engels, nessa etapa final, são: *Contribuição à história da Liga dos Comunistas* (1885), *O socialismo na Alemanha* (1891), *História do cristianismo antigo e a questão camponesa na França e na Alemanha* (1894); o último trabalho importante de Engels, considerado por muitos seu “testamento político”, escrito entre fevereiro e março de 1895 e publicado em seguida, foi sua introdução à *Luta de classes na França* (1848-1850), de Marx.

<sup>5</sup> Uma síntese da história dessa organização é fornecida por J. Joll, *La II Internacional. Movimiento obrero 1889/1914* (Barcelona, Icaria, 1976).

evidenciaram seu prestígio como dirigente revolucionário; no entanto, foi o Congresso Internacional dos Trabalhadores Socialistas de 1893, em Zurique, que ofereceu a Engels a prova inequívoca de sua consagração mundial como maior referência viva do movimento comunista, indicando-o para a Presidência de Honra do conclave.

O labor como testamenteiro literário de Marx foi insano. Se, dois anos após a morte do amigo, Engels pôde publicar o segundo volume d’*O capital*, que Marx não concluirá, o estado dos manuscritos deixados pelo camarada obrigou-o a praticamente uma década de esforços para apresentar a versão adequada do terceiro volume, que só veio à luz em dezembro de 1894. No caso desse volume, o papel de Engels transcende ao de um organizador editorial: não é exagero considerá-lo um verdadeiro co-autor – a articulação interna do pensamento marxiano foi penosa e exaustivamente reconstituída por ele à base de esboços e extratos fragmentários; o terceiro volume d’*O capital*, sob a forma expositiva que conhecemos, simplesmente não existiria sem a contribuição de Engels<sup>a</sup>.

Na seqüência da publicação do terceiro volume d’*O capital*, em 8 de fevereiro de 1895, escrevendo a uma amiga, dizia do que considerava ser sua excelente saúde: “Durmo minhas sete horas por noite e trabalho com prazer” – nunca haveria de saber que um câncer no esfôago já o roía. Em junho, a impossibilidade de falar obrigava-o a comunicar-se por escrito e seus padecimentos, conforme o testemunho de Victor Adler, eram suportados “com estoicismo e até bom humor”. Ao chegar agosto, perdeu a consciência e, na tarde do dia 5, adormeceu para não mais despertar.

Atendendo a suas expressas disposições, seu cadáver foi levado ao crematório de Woking por pouco mais de meia centena de amigos e membros da família Engels<sup>b</sup>. As cinzas foram lançadas ao mar de Eastbourne, a cinco milhas da costa, numa tarde – como registrou Gustav Mayer – outonal, cinzenta e chuvosa.

<sup>a</sup> Como testamenteiro literário de Marx, o esforço de Engels foi além da publicação d’*O capital*; promoveu reedições de textos que estavam esgotados, para os quais escreveu prefácios e introduções e estimulou traduções das obras do companheiro.

<sup>b</sup> Engels determinara que seu funeral deveria ter um caráter rigorosamente privado, a que só assistissem amigos. Dentre os presentes, figuravam Eleanor Marx, Karl Liebknecht, August Bebel, Karl Kautsky, Eduard Bernstein, Paul Lafargue, Vera Zassulitch, Samuel Moore e o alfaiate Lessner, amigo de Engels desde os tempos da Liga dos Comunistas.

## 2

Referindo-se a sua relação com Marx, Engels anotou, dez anos depois da morte do amigo, numa carta a F. Mehring:

[...] O senhor me atribui mais méritos [na elaboração do materialismo histórico] do que mereço, mesmo somando tudo o que, com o tempo, eu possivelmente teria descoberto por mim mesmo, mas que Marx descobriu antes com seu *coup d'oeil* mais rápido e com sua visão mais ampla. Quando se tem a sorte de trabalhar durante 40 anos com um homem como Marx, normalmente não se é, enquanto ele vive, tão reconhecido como se crê merecer; quando, porém, o grande homem morre, freqüentemente o menor vem a ser superestimado – e este parece agora exatamente meu caso. A história acabará colocando tudo isso no devido lugar, mas então já terei passado ao outro mundo e não saberei mais nada de nada.<sup>a</sup>

Colocando-se sempre como o “segundo violino” em sua relação com Marx, Engels rendia preito de verdade à grandeza intelectual do companheiro: é incontestável que nenhum teórico social moderno almeja-se ao nível da genialidade de Marx. Entretanto, ao realçar o fato, com suas costureiras generosidade e honestidade, Engels também certamente colaborou para dificultar a apreciação tanto de seu próprio valor intelectual quanto da contribuição teórica que ofereceu ao desenvolvimento de Marx<sup>b</sup> – colaborou, em suma, para que gerações de marxistas e cientistas sociais não tivessem a suficiente clareza acerca de outro fato: o de que ele, Engels, no acertado dizer de Florestan Fernandes, era um pensador com luz própria.

Ora, essa luz própria já se evidencia no trato dos materiais do jovem Engels, considerando como tais os seus escritos até a redação, com Marx, d'A *ideologia alemã*. Se, justificadamente, os textos do jovem Marx receberam, a partir de sua publicação, especialmente nos anos trinta do século

lo XX, uma atenção cuidada, quase sempre a produção do jovem Engels é descuidada e reduzida, injustificadamente, ao *tour de force* intelectual que resultou n'A *situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Não pode restar qualquer dúvida de que esse livro é o mais importante dos trabalhos de juventude de Engels, redigido e publicado quando o autor ainda não completara 25 anos; todavia, a produção juvenil de Engels está longe de limitar-se a ele<sup>c</sup>.

As precoces primícias literárias de Engels não devem ser levadas muito a sério: poemas de pouca valia, coisas de adolescente absolutamente comuns em moços superiormente dotados, que depois a vida adulta encarrega-se de pôr na conta de pecadilhos da juventude. Mas suas “Cartas de Wuppertal”, que publica em março-abril de 1839, no periódico hamburguês *Telegraph für Deutschland*, dirigido por Gutzkow, merecem atenção; com elas inicia a sua intervenção na imprensa – prosseguida nesse órgão até fins de 1841, sob o pseudônimo de Friedrich Oswald –, criticando o pietismo que asfixiava a sua região natal e apontando para o viés da crítica social. Já então se manifestam os seus dotes estilísticos e, na continuidade de sua colaboração ao *Telegraph für Deutschland*, pronunciando-se sobre textos referentes a narrativas populares, seus argutos juízos literários.

Estimulado pela Jovem Alemanha<sup>d</sup>, põe-se sob a influência de Börne, que facilita seu caminho para o republicanismo e o radicalismo democrático. De Börne a Hegel foi o passo seguinte, por uma via complexa, mediado pela crítica da religião (e recorde-se que, como o jovem Marx o notou, na Alemanha daqueles anos, a crítica da religião era o vestíbulo para a crítica social) operada por Strauss; mas é passo dado: em fins de 1840, Engels se assume neo-hegeliano. E é como tal que chega a Berlim no segundo semestre de 1841.

E chega no momento exato em que Frederico Guilherme IV, há pouco no trono da Prússia, frustra as expectativas da intelectualidade liberal, dei-

<sup>a</sup> Carta de Engels a Mehring, datada de 14 de julho de 1893, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Oeuvres choisies* (Moscou, Progrès, 1975), p. 720-1.

<sup>b</sup> Apenas um exemplo: um estudo cuidadoso da correspondência trocada entre ambos, especialmente entre o fim dos anos 1850 e meados dos anos 1860, sugere o quanto os estudos econômico-políticos de Marx devem a Engels; e não se pode esquecer que o *Esboço de uma crítica da economia política*, a que me referirei adiante, foi decisivo nos rumos tomados pela reflexão de Marx em meados dos anos 1840.

<sup>c</sup> Também, como no caso de Marx, parece-me uma “estupidez historiográfica” (Lukács) contrapor o jovem Engels ao Engels da maturidade – não há “corte”, mas relação de ruptura e continuidade no pensamento e na prática dos dois teóricos, com suas respectivas obras constituindo uma unidade (a que, naturalmente, é alheia a reiteração identitária).

<sup>d</sup> Além do já citado Mayer (cf. nota b, p. 9), constituem exceção a esse reducionismo Comu (cf. nota c, p. 9). G. Lukács (cf. o ensaio dedicado a Engels no volume *Marx e Engels como historiadores da literatura*. Porto, Nova Crítica, s.d.) e P. Vranicki (*Storia del marxismo*. Roma, Riuniti, 1973, v. I).

<sup>e</sup> O essencial dos escritos juvenis de Engels está acessível no volume 2 da edição mexicana de Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras fundamentais*, cit.

<sup>f</sup> Grupo de escritores democratas e críticos do liberalismo (Gutzkow, Laube, Wienberg, Mundt), constituído nos anos trinta do século XIX e liderado por Heine e Börne. O processo revolucionário de 1848 dispersou-os e boa parte deles passou para o campo da burguesia liberal.

xando claro que a *miséria alemã* não seria atacada por meio de reformas políticas e sociais. Para o mundo intelectual, não foram poucos os sinais do que estava por vir, e a senha que despertou de suas ilusões os liberais e os jovens hegelianos, representados pelos Livres de Berlim, não podia prestar-se a equívocos: Schelling, então a expressão mais alta do anti-hegelianismo, fora chamado a uma cátedra em Berlim, enquanto Bruno Bauer, ex-poente do neo-hegelianismo na Universidade de Bonn, era objeto de ação punitiva. Eichhorn, ministro da Cultura, a instâncias pessoais de Frederico Guilherme IV, incumbira Schelling de promover a ofensiva contra o neo-hegelianismo. Os confrontos intelectuais que marcarão a cultura alemã na abertura dos anos 1840 e que redundarão, com a derrota de 1848, na marginalização, no seu interior, das tendências democráticas e progressistas, já se configuraram nas lutas ideais travadas entre 1841-1842.<sup>a</sup>

Engels, próximo aos Livres e entusiasmado com Feuerbach (de quem acabara de vir à luz *A essência do cristianismo*), intervém ativamente nesses confrontos. Assiste ao curso inaugural de Schelling – do qual dá notícia no *Telegraph für Deutschland* – e, em abril de 1842, publica o panfleto “Schelling e a revelação. Crítica da mais recente tentativa da reação contra a filosofia livre”<sup>b</sup>. O título diz do conteúdo: a “filosofia da Revelação” que Schelling pretende opor ao pensamento hegeliano é desqualificada, o cristianismo aparece como incompatível com a reflexão filosófica, a fé religiosa não resiste às aporias da razão conduzidas pela “formidável dialética hegeliana” – o que Schelling oferece como alternativa à “filosofia livre”, tomada como os desdobramentos materialistas do hegelianismo (Feuerbach) e posta como abertura de nova era filosófica, não passa do mais rancoso idealismo positivista que Hegel superara. Esse texto, primeiro ensaio em que o futuro dirigente revolucionário dá provas de sua argúcia crítica, revela a sintonia do jovem Engels com o que de mais avançado se gestava no mundo cultural germânico da época.<sup>c</sup> Na efervescência promo-

vida pela esquerda hegeliana, ele se situa com radicalidade na vanguarda filosófica, que naqueles dias se expressava no materialismo sensualista de Feuerbach<sup>a</sup>.

Tem menor substancialidade filosófica outro panfleto, menos extenso, que pouco depois publica sob o título “Schelling, filósofo cristão ou A transfiguração da sabedoria universal em verdade divina. Para cristãos que ignoram a terminologia filosófica”. Recorrendo ao artifício de apresentar-se como um devoto, o autor propõe-se a traduzir para os não iniciados o que “existia por trás do famoso Schelling”, e mostra que, desde a “espan-tosa Revolução Francesa”, o positivismo cristão de Schelling é a única arma com que os crentes contam num mundo dividido entre apenas dois partidos, “o dos cristãos e o dos anticristãos”. Com a irônica e aparente defesa do irracionalismo schellinguiano, o jovem Engels revela o problema central do pensamento reacionário alemão: reverter as ressonâncias da Revolução de 1789 na cultura germânica.

Aos 22 anos, Engels – divulgados esses textos e escrevendo artigos e resenhas em diversos periódicos – está ao lado dos Livres de Berlim. No verão de 1842, solidário com Bruno Bauer, excluído de sua cátedra em Bonn, compõe, com a ajuda de Edgar Bauer (a quem então o unem fortes laços de amizade), um poema cômico – publicado anonimamente: “A Bíblia, insolentemente assediada, mas milagrosamente salva ou O triunfo da fé”<sup>b</sup>. Parodiando o *Fausto* goethiano, Engels, recorrendo novamente ao artifício de apresentar-se como um devoto pietista, propõe-se contribuir para erradicar “as abominações da blasfêmia” – e, nesse intento, descreve os neo-hegelianos e os Livres e seus “erros”, detendo-se especialmente em Bruno Bauer, a quem Mefistófeles aconselha, significativamente, seguir o exemplo de Hegel...<sup>c</sup>

<sup>a</sup> oposição, notadamente de Marx, com a *Historische Rechtsschule*, cf. o erudito ensaio de José Barata-Moura, *Marx e a crítica da “Escola Histórica do Direito”* (Lisboa, Caminho, 1994).

<sup>b</sup> Sobre os jovens hegelianos e a esquerda hegeliana, cf. David McLellan, *Marx y los jóvenes hegelianos* (Barcelona, Martínez Roca, 1969) e M. Rossi, *La genesis del materialismo histórico. La izquierda hegeliana* (Madrid, Alberto Corazón, 1971). Vale recorrer, também, a C. Frederico, *O jovem Marx. 1843-1844: as origens da ontologia do ser social* (São Paulo, Cortez, 1995, cap. I).

<sup>c</sup> Esse poema foi publicado originalmente em um panfleto. Pode ser encontrado no volume 2 de K. Marx e F. Engels, *Obras Fundamentais*, cit.

<sup>d</sup> Nessa divertida paródia, Engels plasma com notável finura os perfis dos hegelianos de esquerda. Feuerbach, “personificando todo o exército dos ateus insolentes”, é “um ferroz

<sup>a</sup> Cf. C. Lukács, *El asalto a la razón* (Barcelona/México, Grijalbo, 1968, cap. I e II), *Il giovane Marx* (Roma, Riuniti, 1978); outras indicações estão contidas em diversos textos lukacsianos, como *Nueva historia de la literatura alemana* (Buenos Aires, La Pleiade, 1971) e *Realistas alemanes del siglo XIX* (Barcelona, Grijalbo, 1970).

<sup>b</sup> O texto foi publicado anonimamente – Arnold Ruge, que o saudou, atribuiu-o a Bakunin, somente em julho soube-se que o autor era “Friedrich Oswald”. No ano seguinte, em artigo para o *The New Moral World*, órgão inglês do owenianismo, Engels revelou a identidade de “Friedrich Oswald”.

<sup>c</sup> Não é supérfluo observar, por exemplo, que Engels foi dos primeiros a rechaçar a *escola histórica do Direito*. Sobre a importância do confronto da intelectualidade alemã de



Então querido e respeitado pelos Livres, Engels todavia deles se distingue, entre outras razões porque a mentação filosófica desvinculada da atividade prática sempre foi estranha a seu caráter e a seus projetos – o que, desde já, o aproxima de Marx, com o qual ainda não mantém relações. Quando, nos anos seguintes, boa parte dos Livres toma o caminho da pura especulação, não lhe será difícil romper com esses primeiros companheiros de viagem. E as diferenças entre Engels e os Livres já se manifestam em 1842: na sua colaboração com a *Rheinische Zeitung*, recém-iniciada, suas críticas à censura indicam claramente a orientação político-social que vertebrava as suas preocupações – mais acentuadas num ensaio (“Frederico Guilherme IV, rei da Prússia”), redigido no outono daquele ano (e só publicado, no verão de 1843, em Zurique, num opúsculo intitulado *Vinte e um infólios da Suíça*): nele, o jovem autor, analisando a política conduzida por Frederico Guilherme IV, que encarna o princípio da “autoridade absoluta” contra o da “liberdade absoluta”, considera que o projeto reacionário do monarca está condenado ao fracasso.

Engels, porém, encontrara outro estímulo para imunizar-se contra as tendências especulativas que, embutidas nos movimentos dos Livres de Berlim, mais tarde se manifestariam fortemente<sup>3</sup>: pouco antes da publicação d’*A essência do cristianismo*, viera à luz, sem a identificação de autoria, um livro extremamente importante na evolução do nosso jovem pensador – *Die europäische Triarchie* [A triarquia europeia]<sup>4</sup>. A tese defendida por Moses Hess, autor da obra e a quem Engels logo se vincularia, era engenhosa: o continente europeu experimentaria duas revoluções – uma, religiosa (a Reforma), tivera a Alemanha por berço; outra, política, ocorreria na França (a Revolução de 1789); caberia à Inglaterra, onde o caritismo avançava, concretizar os vetores emancipatórios contidos em ambas na realização de uma revolução social. Hess, que estabelecia uma conexão entre Hegel e Saint-Simon, ao remeter a efetivação da li-

<sup>3</sup> meteor envolto nos vapores do inferno”. Marx (a quem pessoalmente Engels ainda não conhecia), aparece como “um verdadeiro monstro” que, “quando agita seu punho vigoroso”, faz “tremor tudo”, e é expressiva a (auto)caracterização de Friedrich Oswald: ele “avança pela esquerda”, “toca um instrumento chamado guilhotina” e canta o estribilho: “Formez vos bataillons! Aux armes, citoyens!”.

<sup>4</sup> E que seriam depois criticadas com virulência nas duas primeiras obras que redige com Marx, *A sagrada família* e *A ideologia alemã*.

<sup>5</sup> M. Hess, *Die europäische Triarchie* (Leipzig, O. Wigand, 1841).

berdade à revolução social abria para os neo-hegelianos o passo à ação política, exatamente o que faltava à perspectiva do materialismo de Feuerbach – e o fazia divulgando, em escritos posteriores a *Die europäische Triarchie*, publicados inclusive na *Rheinische Zeitung*, os progressos do socialismo francês.

Engels, ao longo de 1842, numa provisória síntese de Feuerbach e Hess, evolui rapidamente no comunismo filosófico que enformará seu pensamento até a redação d’*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – e, nessa síntese, incidirão as leituras que realiza sobre os rumos do socialismo francês (Lorenz von Stein) e as aspirações de segmentos de trabalhadores (W. Weitling). Mas não há qualquer dúvida de que o afastamento de Engels da Jovem Alemanha e dos Livres de Berlim – em função da fratura, que ambos os círculos não superavam, entre a teorização e a ação – foi potenciado pela influência de Hess<sup>5</sup>.

A Inglaterra que recebe o jovem comunista filosófico – e, mais especificamente, Manchester, onde ele se estabelecerá – é a “oficina do mundo”, ali, sob o comando do capital, a ordem burguesa, deflagrada a revolução industrial, constrói o seu perfil urbano-industrial, trazendo consigo o seu inevitável acólito, o proletariado<sup>6</sup>. Quando Engels se fixa em Manchester, nos primeiros dias de dezembro de 1842, está vivíssima a comoção causada pela greve geral que paralisou o norte da Inglaterra meses antes e teve a cidade como epicentro: o caritismo mostrara a sua força, introduzindo

<sup>3</sup> Anotou o primeiro grande biógrafo de Engels: “Disponos de um testemunho de Engels, datado de novembro de 1843, em que se reconhece expressamente que Hess foi o primeiro a fazer-lhe ver, e a seus companheiros, que o comunismo era a solução adequada e o desenvolvimento necessário e consequente da doutrina neo-hegeliana” (Mayer, op. cit., p. 110); seguramente, o biógrafo refere-se ao texto “Progressos da reforma social no Continente”, publicado no owenista *The New Moral World* de 4 de novembro de 1843, no qual Engels afirma que “o comunismo era uma consequência tão necessária da filosofia dos jovens hegelianos que nenhuma oposição poderia impedir o seu desenvolvimento” e que, entre os jovens hegelianos, Hess foi, “na verdade, o primeiro comunista” (cf. o citado volume *Escritos de juventude*, p. 158). Outro estudioso, analisando a relação intelectual de Hess com Marx e Engels, anota que “Hess teve muito mais êxito com Engels, a quem converteu inteiramente à causa comunista” (McLellan, op. cit., p. 165).

<sup>6</sup> Sintetizei os dados pertinentes à “oficina do mundo”, tratando da chegado da jovem Engels à Inglaterra, no breve ensaio que lhe dediquei em *Marxismo impenitente. Contribuição à história das idéias marxistas* (São Paulo, Cortez, 2004, p. 31-43). Relevantes para situar as condições da inserção de Engels na ilha e as suas implicações no universo intelectual do nosso autor, especialmente no que diz respeito à elaboração d’*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, são os trabalhos de S. Marcus, *Engels, Manchester and the working class* (Londres, Weidenfeld & Nicholson, 1974) e de R. Whitfield, *Frederick Engels in Manchester* (Manchester, Working Class Movement Library, 1988).

um dado novo nas lutas de classes que a nobreza fundiária e as lideranças burguesas travavam, expressas nos confrontos entre os conservadores (o partido *tory*) e os liberais (o partido *whig*), especialmente em torno da questão das leis dos cereais<sup>a</sup>.

A conjuntura inglesa é tomada por Engels a partir da proposição que Hess desenvolvera em *Die europäische Triarchie*: uma revolução social na Inglaterra responderá pelo ingresso da sociedade moderna na era da emancipação. Por isso, o debate político inglês, que acompanha com atenção, parece-lhe adjetivo: nem conservadores nem liberais têm algo a oferecer àquela revolução, uma vez que nenhum dos interlocutores se situa para além dos marcos da sociedade atual – o que lhe importa é compreender a dinâmica que pode ultrapassá-la, dinâmica que localiza no movimento operário empolgado pelos cartistas; mesmo o importante veio socialista condensado no owenismo (com cujo órgão de divulgação, *The New Moral World*, Engels colaborou) só pode ter futuro se vinculado ao cartismo que, julga o jovem Engels, acabará desaguando no comunismo.

Apreender tal dinâmica impõe ao jovem Engels a análise histórica da Inglaterra: ele projeta, então, uma história social da sociedade inglesa – deslocada pela redação d'A situação da classe trabalhadora na Inglaterra e nunca escrita. Para tanto, põe-se a estudar num rimo assombroso e a acumular informações e dados, numa profícua atividade intelectual (combinada com a sua inserção no movimento cartista e, mais amplamente, revolucionário<sup>b</sup>) de que raros dos seus contemporâneos deram provas e que sustenta a sua ativa intervenção publicística no período<sup>c</sup>.

<sup>a</sup> Uma eficiente síntese da conjuntura política inglesa com que se defronta o jovem Engels é oferecida por Mayer (op. cit., cap. VI). As lutas operárias, no período de gestação do cartismo, são bem refiguradas por E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa. III. A força dos trabalhadores* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987); referência tradicional sobre o movimento cartista é C. D. H. Cole, *A history of socialist thought. The forerunners, 1789-1850* (Londres, Macmillan, 1953, cap. XIII), além do antigo estudo de E. Dolléans, *Le charisme*, 1831-1848 (Paris, M. Rivière, s.d.).

<sup>b</sup> Além das relações que estabeleceu com dirigentes socialistas (como o professor John Watt), Engels ligase especialmente aos cartistas (James Leach e George J. Harney – este último dirigiria o órgão central do movimento, *The Northern Star*, para o qual Engels emprestaria regular colaboração). Datam também dessa estância de Engels na Inglaterra seus contatos iniciais com “os três primeiros proletários revolucionários” alemães que conheceu, vinculados à *Liga dos Justos*: K. Schapper, Heinrich Bauer e Joseph Moll.

<sup>c</sup> Escreve regularmente para a *Rheinische Zeitung*, para *The Northern Star* e para *The New Moral World*.

É no marco desses estudos que Engels, mesmo que ainda no interior do comunismo filosófico<sup>a</sup>, descobre a importância capital, para a compreensão da vida social, das condições em que se opera a produção da vida material da sociedade<sup>b</sup> – donde a relevância que a revolução industrial adquiriu na sua apreciação da sociedade inglesa. Mais: no seu pensamento desse período já se encontra, embrionariamente, uma determinação que só posteriormente Marx alcançaria, incorporando-a plenamente na sua análise da dinâmica capitalista – trata-se da tese segundo a qual o “caso clássico” da Inglaterra antecipa o que sucederá nos outros países<sup>c</sup>. Por isso mesmo, na Inglaterra o jovem Engels tem os olhos postos na Alemanha: boa parte do seu esforço publicístico consiste em oferecer aos leitores alemães, por meio da *Rheinische Zeitung* e de outros periódicos, informações e análises da situação inglesa<sup>d</sup>. Mas, com a mesma ênfase, procura aportar ao movimento dos trabalhadores ingleses – que não dispunha da saliência ideológica evidente nas vanguardas francesas, por exemplo – o componente socialista que marcava as mais avançadas expressões do pen-

<sup>a</sup> No prefácio de 1892 à segunda edição alemã d'A situação da classe trabalhadora na Inglaterra, de que o leitor dispõe como anexo deste livro, Engels refere-se às limitações de seu pensamento de então.

<sup>b</sup> O velho Engels, rememorando a sua primeira estância na Inglaterra, observará que então “defrontei-me com a realidade de que os fatos econômicos, omitidos pela historiografia anterior ou só considerados de modo insignificante, desempenham – pelo menos no mundo moderno – um papel histórico: servem de base à emergência dos antagonismos de classes dos nossos dias, antagonismos que, nos países que se desenvolvem plenamente ao calor da grande indústria (como ocorre, concretamente, na Inglaterra), por sua vez, lançam as bases para a formação dos partidos políticos, para as lutas entre eles e, por conseguinte, para a história política em seu conjunto” (apud Mayer, op. cit., p. 127).

<sup>c</sup> Refiro-me, especificamente, à idéia conforme a qual “o país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido tão-somente a imagem do próprio futuro” (K. Marx, *O Capital. Crítica da economia política*, São Paulo, Abril Cultural, 1983, v. I, t. 1, p. 12). Para a problematização dessa idéia, cf. os estudos de José Arió (Marx y la América Latina, Lima, Centro de Estudios para el Desarrollo y la Participación, 1980) e de Enrique Dussel (*El último Marx* [1863-1882] y la liberación latinoamericana, México, Siglo XXI, 1990).

<sup>d</sup> Tal é o conteúdo dos seus artigos que o jornal dirigido por Marx os publica já em dezembro de 1842; fim semelhante têm suas “Cartas de Londres” (de fato, escritas em Manchester), que, entre maio e junho de 1843, são divulgadas no *Schweizerischer Republikaner*, de Zurique; igual é o esforço consignado na série “A situação na Inglaterra”, que vem à luz, entre agosto e outubro de 1844, no *Vorwärts!* (cf. *Escritos de juventud*, cit., p. 119-44 e 209-48).

samento social do continente<sup>2</sup>. A dimensão internacionalista que vincará profundamente o pensamento e a ação do Engels *maduro* encontra, já aqui, expressão inequívoca<sup>3</sup>.

Um dos trabalhos mais significativos de Engels, neste período, é a longa resenha de *Past and Present*, livro de Thomas Carlyle publicado em 1843. Visivelmente motivado pela explosão cartista de 1842, Carlyle põe-se a analisar a sociedade inglesa que tem diante dos olhos, impressionado com o pauperismo das massas (a “questão social”) e a inépcia das elites para travar o esgarçamento do tecido social: a ociosidade da nobreza fundiária, o caráter rapace da burguesia industrial, cujo único objetivo é o dinheiro, e um parlamentarismo corrupto respondem pela crise que já se põe de manifesto e ameaça os valores sociais e morais. Propõe Carlyle, como solução, uma reforma que, fundada eticamente no combate ao materialismo e ao utilitarismo, implicaria uma organização racional do trabalho voltada para a colimação do bem-estar geral. Para essa regeneração social, entende Carlyle que as bases se encontram num novo idealismo, capaz de contrarrestar o materialismo que via subjacente à Revolução Francesa – idealismo que ele localizava na cultura alemã (Kant, Fichte, Novalis e Schelling). O jovem Engels incorpora simpaticamente o diagnóstico de Carlyle, com o qual está solidário: mas o seu programa reformista é criticado radicalmente – Engels, observando que Carlyle desconhece a cultura alemã pós-hegeliana, realça, de um lado, que só o humanismo materialista (aqui, a viva influência de Feuerbach) pode tornar concretos os mais altos valores humanos e, de outro, que nenhuma reorganização do trabalho no marco da propriedade privada (aqui, os influxos de Hess) poderia contemplar interesses gerais. Precisamente ao tratar da organização racional do trabalho, que tem, para o programa de Carlyle, função

essencial, Engels põe em questão categorias da economia política: “Como se pretende acabar com a concorrência, a oferta e a procura [...] deixamdo intacta a sua raiz, a propriedade privada?”<sup>4</sup>.

Categorias essas que são o objeto do mais importante trabalho do jovem Engels, excetuada *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – trata-se do ensaio “Esboço de uma crítica da economia política”<sup>5</sup>, escrito entre finais de 1843 e janeiro de 1844. No que toca a esse ensaio, Marx, desde que o conheceu, sempre insistiu na sua relevância, em diversas ocasiões recorrendo reiteradamente a ele<sup>6</sup>. Não cabe, nesta apresentação, uma aproximação ao “Esboço...”, aliás disponível há muito ao leitor brasileiro<sup>7</sup>. Cumpre apenas fazer notar que o texto constitui a primeira análise das categorias constitutivas da economia política operada a partir de uma perspectiva dialética e comunista; assinala o acúmulo intelectual processado por Engels ao cabo de um ano de estudos na Inglaterra, bem como os avanços realizados por ele no sentido de compreender a soci-

<sup>2</sup> Este é o objetivo e o conteúdo, por exemplo, do texto “Progressos da reforma social no Continente”, referido na p. 23, nota a, assim como do estudo “Rápidos avanços do comunismo na Alemanha”, também publicado no periódico *The New Moral World* entre dezembro de 1844 e maio de 1845 (cf. *Escritos de juventud*, cit., p. 249-58). Parte da colaboração de Engels ao jornal cartista *The Northern Star* tem a mesma característica.

<sup>3</sup> Sem prejuízo da sua coexistência com traços de uma filosofia da história de raiz hegeliana que até o processo de 1848/1849 acarretará limitações à visão revolucionária de Engels (cf. R. Rosdolsky, *Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*. México, Cuadernos de Pasado y Presente, 88, 1980).

<sup>4</sup> A resenha de Engels, na verdade um denso ensaio crítico (cf. *Escritos de juventud*, cit., p. 185-208), foi publicada no único número da revista *Deutsch-Französische Jahrbücher*, dirigida por Marx e Ruge em Paris. No mesmo número saiu o texto engeliano a que nos referiremos adiante, o “Esboço de uma crítica da economia política”.

<sup>5</sup> Cf. o volume *Escritos de juventud*, cit., p. 206.

<sup>6</sup> Uma excelente edição bilingue foi oferecida pela coleção *Connaissance de Marx* – F. Engels, *Esquisse d'une critique de l'économie politique/Umrisse zu einer Kritik der Nationalökonomie* (Paris, Aubier Montaigne, 1974).

<sup>7</sup> Já em 1844, Marx incorpora a caracterização engelsiana de Smith como o “luterano da economia política” (K. Marx, *Manuscrits de 1844. Économie politique et philosophie*, Paris, Éditions Sociales, 1969, p. 79-80). Em janeiro de 1859, analisa o texto como “genial” (K. Marx, *Contribuição para a crítica da economia política*, Lisboa, Estampa, 1971, p. 30). No *Capital* que publicou em vida (1867), transcreve passagens do ensaio de Engels: no cap. I, a propósito da lei que regula a quantidade de valor pelo tempo de trabalho socialmente necessário à produção; no cap. IV, acerca da fórmula geral do capital e das contradições desta (cf. volume e tomo citados na p. 25, nota c, respectivamente p. 73, 129 e 137). E, como notou H. Chamber, no prefácio que escreveu para a edição bilingue citada na nota anterior, nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, Marx desenvolve a concepção de alienação do proletário a partir da sua alienação diante do produto do trabalho, tal qual Engels indicara no “Esboço...”, bem como extai deste, para *O capital*, o papel que atribui à ciência numa economia capitalista industrializada; e, ainda, em sua obra contém a Ure idêntica importância à que lhe atribui Engels naquele escrito. Observa, enfim, Chamber: “Poder-se-ia qualificar adequadamente o ‘Esboço...’ dizendo que ele está para *O capital* assim como as últimas páginas da *Crítica da filosofia do direito de Hegel* [São Paulo, Boitempo, 2006] estão para o *Manifesto Comunista*” (loc. cit., p. 27). Por seu turno, depois de lembrar que “o primeiro texto resumido por Marx nos *Cadernos de Paris* foi o artigo de Engels ‘Esboço de uma crítica da economia política’”, Celso Frederico afirma que, “sem dúvida, Engels não só iniciou Marx no estudo da economia política, como também lhe forneceu elementos conceituais para a crítica dessa ciência” (C. Frederico, op. cit., p. 128).

<sup>8</sup> Uma versão do “Esboço...” encontra-se em Netto, J. P. (org.) *Engels* (São Paulo, Ática, col. “Grandes cientistas sociais”, v. 17, série “Política”, 1981).

dade burguesa. Como texto pioneiro e seminal – e é preciso insistir neste ponto: no momento em que Engels desbravava o caminho para alcançar a perspectiva heurística que haveria de abrir a via à descoberta da “anatomia da sociedade civil”, Marx, que ainda estava se desencilhando das suas lentes filosóficas, não vislumbrava o “primado ontológico da economia” (Lukács)<sup>a</sup> –, como texto pioneiro e seminal, o “Esboço...” possui debilidades salientadas pelo próprio Engels em carta de abril de 1871 a W. Liebknecht, na qual, numa autocrítica extremamente rigorosa e injusta, menciona inexactidões e o avalia como obsoleto, dispondo tão-somente de valor histórico<sup>b</sup>.

Muito para além das debilidades apontadas pelo autor<sup>c</sup>, o que importa são os indiscutíveis méritos do ensaio: se os juízos sobre os clássicos da economia política são unilaterais, se a análise das categorias econômicas ainda peca por eticismo, Engels formula suas idéias centrando a crítica na contradição que deriva compulsoriamente da manutenção da pro-

<sup>a</sup> Lefebvre observou, com a sua argúcia peculiar, que, em Paris (1844), Marx “estuda febri-mente os economistas, nisto precedido por Friedrich Engels. [...] Hegeliano de esquerda, comunista desde 1842, Engels tinha uma experiência social diferente e, em certo sentido, mais ampla que a de Marx. Para ele, o proletariado não era o que o que ainda permanecia sendo para Marx – o instrumento de realização da filosofia. [...] Seu ‘Esboço de uma crítica da economia política’ foi publicado [...] quando Marx mal começara a se interessar pela economia política [...]. Numa linguagem ainda filosófica, o ‘Esboço...’ já contém todos os elementos do socialismo científico: diferenciação crescente das classes, crises de superprodução cada vez mais graves e, sobretudo, a vinculação de todas as contradições econômicas à propriedade privada dos meios de produção. [...] Engels negou sempre que tenha ‘influenciado’ Marx. Na verdade, ele foi o primeiro e o único a propósito do qual se pode falar de uma influência ou, mais exatamente, de uma *contribuição* à doutrina de Marx. [...] A contribuição de Engels [...] foi positiva e decisiva: ofereceu a Marx seu conhecimento dos fatos econômicos, um esboço de análise e, em especial, uma apreciação solidamente fundada da sua importância” (H. Lefebvre, *La pensée de Karl Marx*. Paris, Bordas, p. 103-4); num texto muito posterior, Lefebvre escreve que “admite-se geralmente que o artigo de Engels to ‘Esboço...’ inaugura a linha de pensamento comumente chamada ‘marxismo’” (H. Lefebvre, *A cidade do capital*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999, p. 30). É ilustrativo comparar essa avaliação – que subscrevemos – com a desenvolvida por Jones, que minimiza a contribuição engelsiana e, consequentemente, subestima a importância do “Esboço...” (cf. G. Stedman Jones, “Retrato de Engels”, em E. J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo. 1. O marxismo no tempo de Marx*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 377-421).

<sup>b</sup> Cf. Cornu (op. cit. na p. 9, nota c, t. II, p. 321) e Chambre (prefácio à obra citada na p. 27, nota b).

<sup>c</sup> Para críticas ao “Esboço...”, vale recorrer aos textos já referidos de Mayer, Cornu e Ilychov et al. e ainda a E. Mandel, *A formação do pensamento econômico de Karl Marx* (Rio de Janeiro, Zahar, 1966, cap. 1) e a P. Walton e A. Gamble, *Problemas del marxismo contemporâneo* (Barcelona, Grijalbo, 1977, cap. 3).

priedade privada dos meios de produção numa ordem societária em que a produção é cada vez mais de caráter social; ao posicionar a propriedade privada dos meios de produção como a raiz da problemática político-social da sociedade capitalista, Engels (denunciando a teoria da população de Malthus, apontando para a inépcia das concepções econômico-liberais acerca da concorrência e do monopólio, pondo a nu a efetividade das crises cíclicas, focando a centralidade do trabalho para a determinação do valor etc.) dá o primeiro, e *fundamental*, passo para a crítica comunista à ordem burguesa embasada na investigação da economia.

Com efeito, o pensamento socialista da época conduzia a crítica da sociedade burguesa a partir de petições ético-morais e iluministas; no seu enfrentamento com a ordem estabelecida, denunciava-lhe as mazelas e injustiças e logo passava à construção de modelos ideais (o que expressava o salto ao utopismo); quando se colocava a análise concreta da produção burguesa, pouco conseguia avançar para além das mesmas categorias elaboradas pelos economistas que faziam a apologia do *status quo*. No “Esboço...”, o jovem Engels prolonga a evidente inspiração ética dos utópicos, mas situa a crítica da sociedade burguesa fora do âmbito da economia política que lhe é própria. Ele demonstra que e como essa economia é a expressão ideológica do estado de coisas vigente e funda a sua análise na investigação da realidade mesma. Utilizando procedimentos dialéticos, o jovem Engels *historiciza* as categorias econômicas e revela o seu condicionamento histórico-social. Examina os fatos econômicos com um agudo senso de *totalidade*: procura localizar o seu encadeamento, as suas interações, as suas contradições e, principalmente, a sua essencial unidade. Observa a complementaridade concorrência/monopólio, denuncia o caráter mistificador da teoria malthusiana etc. e, na sequência de sua argumentação, afirma a existência de *leis históricas iminentes* inevitáveis e necessárias à produção capitalista – a lei da concorrência, da centralização do capital, da crise periódica, da pauperização das massas. Ao mesmo tempo, assevera que a produção burguesa está condenada em curto prazo – a *polarização social que engendra implica a revolução proletária que a suprime*<sup>a</sup>. Com essa carnadura, se o “Esboço...” não rompe inteiramente com a crítica socialista de que é legatário e enfermo ainda dos vincos do comunismo filosófico, ele já expressa tanto os elementos

<sup>a</sup> Revolução que Engels estimará como iminente, numa avaliação equivocada que, até a abertura dos anos 1850, juntamente com Marx, ele conservará.

ideopolíticos e teóricos sobre os quais Engels elaborará *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* quanto o movimento de crítica da economia política com o qual começa a árdua e percuente pesquisa que, pelo trabalho de Marx, conduziria ao conhecimento verdadeiro (v. g., crítico) do modo de produção capitalista, de suas relações correspondentes de produção e circulação.

Como se verifica, quando redigiu o "Esboço...", Engels já acumulara – em exercícios políticos, intelectuais e teóricos que merecem maiores atenções – o necessário para preparar a obra-prima da sua juventude, cuja edição o leitor tem em mãos. Tratemos rapidamente dela, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

3

Entre os anos trinta e cinquenta do século XIX, o brutal *pauperismo* das camadas trabalhadoras urbanas, derivado diretamente da produção capitalista, impactou a consciência social europeia e deu origem a uma larga e copiosa documentação. Intelectuais dos mais diversos matizes – reacionários e conservadores, liberais e democratas, reformadores e revolucionários – ocuparam-se do que então era designado por todos como "questão social". Isto posto, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (como vimos, escrita entre o último trimestre de 1844 e março de 1845, e publicada em maio deste ano, em Leipzig) se inscreve no marco de uma literatura de que não é o ponto de partida nem o signo terminal; trata-se, antes, de uma obra que está encharcada do *esprit du temps*<sup>b</sup> – o jovem Engels, nesse sentido, tão-somente insere-se no debate social, mais significativo daqueles anos.

<sup>a</sup> Recorde-se, aleatoriamente, P. Gaskell, *A população trabalhadora das manufaturas da Inglaterra* (1833), A. de Villeneuve-Bargemont, *Tratado de economia política: crise ou pesquisas sobre o pauperismo* (1834), A. de Tocqueville, *Memória sobre o pauperismo* (1835), L. Villermé, *Quadro do estado físico e moral dos operários das manufaturas de algodão, lã e seda* (1840), E. Buret, *A miséria das classes trabalhadoras na França e na Inglaterra* (1840) e Ducpétiaux, *Da condição física e moral dos jovens operários e dos meios para melhorá-la* (1843). Sobre o referido impacto do pauperismo, vale recorrer a R. Castel, *As metamorfoses da questão social* (Petrópolis, Vozes, 1998, esp. p. 283 e ss.).

<sup>b</sup> Alguns analistas quiseram localizar no texto do jovem Engels, na medida em que foi legatário de parte da documentação já publicada, uma pretensa falta de originalidade. Mayer (op. cit. na p. 9, nota b, p. 196 e ss.) mostrou o infundado dessa reserva. Outras críticas tiveram réplica suficiente no ensaio "The Condition of the Working Class in England: 150 years on", de Anne Denny, em Christopher J. Arthur (ed.), *Engels Today: A Centenary Appreciation* (Londres, Macmillan, 1996).

Precisamente porque a temática estava na ordem do dia, porque o objeto da reflexão já vinha sendo amplamente explorado, ganha especial relevo a modalidade de inserção de Engels naquele debate, modalidade na qual se revela a *radical originalidade* da contribuição do jovem revolucionário. Essa originalidade não reside seja na "observação participante"<sup>a</sup>, seja na natureza dos dados de que o autor se vale, muitos dos quais disponíveis nos estudosos que o precederam. A radical originalidade do trabalho juvenil de Engels, que torna *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* uma obra absolutamente inovadora, pode ser sinalizada se se considerar que, na literatura europeia de que é parte integrante, é nela que, pela primeira vez:

a) a *revolução industrial* ganha a centralidade que de fato lhe cabe para a compreensão de como o capital passa a controlar a produção de mercadorias (controle que, como se sabe, assinala efetivamente a emergência da circulação capitalista que desloca a circulação simples); não se registra, em toda a literatura contemporânea à obra jovem-engelsiana, nenhuma elaboração que tenha apreendido com similar acuidade o fenômeno industrial<sup>b</sup>;

b) a solução da "questão social" deixa de estar hipotecada à filantropia, à moralização da sociedade ou à realização, de receitas utópicas, idealizadas por mentes generosas; porque compreendida como implicação necessária do padrão societário embasado na propriedade privada dos meios de produção fundamentais, sua resolutibilidade é posta como função da supressão desse mesmo padrão societário;

c) o proletariado não comparece como massa indiferenciada, sofredora e passiva, tal como o visualizavam os socialistas contemporâneos do jo-

<sup>a</sup> É de notar o que se segue ao título da obra, muitas vezes omitido em edições posteriores: "segundo as observações do autor e fontes autênticas"; o que depois seria designado como "observação participante" foi uma técnica eticamente empregada por Engels, mas não pode ser considerado como um traço original na composição d'*A situação*... No que toca às fontes, Engels não foi o primeiro a valer-se de relatórios e documentação oficiais (procedimento depois largamente utilizado por Marx n' *O capital*) e referir por Lenin n' *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*), mas cumpre realçar a significação que confere às informações veiculadas pela imprensa, notadamente aquela ligada ao movimento operário (assinale-se o peso dos informes, e mesmo avaliações, de *The Northern Star*).

<sup>b</sup> Nem, por outra parte, a sua relevância para compreender a *urbanização capitalista* como instrumento, particular de segregação social; cumpre notar que os méritos do jovem Engels no trato do urbano já foram adequadamente reconhecidos: fonte de credibilidade considerou a "sua descrição de Manchester [...] uma obra-prima de análise ecológica" (*Current Sociology: Urban Sociology/Research in Great Britain*, Paris, Unesco, 1955, v. 4, p. 30 apud Hobsbawm, op. cit. na p. 9, nota a).

vem Engels; este foi capaz de apaparhar, na situação proletária, a dinâmica criativa que, saturando a rebeldia e o protesto operários, põe o proletário, o trabalhador urbano-industrial, enquanto classe, como sujeito revolucionário, qualificado para promover a sua autoliberação.

Essas notas seguramente não escaparão ao leitor d' *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, que, entre outros méritos, é vazada numa linguagem cristalina e elegante e se apresenta com uma arquitetura formal impecável. A centralidade da revolução industrial comparece frontalmente na "Introdução" e no primeiro capítulo<sup>1</sup> – nessas páginas introdutórias, Engels oferece um rápido, mas elucidativo, panorama das transformações que ela opera na Inglaterra entre 1780 e 1840; na sequência que constitui o capítulo inicial do livro, a tematização da revolução industrial tem prosseguimento, mas a ênfase recai na característica *concentradora/centralizadora* da grande indústria – econômica (a concentração da riqueza), social (a polarização e o aparecimento da classe operária) e ecológica (a urbanização). Esta última constitui o objeto do segundo capítulo: o fato de tomar (teórica e analiticamente) a urbanização moderna como variável da industrialização capitalista permite-lhe escapar do empirismo no tratamento que dá às grandes cidades; os dados factuais de que dispõe são articulados a partir dessa chave heurística e fornecem uma perfeita sinopse da modalidade de emergência da cidade que o domínio do capital amolda às suas exigências<sup>2</sup>.

No terceiro capítulo, o leitor encontra a súpua do esquema teórico – derivado da argumentação do "Esboço..." – que estrutura as idéias do jovem Engels em matéria de (crítica da) economia política. A *concorência* aparece como o fenômeno axial da organização societária posta pelo capitalismo e é dela que deriva a *crise*, cuja periodicidade tipifica o próprio movimento do crescimento econômico. Nesse esquema teórico dá-se a primeira aproximação ao que Marx, n' *O capital*, chamará de "exército industrial de reserva" (que, então, Engels designa como "exército de trabalhadores desempregados"). Ainda nesse capítulo, o jovem Engels engrena uma problemática teoria dos salários, segundo a qual o *salário médio* tende a distanciar-se muito pouco do *salário mínimo* que assegura a reprodução dos proletários, os escravos modernos.

<sup>1</sup> Como o leitor observará, Engels não numerou os capítulos do seu livro; meus comentários seguem, porém, a sua ordem.

<sup>2</sup> Interessantes disquisições a respeito do conjunto do pensamento engelsiano acerca da cidade encontram-se no texto de Lefebvre, *A cidade do capital*, referido na p. 26, nota a.

Se o quarto capítulo enfoca a utilização da reserva de força de trabalho (fornecida pela imigração) manipulada pela grande indústria, o seu objeto real – e de todos os capítulos subsequentes, até o décimo – é mesmo a situação proletária. Analisando as condições de vida e trabalho dos empregados dos diversos ramos industriais (inclusive a agricultura impactada pelas relações capitalistas), o jovem Engels oferece o painel das misérias operárias – no contraponto, o oitavo capítulo centra-se nas formas de protesto proletário.

O último capítulo, por sua vez, é um primor de análise psicossocial. Não se trata, nele, apenas do comportamento sociopolítico da burguesia, classe que impõe à sociedade a sua ditadura – o jovem Engels, com singelo exemplário, fornece também as pistas mais significativas para a determinação dos mecanismos pelos quais os sujeitos sociais burgueses constroem a sua auto-imagem.

Ao leitor arguto não será difícil perceber que há um conjunto de capítulos fundados especialmente em observações pessoais (o segundo, o quarto, o sexto, o décimo primeiro). Quanto às fontes, Engels não as escamoteia e pode-se indicar como mais importantes as obras de P. Gaskell, J. Wade, G. Porter, E. Baines, A. Ure, T. Carlyle, dos irmãos Alison e, ainda, os relatórios de comissões parlamentares e inspetores/comissários fabris, ademais da imprensa.

O mesmo leitor notará que *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* não passou incólume pelas provas do tempo e da história. A obra esuda um otimismo revolucionário meio ingênuo (mas o autor tinha 24 anos!), pagar seus tributos ao eticismo provindo dos utópicos (nomeadamente Owen) e assenta numa concepção ainda pouco concreta da nuclearidade da dinâmica social sob o capitalismo (a apreensão do papel das lutas de classes ainda não alcança adequada determinação). Na verdade, dentre as fragilidades do texto "jovem-engelsiano", a mais evidente diz respeito às projeções que esboça, das quais as substantivas gravitam em torno da iminência da revolução social na Inglaterra, que não deixam vislumbrar nem uma alternativa em médio prazo para o capitalismo nem a possibilidade de uma degradação reformista do movimento operário.

<sup>2</sup> Parece-me que a já antiga crítica de Hobsbawm (op. cit. na p. 9, nota a) é aquela que melhor trata dos aspectos problemáticos d' *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Para o grande historiador, há que se lamentar, nesta obra, da pouca atenção dada à influência religiosa sobre os meios operários, da subestimação de formas "autônomas" de cultura proletária e do descuido para com o movimento cooperativista.

Mas não creio que isto deva ser creditado apenas ao grau de maturação das concepções do jovem Engels; antes, hipoteca-se às condições histórico-sociais e políticas nas quais trabalhou – a culminação da crise que, em 1842, propiciou a greve geral declarada pelos caristas e que possuiu, para a Inglaterra, a mesma ponderação que a crise revolucionária de 1848/1849 teve para o continente. Trabalhando nessa ambigüência – e, ainda, com a reverberação da *Traitoria européia* em seu ânimo –, não é de estranhar que o colapso do capitalismo se lhe tenha afigurado como algo de imediato. É o *catastrofismo* com que o jovem Engels encara o presente do capitalismo que, como se vê, funda muito do seu otimismo revolucionário dos anos 1840, o qual o velho Engels reconheceu, naturalmente de bom grado, como um equívoco.

Mesmo vincando e, logo, comprometendo historicamente o texto, essa perspectiva equivocada não lesiona a essencialidade da obra do jovem Engels. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é um clássico pela abrangência com que a pesquisa empírica se articula com a matriz teórica, pela adequação entre o cuidado para com a factualidade e a exigência de generalização. Dir-se-á: uma obra exemplar – paradigmática de como um enquadramento teórico orienta a seleção e a análise factual e como esta, tratada dialeticamente, pode incidir na correção daquele. *Na situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, essa incidência ainda não comparece íntegra – terá lugar na posterior elaboração de Marx e de Engels; mas suas linhas gerais estão contidas na concepção global da obra e, de qualquer forma, a elaboração ulterior seria impensável sem o livro de 1845.

Enfim, há uma outra nota nuclear desta obra do jovem Engels, igualmente assinalada com propriedade por Hobsbawm: “Engels prova-nos que, no domínio das ciências sociais, ninguém pode produzir uma obra científica sem se ter desembarrado previamente das ilusões da sociedade burguesa”<sup>a</sup>. Com efeito, não é apenas uma opção (de classe) revolucionária que garante na teoria social a alternativa da possibilidade – digamos – científica; neste domínio, entretanto, essa opção parece configurar uma *condição necessária* à pesquisa que se quer qualificar como científica. E a leitura d’*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – tornada tanto mais atual na medida em que as ciências sociais

descobrem que a “questão social” continua na ordem do dia<sup>a</sup> – revela o profundo *pathos* com que o jovem Engels atendeu a essa condição, rompendo resolutamente com as constrangedoras restrições que a sua origem de classe lhe impunha.

José Paulo Netto

Recreio dos Bandeirantes, maio de 2005

<sup>a</sup> O acaso do século XX – com a crise societária de que são verso e reverso a falência do que imprópriamente se denominou *socialismo real* e a bem-sucedida ofensiva neoliberal contra o chamado *Estado de bem-estar social* – repôs na ordem do dia a problemática da “questão social”. Larga bibliografia voltou a tematizar um objeto que parecia superado, acumulando estudos cuja seriedade é incontestável e dando rédea solta ao ensaísmo que não consegue esconder a sua capitulação frente ao completo esgotamento das possibilidades civilizatórias do regime do capital – de que são emblemáticos, respectivamente, os trabalhos de Robert Castel (*As metamorfoses da questão social*, citado na p. 30, nota a) e de Pierre Rosanvallon (*La nouvelle question sociale. Repenser l'état providence*, Paris, Seuil, 1995). Cito especialmente a bibliografia francesa em função de seus usos no Brasil, mas esse gênero de documentação tornou-se abundante, a partir dos anos 1990, também em inglês, italiano e castelhano. Em especial, essa bibliografia repercutiu no âmbito de atividades profissionais voltadas para a intervenção social, de que é exemplar o caso do Serviço Social: a título de ilustração, cf. os qualificados trabalhos, em castelhano, de Margarita Rozas Pagaza (*La intervención profesional en relación con la cuestión social. El caso del Trabajo Social*, Buenos Aires, Espacio, 2001) e, em português, de Carlos Monteiro (*Terceiro setor e questão social. Crítica ao padrão emergente de intervenção social*, São Paulo, Cortez, 2002) e, ainda, o número dedicado a essa problemática pela revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, *Temporales* (Brasília, ABEPS, ano II, n. 3, jan.-jun. de 2001). Vale recorrer também ao sintético, mas eficiente, opúsculo de Alejandra Pastorini, *A categoria “questão social” em debate* (São Paulo, Cortez, 2004).

<sup>a</sup> Hobsbawm, op. cit. na p. 9, nota a.





## AS GRANDES CIDADES

Uma cidade como Londres, onde é possível caminhar horas e horas sem sequer chegar ao princípio do fim, sem encontrar o menor sinal que faça supor a vizinhança do campo, é verdadeiramente um caso singular.

Essa imensa concentração, essa aglomeração de 2,5 milhões de seres humanos *num só local*, centuplicou o poder desses 2,5 milhões: elevou Londres à condição de capital comercial do mundo, criou docas gigantescas, reuniu milhares de navios, que cobrem continuamente o Tâmesa. Não conheço nada mais imponente que a vista oferecida pelo Tâmesa, quando se sobe o rio, do mar até a ponte de Londres. A massa constituída pelo casario, os estaleiros em ambos os lados, (sobretudo acima de Woolwich), os incontáveis navios dispostos ao longo das duas margens, apertando-se sempre mais uns contra os outros a ponto de só deixarem livre uma estreita passagem no meio do rio, na qual se cruzam velozmente centenas de barcos a vapor – tudo isso é tão extraordinário, tão formidável, que nos sentimos atordoados com a grandeza da Inglaterra antes mesmo de pisar no solo inglês<sup>1</sup>.

Mas os sacrifícios que tudo isso custou, nós só os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos, por uns quantos dias, as pedras das ruas principais, depois de passar a custo pela multidão, entre as filas intermináveis de veículos e carroças, depois de visitar os “bairros de má fama” desta metrópole – só então começamos a notar que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua condição de homens para realizar todos esses milagres da civilização de que é pródiga a cidade, só então começamos a notar que mil forças latentes permaneceram inativas e foram asfixiadas para que só

<sup>1</sup> Essa era a visão oferecida há quase cinquenta anos, no tempo dos pitorescos barcos à vela. Hoje, os veleiros fazem nas docas e o Tâmesa está coberto de barcos a vapor, horrendos e fuliginosos. [Nota de Engels à edição inglesa de 1892. (N.E.)]

alguns pudessem desenvolver-se mais e multiplicar-se mediante a união com as de outros. Até mesmo a multidão que se movimenta pelas ruas tem qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Esses milhares de indivíduos, de todos os lugares e de todas as classes, que se apressam e se empurram, não serão *todos eles* seres humanos com as mesmas qualidades e capacidades e com o mesmo desejo de serem felizes? E não deverão *todos eles*, enfim, procurar a felicidade pelos mesmos caminhos e com os mesmos meios? Entretanto, essas pessoas se cruzam como se nada tivessem em comum, como se nada tivessem a realizar uma com a outra e entre elas só existe o tático acordo pelo qual cada uma só utiliza uma parte do passeio para que as duas correntes da multidão que caminham em direções opostas não impeçam seu movimento mútuo – e ninguém pensa em conceder ao outro sequer um olhar. Essa indiferença brutal, esse insensível isolamento de cada um no terreno de seu interesse pessoal é tanto mais repugnante e chocante quanto maior é o número desses indivíduos confinados nesse espaço limitado; e mesmo que saibamos que esse isolamento do indivíduo, esse mesquinho egoísmo, constitui em toda a parte o princípio fundamental da nossa sociedade moderna, em lugar nenhum ele se manifesta de modo tão impudente e claro como na confusão da grande cidade. A desagregação da humanidade em milhões, cada qual com um princípio de vida particular e com um objetivo igualmente particular, essa atomização do mundo, é aqui levada às suas extremas consequências.

É por isso que a guerra social, a guerra de todos contra todos, é aqui explicitamente declarada. Tal como o amigo Stirner<sup>8</sup>, os homens só se consideram reciprocamente como objetos utilizáveis: cada um explora o outro e o resultado é que o mais forte pisa no mais fraco e os poucos fortes, isto é, os capitalistas, se apropriam de *tudo*, enquanto aos muitos fracos, aos pobres, mal lhes resta apenas a vida.

O que é verdadeiro para Londres também é para Manchester, Birmingham e Leeds – é verdadeiro para todas as grandes cidades. Em todas as partes, indiferença bárbara e grosseiro egoísmo de um lado e, de outro, miséria indescritível, em todas as partes, a guerra social: a casa de cada um em estado de sítio; por todos os lados, pilhagem recíproca sob a proteção da lei;

<sup>8</sup> Engels refere-se a Max Stirner, pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt (1806-1856), filósofo alemão, ideólogo do individualismo burguês e do anarquismo, cuja obra mais famosa é de 1845: *O único e sua propriedade*. Stirner foi objeto da crítica de Marx e de Engels no primeiro texto que escreveram em conjunto, *A sagrada família ou a crítica da crítica crítica* (São Paulo, Boitempo, 2003, original de 1845).

Tudo isso tão despuddorada e abertamente que ficamos assombrados diante das consequências das nossas condições sociais, aqui apresentadas sem véus, e permanecemos espantados com o fato de este mundo enlouquecido ainda continuar funcionando.

Na escala em que, nessa guerra social, as armas de combate são o capital, a propriedade direta ou indireta dos meios de subsistência e dos meios de produção, é óbvio que todos os ônus de uma tal situação recaem sobre o pobre. Ninguém se preocupa com ele: lançado nesse turbilhão caótico, ele deve sobreviver como puder. Se tem a sorte de encontrar trabalho, isto é, se a burguesia lhe faz o favor de enriquecer à sua custa, espera-o um salário apenas suficiente para o manter vivo; se não encontrar trabalho e não temer a polícia, pode roubar; pode ainda morrer de fome, caso em que a polícia tomará cuidado para que a morte seja silenciosa para não chocar a burguesia.

Durante o período em que permaneci na Inglaterra, a causa direta da morte de vinte ou trinta pessoas foi a fome, em circunstâncias as mais revoltantes; mas, quando dos inquéritos<sup>9</sup>, raramente se encontrou um júri que tivesse a coragem de atestá-lo em público. Os depoimentos das testemunhas podiam ser os mais claros e inequívocos, mas a burguesia – à que pertenciam os membros do júri – encontrava sempre um pretexto para escapar ao terrível veredicto: morte por fome. Nesses casos, a burguesia não *deve* dizer a verdade: pronunciá-la equivaleria a condenar a si mesma. Muito mais numerosas foram as mortes causadas indiretamente pela fome, porque a sistêmica falta de alimentação provoca doenças mortais: as vítimas viam-se tão enfraquecidas que enfermidades que, em outras circunstâncias, poderiam evoluir favoravelmente, nesses casos determinaram a gravidade que levou à morte. A isso chamam os operários ingleses de *assassinato social* e acusam nossa sociedade de praticá-lo continuamente. Estarão errados?

Morrem de fome, é certo, indivíduos isolados, mas que segurança tem o operário de que amanhã a mesma sorte não o espera? Quem pode garantir-lhe que não perderá o emprego? Quem lhe assegura que amanhã, quando o patrão – com ou sem motivos – o puser na rua, poderá agüentar-se, a si e à sua família, até encontrar outro que “lhe dê o pão”? Quem garante ao operário que, para arranjar emprego, lhe basta boa vontade para trabalhar, que a honestidade, a diligência, a parcimônia e todas as outras numerosas virtudes que a ajuzada burguesia lhe recomenda são para ele realmente o

<sup>9</sup> Na época, diante de qualquer morte violenta ou suspeita, o coronel (oficial de polícia) examinava o cadáver e, assistido por um júri, procedia a um inquérito.

caminho da felicidade? Ninguém. O operário sabe que, se hoje possui alguma coisa, não depende dele conservá-la amanhã; sabe que o menor suspiro, o mais simples capricho do patrão, qualquer conjuntura comercial desfavorável podem lançá-lo no turbilhão do qual momentaneamente escapou e no qual é difícil, quase impossível, manter-se à tona. Sabe que se hoje tem meios para sobreviver, pode não os ter amanhã.

Mas passemos agora a um exame mais detalhado das condições que a guerra social impõe à classe que nada possui. Vejamos que salário, sob a forma de habitação, vestuário e alimentação, a sociedade paga de fato ao operário por seu trabalho; vejamos que existência assegura àqueles que mais contribuem para sua existência – e observemos primeiro a habitação.

Todas as grandes cidades têm um ou vários "bairros de má fama" onde se concentra a classe operária. É certo ser freqüente a miséria abrigar-se em vielas escondidas, embora próximas aos palácios dos ricos; mas, em geral, é-lhe designada uma área à parte, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve safar-se, bem ou mal, sozinha. Na Inglaterra, esses "bairros de má fama" se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; quase sempre, uma longa fila de construções de tijolos, de um ou dois andares, eventualmente com porões habitados e em geral dispostas de maneira irregular. Essas pequenas casas de três ou quatro cômodos e cozinha chamam-se *cottages* e normalmente constituem em toda a Inglaterra, exceto em alguns bairros de Londres, a habitação da classe operária. Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias – onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa.

Examinemos alguns desses bairros miseráveis. Primeiramente, Londres? e, em Londres, o famigerado *ninho dos corvos* (*rookery*). St. Giles, que deverá

<sup>2</sup> Já havia redigido a exposição que se segue quando me caiu nas mãos um artigo sobre os bairros operários de Londres, intitulado "The Dwellings of the Poor, from notebook of a M. D." [As habitações dos pobres, segundo o caderno de notas de um médico], publicado no *Illuminated Magazine* de outubro de 1844 – artigo que confirma minha exposição em muitos pontos quase literalmente, mas em especial no que toca ao conteúdo.

ser destruído pela abertura de vias largas. St. Giles fica no meio da parte mais populosa da cidade, rodeado de ruas amplas e iluminadas por onde circula o "grande mundo" londrino – vizinho imediato de Oxford Street, de Regent Street, de Trafalgar Square e do Strand. É uma massa desordenada de casas de três ou quatro andares, com ruas estreitas, tortuosas e sujas, onde reina uma agitação tão intensa como aquela que se registra nas principais ruas da cidade – com a diferença de que, em St. Giles, vê-se unicamente pessoas da classe operária. Os mercados são as próprias ruas: cestos de legumes e frutas, todos naturalmente de péssima qualidade e dificilmente comestíveis, complicam o trânsito dos pedestres e enchem o ar de mau cheiro, o mesmo que emana dos açougues. As casas são habitadas dos porões aos desvãos, sujas por dentro e por fora e têm um aspecto tal que ninguém desejaria morar nelas. Mas isso não é nada, se comparado às moradias dos becos e vielas transversais, aonde se chega através de passagens cobertas e onde a sujeira e o barulho superam a imaginação: aqui é difícil encontrar um vidro intacto, as paredes estão em ruínas, os batentes das portas e os caixilhos das janelas estão quebrados ou descolados, as portas – quando as há – são velhas pranchas pregadas umas às outras; mas, nesse bairro de ladrões, as portas são inúteis: nada há para roubar. Por todas as partes, há montes de detritos e cinzas e as águas servidas, diante das portas, formam charcos nauseabundos. Aqui vivem os mais pobres entre os pobres, os trabalhadores mais mal pagos, todos misturados com ladrões, escroques e vítimas da prostituição. A maior parte deles são irlandeses, ou seus descendentes, e aqueles que ainda não submergiram completamente no turbilhão da degradação moral que os rodeia a cada dia mais se aproximam dela, perdendo a força para resistir aos influxos aviltantes da miséria, da sujeira e do ambiente mal-são.

Mas St. Giles não é o único bairro miserável de Londres. Nesse gigantesco labirinto de ruas há milhares de vielas e de becos, cujas casas são demasiadamente horríveis para qualquer um que ainda possa dispor de uma pequena quantia para pagar uma habitação humana – e muitas vezes essas miseráveis refúgios do pior pauperismo se encontram próximos dos suntuosos palácios dos ricos. Foi assim que recentemente, quando de um inquérito mortuário, uma área junto de Portman Square, uma praça ampla e arejada, recebeu a qualificação de moradia "de uma multidão de irlandeses moralmente degradados pela sujeira e pela pobreza". Em ruas como

<sup>a</sup> Ao longo de todo o livro, Engels – que não está preocupado com determinações categoriais jurídicas – emprega como sinônimos *roubo* e *furto*.

London, 1844

Long Acre e outras, não propriamente espaços de luxo, mas bastante convenientes, incontáveis porções são usados como habitações, dos quais saem à luz do dia silhuetas de crianças doentes e mulheres esfarrapadas, meio mortas de fome. Nas vizinhanças do teatro de Drury Lane – o segundo de Londres – encontram-se algumas das ruas mais degradadas da cidade (Charles Street, King Street e Parker Street), cujas casas são habitadas, dos porões aos desvãos, por famílias paupérrimas. Nas paróquias de St. John e St. Margaret, em Westminster, segundo o *Journal of the Statistical Society*, em 1840, 5.366 famílias de operários viviam em 5.294 “habitações” (se é que a palavra pode ser usada): homens, mulheres e crianças, misturados sem qualquer preocupação com idade ou sexo, num total de 26.830 indivíduos – e três quartos do total dessas famílias dispunham de um só cômodo<sup>a</sup>. Na aristocrática paróquia de St. George (Hanover Square), de acordo com a mesma fonte<sup>b</sup>, 1.465 famílias de operários, totalizando cerca de 6 mil pessoas, viviam nas mesmas condições – e, delas, mais de dois terços das famílias amontoavam-se num só cômodo. E a esses infelizes, entre os quais nem sequer os ladrões esperam encontrar algo para roubar, as classes proprietárias, por meios legais, como os exploram! Pelos horrosos alojamentos de Drury Lane, acima referidos, pagam-se os seguintes alugueis semanais: dois cômodos no porão, 3 *shillings* (1 táler); um cômodo no térreo, 4 *shillings*, no primeiro andar, 4,5 *shillings*, no segundo, 4 *shillings*, no sótão, 3 *shillings*. Os famélicos habitantes da Charles Street pagam aos proprietários dos imóveis um aluguel anual de 2 mil libras esterlinas (14 mil táleres) e aquelas 5.366 famílias de Westminster, um total de 40 mil libras esterlinas (270 mil táleres).

<sup>a</sup> Os dados oferecidos pela fonte citada por Engels são outros: o “Report of a Committee of the Statistical Society of London, on the State of the Working Classes in the Parishes of St. Margaret and St. John, Westminster” [Relatório de um Comitê da Sociedade de Estatística de Londres sobre as condições das classes trabalhadoras nas paróquias de St. Margaret e St. John, em Westminster], publicado no *Journal of the Statistical Society of London*, 1840, v. III, p. 17-8, apontam um total de 16.176 indivíduos: tudo indica que a cifra mencionada por Engels foi extraída do *Northern Star*, n. 338, de 4 de maio de 1844. Esse jornal, semanário fundado em Leeds, em 1838, por Fergus Edward O’Connor (cf. índice onomástico, p. 366), foi o principal órgão do movimento cartista; depois de 1844, passou a ser editado em Londres, dirigido por George Julian Harney (1817-1897), e circulou até 1852. Desde o início de sua estada na Inglaterra, Engels manteve uma relação estreita com o periódico: já em dezembro de 1843 escreve nele – mas sua colaboração sistemática principiava em maio de 1844 e se prolonga até 1848 (com um hiato, entre agosto de 1844 e agosto de 1845).

<sup>b</sup> Para esse novo dado, Engels se socorre do mesmo periódico (*Journal of the Statistical Society of London*), porém de seu volume VI, 1843, recorrendo a um artigo de C. R. Weld.

Mas a maior zona operária situa-se a leste da Torre de Londres, em Whitechapel e Bethnal Green, onde se concentra a grande massa de operários da cidade. Ougamos o que diz o senhor G. Alston, pastor de St. Philip, Bethnal Green, acerca das condições de sua paróquia:

A paróquia envolve 1.400 casas, habitadas por 2.795 famílias, ou seja, quase 12 mil pessoas. O espaço em que vive essa grande massa mede menos de 400 jardas quadradas (1.200 pés) e, num tal amontoamento, não é raro encontrar-se um homem, sua mulher, 4 ou 5 filhos e, às vezes, também o avô e a avó, num só cômodo de 10 ou 12 pés quadrados, onde trabalham, comem e dormem. Creio que, antes do bispo de Londres ter chamado a atenção do público para essa paróquia tão miserável, a gente do West End a conhecia tal como conhece os selvagens australianos ou as ilhas dos mares do sul. Se quisermos conhecer, por observação direta, os sofrimentos desses infelizes, ao examinar sua parca alimentação e ao vê-los submetidos às doenças e ao desemprego, descobriremos um abandono e uma miséria tais que uma nação como a nossa deveria envergonhar-se de sua existência. Fui pastor em Huddersfield nos três anos em que as fábricas estiveram em crise, mas nunca vi algo como o inteiro abandono dos pobres de Bethnal Green. Não há um único pai de família em cada dez, em toda a vizinhança, que tenha outras roupas além de sua roupa de trabalho, e esta rota e esfarrapada; muitos só têm à noite, como cobertas, esses mesmos farrapos e, por cama, um saco de palha e serragem.<sup>a</sup>

Essa descrição já nos sugere como devem ser tais habitações. Tratemos de seguir as autoridades inglesas que, vez por outra, entram em algumas casas proletárias.

Por ocasião de uma necropsopia, realizada em 14 de novembro de 1843 pelo senhor Carter, *coroner* do Surrey, no cadáver de Ann Galway, mulher de 45 anos, os jornais<sup>b</sup> descreveram a casa da falecida nos seguintes termos: morava no nº 3 de White Lion Court, Bermondsey Street, Londres, com o marido e o filho de dezoito anos, em um pequeno quarto onde não havia cama ou qualquer outro móvel. Jazia morta ao lado do filho, sobre um monte de penas, espalhadas sobre o corpo quase nu, porque não havia lençóis ou cobertores. As penas estavam de tal modo aderidas à sua pele que o médico só pôde observar o cadáver depois que o lavaram – e encontrou-o descaido e todo marcado por picadas de insetos. Parte do piso do quarto estava escavado e esse buraco servia de latrina à família.

<sup>a</sup> O relato do pastor G. Alston, anteriormente publicado no *The Weekly Dispatch*, foi divulgado pelo *Northern Star*, n. 338, de 4 de maio de 1844.

<sup>b</sup> *The Times*, 17 de novembro de 1843; *Northern Star*, n. 315, 25 de novembro de 1843.

Numa quinta-feira, 15 de janeiro de 1844, dois meninos foram levados ao tribunal correcional de Worship Street porque, famintos, haviam roubado numa loja um pedaço de carne bovina meio cozida, que devoraram imediatamente<sup>a</sup>. O juiz sentiu-se no dever de recolher mais informações e recebeu dos policiais os seguintes esclarecimentos: viúva de um antigo soldado, que depois servira à polícia, a mãe dos meninos, após a morte do marido, vivia na miséria com seus nove filhos. Morava em Pool's Place, no nº 2 da Quaker Street (Spitalfields), na maior pobreza: quando a polícia chegou ao lugar, encontrou-a com seis dos filhos literalmente empilhados num pequeno quarto dos fundos da casa, tendo como suas apenas duas cadeiras de vime sem assento, uma mesinha com os pés quebrados, uma xícara partida e um pequeno prato. Não tinha praticamente como fazer fogo, a cama de toda a família era uns poucos trapos e os cobertores eram suas próprias roupas em farrapos. A pobre mulher contou que, no ano anterior, vendera a cama para comprar comida; os lençóis, deixara-os enpenhados na mercearia – em suma, entregara tudo em troca de pão. O juiz fez com que se concedesse a essa mulher um significativo subsídio da Caixa dos Pobres.

Em fevereiro de 1844, Theresa Bishop, uma viúva de 60 anos, juntamente com a filha enferma de 26 anos, foi recomendada à beneficência do juiz de Marlborough Street<sup>b</sup>. Morava no nº 5 de Brown Street, Grosvenor Square, num pequeno quarto de um pátio, não maior que um armário, e no qual não havia sequer um móvel. Num canto, os poucos trapos sobre os quais dormiam; um caixote servia, ao mesmo tempo, de mesa e de cadeira. A mãe ganhava uns tostões fazendo limpezas; segundo o proprietário, viviam assim desde maio de 1843; tinham vendido aos poucos o que possuíam, mas nunca conseguiram pagar o aluguel. O juiz determinou à Caixa dos Pobres que desse a essa mulher uma pensão de uma libra.

É óbvio que não pretendo afirmar que *todos* os operários de Londres vivem na mesma miséria dessas três famílias; sei muito bem que, para cada homem que é impiedosamente esmagado pela sociedade, há muitos que vivem melhor. Mas afirmo que milhares de famílias honestas e laboriosas – muito mais honestas e estimáveis que todos os ricos de Londres – encontram-se em condições indignas de seres humanos e que todo proletário, sem

qualquer exceção, sem que a culpa seja sua e apesar de todos os seus esforços, pode ter o mesmo destino.

No fim das contas, porém, os que dispõem de todo modo de um teto são mais felizes que aqueles que não o têm: todas as manhãs, em Londres, 50 mil pessoas acordam sem a menor idéia de onde repousarão a cabeça na noite seguinte. Dessas 50 mil pessoas, afortunadas são aquelas que conseguem 1 ou 2 *pençe* para pagar um abrigo nos albergues noturnos (*lodging-houses*) que, numerosos, existem em todas as grandes cidades. Mas que abrigo! Os alojamentos estão cheios de camas, de alto a baixo: num quarto, quatro, cinco e seis camas, quantas caibam e, em cada cama, empilham-se quatro, cinco e seis pessoas, também quantas caibam, – saídas e doentes, velhos e jovens, homens e mulheres, sóbrios e bêbados, todos misturados. Naturalmente, discutem, agriem-se, ferem-se e, se chegam a algum acordo, pior ainda: planejam roubos e entregam-se a práticas cuja bestialidade nossa língua humanizada se recusa a descrever. E quanto àqueles que nem esse tipo de alojamento podem pagar? Pois bem: dormem em qualquer lugar, nas esquinas, sob uma arcada, num canto qualquer onde a polícia ou os proprietários os deixem descansar tranquilos; alguns se acomodam em assios construídos aqui e acolá pela beneficência privada, outros nos bancos dos jardins, quase sob as janelas da rainha Vitória. Vejamos o que diz o *Times*<sup>a</sup> de 12 de outubro de 1843:

Nossa seção policial publicada ontem indica que dormem nos jardins, todas as noites, cerca de cinquenta pessoas, sem outra proteção contra as intempéries que árvores e tocas escavadas em muros. Em sua maioria, são moças que, seduzidas por soldados, vieram do campo e, abandonadas neste vasto mundo à degradação de uma miséria sem esperança, tornaram-se vítimas inconscientes e precoces do vício.

Na realidade, isso é assustador. Os pobres estão em toda parte. Por toda parte, a indignância avança e insere-se, com toda a sua monstruosidade, no coração de uma grande e florescente cidade. Nos milhares de becos e vielas de uma populosa metrópole sempre haverá – dói dizê-lo – muita miséria que fere o olhar e muita que nunca será vista.

Mas é assustador que, no próprio recinto da riqueza, da alegria e da elegância, junto à grandiosa real de St. James, nas proximidades do esplêndido palácio de Bayswater, onde se encontram o velho e o novo bairros aristocráticos, numa área da cidade onde o requinte da arquitetura moderna prontamente impediu que se construísse qualquer moradia para a pobreza,

<sup>a</sup> Idem, 16 de janeiro de 1844.

<sup>b</sup> Idem, 12 de fevereiro de 1844.

<sup>a</sup> *The Times*, o principal diário inglês conservador, foi fundado em Londres em 1º de janeiro de 1785, por J. Walter, com o título *Daily Universal Register*, a denominação atual foi assumida três anos mais tarde.

numa área que parece consagrada ao desfrute da riqueza, é assustador que *exatamente* aí venham instalar-se a fome e a miséria, a doença e o vício, com todo o seu cortejo de horrores, destruindo um corpo atrás de outro, uma alma atrás de outra!

É uma situação verdadeiramente monstruosa. O máximo prazer proporcionado pela saúde física, a atividade intelectual, as mais inocentes alegrias dos sentidos lado a lado com a miséria mais cruel! A riqueza que, do alto de seus salões luxuosos, gargalha indiferente diante das obscuras feridas da indigência! A alegria que inconscientemente, zomba do sofrimento que geme ali embaixo! Todos os contrastes em luta, tudo em oposição, exceto o vício que conduz à tentação e aqueles que se deixam tentar... Que todos reflitam: na área mais luxuosa da cidade mais rica do mundo, noite a noite, inverno a inverno, vivem mulheres, jovens em idade e envelhecidas pelos pecados e pelo sofrimento, expulsas da sociedade, atoladas na fome, na doença e na sujeira. Que todos reflitam e compreendam, não para construir teorias, mas para agir. Sabe Deus que atualmente há muito que fazer ali!

Já mencionei os albergues para os desabrigados – a que ponto estão lotados, mostram-no dois exemplos. Um *Refuge of the houseless* [Refúgio para desabrigados], recentemente construído na Upper Ogle Street e que pode abrigar trezentas pessoas por noite, acolheu, de sua abertura em 27 de janeiro até 17 de março de 1844, por uma noite ou mais, 2.740 pessoas – e, embora o tempo se tornasse menos inclemente, o número dos que demandam hospitalidade aumentou consideravelmente aí, tanto como nos albergues da Whitecross Street e de Wapping, e todas as noites uma multidão de desabrigados não podia ser atendida por falta de espaço. Um outro, o albergue central de Playhouse Yard, que dispõe de 460 camas, abrigou nos três primeiros meses de 1844 um total de 6.681 pessoas, distribuindo 96.141 rações de pão. Contudo, seu comitê diretor declarou que o estabelecimento só se mostrou de algum modo suficiente em relação à demanda quando foi aberto um outro albergue na região leste\*.

Por agora, deixemos Londres e percorramos outras grandes cidades do Reino Unido. Vejamos primeiro Dublin, cujo acesso pelo mar é tão encantador quanto é imponente o de Londres – a baía de Dublin é a mais bela das ilhas britânicas e os irlandeses gostam de compará-la à de Nápoles. A própria cidade tem muitas belezas<sup>b</sup> e seus bairros aristocráticos foram mais bem construídos e com mais bom gosto que os de qualquer outra cidade

britânica. Em compensação, os bairros pobres de Dublin são o que de mais horrendo e repugnante existe no mundo. É verdade que, para isso, conta o caráter dos irlandeses que, em determinadas circunstâncias, sentem-se à vontade na sujeira; mas como encontramos em todas as grandes cidades da Inglaterra e da Escócia milhares de irlandeses e como toda a população pobre acaba necessariamente por sucumbir na mesma soridez, é evidente que a miséria em Dublin nada tem de específica, não é característica somente da cidade irlandesa – é, de fato, comum a todas as grandes cidades do mundo.

Os bairros pobres de Dublin são enormes e a sujeira, a inhabilitabilidade das casas e o mau estado das ruas vão além da imaginação. Pode-se fazer uma idéia de como se amontoam os pobres quando se recorda que, em 1817, de acordo com o relatório dos inspetores das *Casas de Trabalho*<sup>3</sup>, em 52 casas, com 390 quartos, da Barrack Street, viviam 1.318 pessoas e em 71 casas, com 393 quartos, na Church Street e arredores, viviam outras 1.997 e que

nesse bairro e no vizinho há incontáveis becos e pátios tomados por um miásmata nauseabundo (*foul*), que muitos pobres só recebem a luz do dia através da porta e que em vários deles os habitantes dormem no chão, mesmo que boa parte deles tenha as armações das camas. Em Michelson's Court, por exemplo, em 28 miseráveis e pequenos quartos, há 151 pessoas vivendo em tal pobreza que só se contam duas camas e dois cobertores.

A miséria é tão grande em Dublin que a única instituição beneficente, a *Mendicity Association* [Associação de assistência aos mendigos], atende diariamente 2.500 pessoas, isto é, 1% da população total, alimentando-as durante o dia e despachando-as à noite.

Tal como o refere o doutor Alison, o panorama não é outro em Edimburgo, cidade cuja esplêndida localização lhe valeu o nome de *Athenas moderna* e cujo luxuoso bairro aristocrático, situado na parte nova da cidade, contrasta brutalmente com a fétida miséria dos bairros pobres, situados na zona velha. Alison afirma que essa vasta área é tão suja e repugnante quanto as piores de Dublin e que, em Edimburgo, a *Mendicity Association* teria a socorrer uma proporção de pobres tão grande como na capital irlandesa; ele chega a dizer que na Escócia, especialmente em Edimburgo e Glasgow, os pobres vivem em

\* *The Times*, 22 de dezembro de 1843; *Northern Star*, n. 320, 30 de dezembro de 1843.

<sup>b</sup> Na edição de 1892, Engels emprega o singular: "A própria cidade é muito bela...".

<sup>3</sup> Citado pelo doutor W. P. Alison, professor e presidente do *Royal College of Physicians*, em *Observations on the Management of the Poor in Scotland and its Effects on the Health of Great Towns* [Observações sobre a administração dos pobres na Escócia e seus efeitos sobre a higiene das grandes cidades], Edimburgo, 1840. O autor é um homem religioso, conservador, irmão do historiador Archibald Alison.

condições piores que em qualquer outra região do Império Britânico e que os mais miseráveis não são os irlandeses, mas os escoceses. O doutor Lee, pastor da *old church* [Igreja velha] de Edimburgo, declarou perante a *Commission of Religious Instruction* [Comissão de instrução religiosa], em 1836:

Até hoje, nunca em minha vida vi tanta miséria como a que existe em minha paróquia. As pessoas não têm móveis, não têm nada; é comum que dois casais vivam num mesmo quarto. Num só dia, visitei sete casas onde não havia camas – em algumas, nem palha havia; octogenários dormiam no chão, quase todos conservavam à noite as roupas usadas durante o dia. Num porão, encontrei duas famílias vindas do campo; pouco tempo depois de sua chegada à cidade, morriam das crianças e uma terceira agonizava quando da minha visita; para cada família, havia um monte de palha suja num canto e, ainda por cima, o porão, tão escuro que não permitia distinguir-se um ser humano em pleno dia, servia de estábulo a um burro. Mesmo um coração de pedra sangraria diante da miséria de um país como a Escócia.

Fatos análogos são referidos pelo doutor Hennen no *Edinburgh Medical and Surgical Journal* [Jornal de medicina e cirurgia de Edimburgo]<sup>4</sup>. E um relatório parlamentar<sup>4</sup> mostra a soridez que – como seria de esperar, dadas as condições – reina nas casas dos pobres de Edimburgo. Galinhas transformam as armações das camas em poleiros, cães e até cavalos dormem com as pessoas nos mesmos quartos e, em consequência, sujeira, insetos e miasmas enchem os aposentos<sup>5</sup>. A estrutura urbana de Edimburgo favorece ao máximo esse vergonhoso estado de coisas. A cidade velha construiu-se sobre as duas vertentes de uma colina, no cimo da qual está a rua Alta (*High Street*): dela partem, para os dois lados, incontáveis vielas tortuosas – denominadas *wynds*, por causa de sua sinuosidade – que descem a colina e constituem o bairro proletário. As casas das cidades escocesas são em geral altas, com cinco ou seis andares, como em Paris e – à diferença da Inglaterra, onde, tanto

quanto possível, cada um tem sua própria casa – são habitadas por muitas famílias; por isso, a concentração de numerosas pessoas num espaço restrito é aqui ainda maior.

Num periódico inglês<sup>5</sup>, em artigo sobre as condições sanitárias dos operários da cidade, lê-se:

Essas ruas são em geral tão estreitas que se pode saltar de uma janela para outra da casa em frente e as edificações têm tantos andares que a luz mal pode penetrar nos pátios ou becos que as separam. Nessa parte da cidade não há esgotos, banheiros públicos ou latrinas nas casas; por isso, imundícios, detritos e excrementos de pelo menos 50 mil pessoas são jogados todas as noites nas valetas, de sorte que, apesar do trabalho de limpeza das ruas, formam-se massas de esterco seco das quais emanam miasmas que, além de horríveis à vista e ao olfato, representam um enorme perigo para a saúde dos moradores. É de espantar que não se encontre aqui nenhum cuidado com a saúde, com os bons costumes e até com as regras elementares da decência? Pelo contrário, todos os que conhecem bem a situação dos habitantes podem testemunhar o ponto atingido pelas doenças, pela miséria e pela degradação moral. Nesses bairros, a sociedade chegou a um nível de pobreza e de aviltamento realmente indescritível. As habitações dos pobres são em geral muito sujas e aparentemente nunca são limpas; a maior parte das casas compõe-se de um só cômodo que, embora mal ventilado, está quase sempre muito frio, por causa da janela ou da porta quebrada; quando fica no subsolo, o cômodo é úmido; freqüentemente, a casa é mal mobiliada e privada do mínimo que a torne habitável: em geral, um monte de palha serve de cama a uma família inteira; ali deitando-se, numa promiscuidade revoltante, homens, mulheres, velhos e crianças. Só há água nas fontes públicas e a dificuldade para buscá-la favorece naturalmente a imundície.

Nas outras grandes cidades portuárias, as coisas não são melhores. Liverpool, apesar de seu comércio, de seu esplendor e de sua riqueza, oferece aos operários a mesma barbárie. Um bom quinto da população – isto é, mais de 45 mil pessoas – mora em pequenos porões, escuros e mal arejados, porões que, na cidade, totalizam 7.862. A eles devem somar-se 2.270 pátios (*courts*)<sup>6</sup>, pequenos espaços inteiramente contornados por outras construções, tendo como único acesso uma estreita passagem, em geral coberta e abobadada (o que impede qualquer ventilação), freqüentemente muito sujos e habitados quase exclusivamente por proletários. Voltaremos a falar desses pátios quando nos ocuparmos de Manchester. Em outra cidade portuária,

<sup>4</sup> Nas notas preparadas para a edição italiana deste livro de Engels, os editores apontam a ausência, na publicação citada, de qualquer artigo firmado pelo doutor Hennen entre 1836 e 1845. Mas as notas contidas na edição francesa indicam a fonte de Engels naquela publicação: v. 14, de 1818, p. 408-65.

<sup>5</sup> *Report to the Home Secretary from the Poor-Law Commissioners on Inquiry into the Sanitary Condition of the Labouring Classes of Great Britain. With appendices. Presented to both Houses of Parliament in July 1842* [Relatório de um inquérito dos Comissários para a Lei dos Pobres sobre a situação sanitária das classes trabalhadoras da Grã-Bretanha ao ministro do Interior. Com anexos. Apresentado às duas Câmaras do Parlamento em julho de 1842]. 3 volumes in folio. Reunido e classificado com base em relatórios médicos por Edwin Chadwick, secretário da Comissão da Lei dos Pobres.

<sup>6</sup> Na realidade, essa descrição de Engels diz respeito a Tranent, localidade situada a oito milhas de Edimburgo.

Bristol, foram visitadas 2.800 famílias operárias e comprovou-se que 46% delas vivia em um único cômodo.<sup>4</sup>

Encontramos o mesmo quadro nas cidades industriais. Em Nottingham há, ao todo, 11 mil habitações, das quais 7 mil ou 8 mil estão de tal modo cobertas umas às outras que nenhuma ventilação é possível; ademais, na maioria dos casos, uma só latrina serve a várias moradas. Uma recente inspeção revelou que várias filhas de casas estavam construídas sobre canais de esgotos pouco profundos, cobertos apenas pelas tábuas dos assoalhos. Idêntico panorama nos oferecem Leicester, Derby e Sheffield. Quanto a Birmingham, vemos no artigo há pouco citado de *The Artizan*:

Nas partes mais antigas da cidade há muitos bairros sujos e malconservados, cheios de charcos estagnados e montes de imundícies. Em Birmingham, os pátios são muito numerosos, cerca de 2 mil, onde vive a maior parte da classe operária. Em geral, são estreitos, lamacentos, mal arejados e com esgotos precários, alinhando-se entre oito e vinte prédios, e só recebem ar por um lado, já que o muro traseiro é comum a outros edifícios; no fundo de cada pátio, há quase sempre um buraco para cinzas ou qualquer coisa desse gênero e cuja sujeira é indescritível. Deve-se observar, todavia, que os pátios mais modernos foram construídos mais racionalmente e estão mais bem conservados; e mesmo os velhos *cottages* estão menos amontoados que em Manchester e Liverpool – aí está a explicação por que, quando das epidemias, os casos mortais foram menos numerosos em Birmingham que, por exemplo, em Wolverhampton, Dudley e Bilston, distantes umas poucas milhas. Também são desconhecidas em Birmingham as moradias em porões, embora alguns sirvam imprópriamente para oficinas. Os albergues para operários são mais numerosos (mais de quatrocentos), situados principalmente nos pátios do centro da cidade; quase todos muito sujos e mal-cheirosos, refúgios de mendigos, vagabundos [*tramps*] – mais adiante, voltaremos ao significado preciso dessa palavra<sup>5</sup>, ladrões e prostitutas que, sem se preocuparem minuciosamente com conforto e decência, aí comem, bebem, fumam e dormem numa atmosfera que só é suportável por esses seres degradados.

Sob muitos aspectos, Glasgow assemelha-se a Edimburgo: os mesmos *wynns*, as mesmas casas altas. A propósito dessa cidade, diz-nos *The Artizan*:

A classe operária representa aqui cerca de 78% da população total (cerca de 300 mil pessoas) e mora em bairros cuja miséria e horror ultrapassa os airtos

mais vis de St. Giles e Whitechapel, os *liberties* de Dublin e os *wynns* de Edimburgo. Muitos desses bairros estão no centro da cidade: ao sul de Trongate, a oeste do mercado do sal, no Calton, ao lado da High Street etc. – labirintos intermináveis de becos e de *wynns* onde desembocam a cada passo pátios e vias formados por velhas e altíssimas casas, degradadas, mal arejadas e sem água. Essas casas, literalmente, transbordam de moradores: abrigam três ou quatro famílias, talvez vinte pessoas, por andar. Em alguns casos, o andar é alugado como dormitório, de forma que quinze ou vinte pessoas estão amontoadas – não se pode dizer abrigadas – num único quarto. Nesses bairros habitam os membros mais pobres, mais deprimidos, mais aviltados da população e devem ser considerados o ponto de origem das terríveis epidemias de febre que, partindo daí, disseminam a morte em toda a cidade de Glasgow.<sup>6</sup>

Ouçamos a descrição desses bairros por J. C. Symons<sup>6</sup>, inspetor do governo na investigação sobre a situação dos tecelões manuais:

Aqui e no sul do continente, vi a miséria em seus piores aspectos, mas antes de visitar os *wynns* de Glasgow não acreditava que em qualquer país civilizado pudessem existir tanta monstruosidade, tanto pauperismo e tantas doenças. Nos albergues mais sórdidos dormem juntas, sobre o mesmo chão, dez, doze e às vezes vinte pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, mais ou menos desnudas. Esses alojamentos são usualmente (*generally*) tão sujos, úmidos e arruinados que ninguém gostaria de ter ali seu cavalo.<sup>7</sup>

E, mais adiante:

Os *wynns* de Glasgow abrigam uma população flutuante de 15 a 30 mil pessoas. Essa área se compõe unicamente de ruínas e pátios retangulares, no centro dos quais se ergue sempre um monte de imundícies. Por mais repugnante que fosse o aspecto exterior desses lugares, não foi o bastante para preparar-me para a sujeira e a miséria de seu interior. Em alguns desses dormitórios que nós [o superintendente policial, capitão Miller e o próprio Symons] visitamos à noite, encontramos literalmente uma camada de seres humanos estendida no chão, por vezes quinze a vinte, uns vestidos, outros nus, homens e mulheres misturados. Sua cama era um monte de palha bolorenta e alguns tapos. Havia poucos móveis ou nenhum e a única coisa que dava a esses cômodos um aspecto habitável era o fogo aceso. O furto e a prostituição constituem os principais recursos dessa população. Parece

<sup>4</sup> Engels comete aqui um pequeno erro que não diminui a força de seu argumento: no *Journal of the Statistical Society of London*, 1839-1840, v. 2, p. 457-9, C. B. Fripp menciona 5.981 famílias visitadas, das quais 2.800 (isto é, 46,8%) dispunham de um só cômodo como habitação.

<sup>5</sup> Cf. p. 250.

<sup>6</sup> *Arts and Artisans at Home and Abroad* [Ofícios e artesãos no país e no estrangeiro], por J. C. Symons, Edimburgo, 1839. O autor, ao que parece escocês, é um liberal e, consequentemente, um fanático adversário de qualquer movimento operário autônomo. As passagens citadas encontram-se nas p. 116 e ss.

<sup>7</sup> A passagem aqui citada por Engels foi retirada, de fato, de outro texto de Symons: seu relatório à Comissão Real sobre os tecelões (*Parliamentary Papers* [Documentos parlamentares], v. 42, n. 159, 1839).



que ninguém se dava ao trabalho de limpar esses estábulos de Águas, esse pandemônio, essa concentração de crimes, sujeira e pestilência cravada no centro da segunda cidade do Império. Amplas inspeções nos bairros mais degradados de outras cidades nunca me revelaram a metade desse horror, nem pela profundidade da infecção física e moral, nem pela densidade re-lativa da população. A maior parte das casas dessa região está catalogada como condenada e inabitável pela *Court of Guild*, mas são precisamente as mais habitadas, porque a lei proíbe que se cobre aluguel por elas.<sup>6</sup>

A grande zona industrial que se situa no centro da ilha britânica, a populosa região do West Yorkshire e do South Lancashire, com suas numerosas cidades industriais, também não fica atrás. A área lançgera do West Riding, no Yorkshire, é encantadora: uma sucessão de verdes colinas, cujas elevações se tornam mais e mais abruptas na direção oeste, até culminarem na crista escarpada de Blackstone Edge, divisória entre o mar da Irlanda e o mar do Norte. O vale do Aire, onde se situa Leeds, e o do Calder, percorrido pela ferrovia Manchester-Leeds, contam-se entre os mais sugestivos da Inglaterra, semeados de fábricas, vilas e cidades; as casas cinzentas de pedra, limpas e atraentes, comparadas às construções de tijolos cobertos de fuligem do Lancashire, são graciosas à vista. Mas logo que entramos nas cidades, poucas coisas nos agradam. Como descreve a fonte que já citei, *The Artizan*, e eu pude comprovar, Leeds situa-se

sobre um suave declive que desce para o vale do Aire. O rio, serpenteando, atravessa a cidade numa extensão de cerca de milha e meia<sup>7</sup> e provoca, depois do período do degelo ou após chuvas violentas, graves inundações. Os bairros a oeste, situados mais ao alto, são relativamente limpos para uma cidade tão grande, mas os bairros mais baixos, situados junto ao rio e aos riachos (*becks*) que nele deságuam, são sujos e estreitos o suficiente para abreviar a vida dos moradores, em especial das crianças. Acrescentem-se ainda as horríveis condições dos bairros operários em torno de Kirkgate, March Lane, Cross Street e Richmond Road, com suas ruas sem pavimento e esgoto, suas construções irregulares, seus inúmeros pátios e becos e a ausência quase total dos mais elementares meios de limpeza. Tudo isso nos ajuda a explicar o elevadíssimo índice de mortalidade desses recantos em que reina a mais sórdida miséria. Em consequência das cheias do Aire [que, acrescenta-se, como todo rio que serve à indústria, entra na cidade com águas claras e transparentes e dela sai espesso, negro e malcheiroso, com imundícios inimagináveis], as casas e os porões são inundados com frequência, a ponto de serem necessárias bombas

<sup>6</sup> A citação que Engels faz de Symons não é literal, mas integrada a passagens de W. P. Alison, op. cit. na nota 3, p. 77.

<sup>7</sup> Sempre que se citar, sem maiores precisões, milha, trata-se da medida inglesa, quase cinco vezes maior que a medida alemã.

para lançar a água nas ruas; mas ela volta a encher os porões<sup>8</sup> mesmo aqueles em que há rede de esgoto, resultando em miasmas fortemente impregnados de hidrogênio sulfuroso, que deixa nos canos um sedimento nauseabundo e extremamente prejudicial à saúde. Durante as inundações da primavera de 1839, os efeitos dessa obstrução dos esgotos foram tão deletérios que, de acordo com o relatório oficial do registro civil, naquele trimestre registraram-se nessa área três mortes para cada dois nascimentos; ao passo que, no mesmo período e em outros bairros, a proporção foi exatamente a inversa.

Outros bairros densamente habitados estão desprovidos de rede de esgotos – e esta, quando existe, é insuficiente. Em muitas fileiras de casas, raramente se encontra um porão que não esteja úmido; em muitos bairros, as ruas estão tomadas por uma lama em que os transeuntes se atolam. Inutilmente, os moradores procuram melhorá-las, lançando-lhes pás de cinzas; apesar disso, o estercor e as águas sujas ficam espalhadas diante das casas até que o sol e o vento os sequeem e dispersem (cf. o relatório do Conselho Municipal no *Statistical Journal*, v. 2, p. 404).

Em Leeds, um *coltage* comum não ocupa uma superfície superior a cinco jardas quadradas e, em geral, compõe-se de um porão, uma sala e um dormitório. Essas casas pequenas, dia e noite cheias de pessoas, são outro perigo para a saúde e para os costumes dos habitantes. O relatório supracitado, sobre a situação sanitária da classe operária, diz-nos como as pessoas se amontoam nessas habitações:

Em Leeds, encontramos irmãos e irmãs e hóspedes de ambos os sexos que partilham o dormitório com os pais; as consequências que daí resultam fazem estremecer os sentimentos humanos.

O panorama é o mesmo em Bradford, que se encontra a apenas sete milhas de Leeds, na confluência de muitos vales e junto a um riacho de águas completamente negras e nauseabundas. Num belo domingo de sol, porque durante a semana uma nuvem cinzenta de fumaça de carvão cobre Bradford, o alto das colinas que circundam a cidade oferece-nos um espetáculo soberbo – mas o que encontramos no interior da cidade é a mesma sujeira e o mesmo desconforto de Leeds. As partes mais velhas da cidade, construídas nas encostas íngremes, são apertadas e irregulares; nas ruas, becos e pátios acumulam-se lixo e imundície; as casas são degradadas, sujas e desconfortáveis; nas vizinhanças imediatas do rio e do fundo do vale, encontram-se várias vezes mais pessoas do que no flanco da colina, e inteiramente

<sup>8</sup> Porões que, não se esqueça, servem de moradia a seres humanos.

inabitável. Em geral, os bairros do fundo do vale, onde, comprimidas entre as altas fábricas, estão as habitações dos operários, são os piores e os mais sujos de toda a cidade. Nos bairros mais novos, como ocorre em quase todas as outras cidades industriais, as casas são mais regulares, alinhadas, mas têm todos os inconvenientes inerentes ao modo costumeiro de alojar os operários e ao qual nos referiremos em detalhe ao tratar de Manchester. O mesmo vale para as outras cidades do West Riding – notadamente Barnsley, Halifax e Huddersfield. Esta última, que, por sua posição encantadora e por sua moderna arquitetura, é a mais bela das cidades industriais do Yorkshire e do Lancashire, tem igualmente seus bairros horríveis; de fato, uma comissão designada por uma assembleia de cidadãos para inspecionar a cidade relatou, em 5 de agosto de 1844:

É notório que, em Huddersfield, ruas inteiras e muitas ruínas e pátios estão desprovidos de pavimentação, esgotos e outras formas de escoamento; aí se acumulam detritos, sujeira e imundícies, que apodrecem e fermentam, e por quase todo lado a água estagnada forma charcos; em consequência, as habitações contíguas são necessariamente sujas e insalubres, originando doenças que ameaçam a saúde de toda a cidade.\*

Se caminharíamos, ou utilizaríamos a ferrovia, e atravessáramos Blackstone Edge, chegaremos à terra clássica onde a indústria inglesa realizou sua obra-prima e da qual partem todos os movimentos operários – o South Lancashire, com seu grande centro, Manchester. De novo nos defrontamos com uma bela paisagem: colinas que descem suavemente em direção ao oeste, para o mar da Irlanda, com os encantadores vales verdejantes do Ribbles, do Irwell e do Mersey e de seus afluentes. Há um século, essa região, em grande parte, não passava de um pântano quase deserto; hoje, está semeada de vilas e cidades e é a zona mais densamente habitada da Inglaterra. No Lancashire meridional, em particular em Manchester, a indústria britânica tem seu ponto de partida e seu centro; a Bolsa de Manchester é o termômetro do comércio; a moderna técnica de produção alcançou aí sua perfeição. Na indústria algodoeira do South Lancashire, o aproveitamento das forças da natureza, a substituição do trabalho manual pelas máquinas (especialmente o tear mecânico e a *self-actor mule*) e a divisão do trabalho chegaram ao extremo; e se localizarmos nesses três elementos os traços característicos da indústria moderna, devemos reconhecer que a indústria algodoeira, de seus primórdios

\* A comissão referida por Engels foi designada pelos cidadãos de Huddersfield em 19 de junho de 1844; seu relatório foi publicado no n. 352, de 10 de agosto de 1844, do *Northern Star*.

à atualidade, continua na vanguarda de todos os ramos industriais. Mas, e também nela que, ao mesmo tempo, desenvolveram-se, na forma mais pura e mais completa, os efeitos da indústria moderna sobre a classe operária – e, nela, o proletariado industrial revelou suas mais clássicas características. Nela, elevou-se ao máximo a degradação a que o emprego da força do vapor, das máquinas e da divisão do trabalho submeteu o operário, e as tentativas do proletariado para superar essa situação aviltante chegaram aqui ao extremo e tornaram-se lucidamente conscientes. Portanto, por ser Manchester o tipo clássico da moderna cidade industrial e por conhecê-la tão bem como de minha própria cidade natal – e melhor que a maioria de seus habitantes –, vamos nos deter mais cuidadosamente sobre ela.

As cidades que rodeiam Manchester diferem pouco dela no que tange aos bairros operários\*, salvo que, nelas, o proletariado talvez represente uma fração ainda mais importante da população. De fato, elas são exclusivamente industriais, realizando transações comerciais em Manchester – da qual dependem inteiramente; são habitadas somente por operários, industriais e pequenos negociantes, ao passo que Manchester abriga ainda uma população comercial muito importante, composta principalmente pelos chamados comissários e grandes varejistas. É por isso que Bolton, Preston, Wigan, Bury, Rochdale, Middleton, Heywood, Oldham, Ashton, Salfybridge, Stockport etc., mesmo sendo quase todas cidades de 30, 50, 70 ou até 90 mil habitantes, não passam de enormes bairros operários em torno de fábricas, com algumas grandes ruas ladeadas de lojas e outras, poucas, pavimentadas, ao longo das quais se alinham jardins e casas de industriais. As cidades são irregulares e mal construídas, com pátios sujos, ruas e ruelas cheias de fuligem e têm um aspecto particularmente repugnante porque o tijolo – que constitui o material mais usado nas edificações –, sob a ação da fumaça, perde de todo a coloração vermelha e torna-se enegrecido. O mais comum são as moradias nos porões; eles são construídos onde quer que seja possível e neles vive parte muito considerável da população.

Entre as piores cidades da região, além de Preston e Oldham, está Bolton, situada a onze milhas a noroeste de Manchester. Como verifiquei em minhas repetidas estadas nessa cidade, ela tem apenas uma rua principal, Deansgate, de resto muito suja, que serve também como mercado e que, mesmo com bom tempo, não é mais que uma passagem sombria e miserável, embora

\* Entre a edição original e a de 1892, Engels fez aqui uma modificação: substituiu *Arbeiterbezirke* (bairros onde se trabalha) por *Arbeiterwohnbezirke* (bairros operários).

só tenha, além das fábricas, casas baixas, de um ou dois andares. Como em toda parte, a zona antiga da cidade é particularmente degradada e quase inabitável; é cortada por uma água negra – não se pode dizer se é um córrego ou uma sucessão de charcos – que contribui para tornar completamente empestado um ar já nada puro.

Mais adiante está Stockport, que, mesmo situando-se na margem do Mersey pertencente ao Cheshire, faz parte do distrito industrial de Manchester. Estende-se num vale estreito, paralelo ao Mersey, com sua rua principal bastante accidentada e com ferrovia Manchester-Birmingham passando sobre ela num alto viaduto. Stockport é conhecida em toda a região como um dos buracos mais sombrios e esfumagados e, de fato, quando vista do viaduto, oferece um panorama muito desagradável. Mas pior ainda é o aspecto das casas e dos porões habitados pelos proletários, em longas fileiras que se espraiam por toda a cidade, do fundo do vale ao alto das colinas. Não me recordo de ter visto em nenhuma outra cidade dessa região uma quantidade tão grande de porões habitados.

Apucas milhas a nordeste de Stockport encontra-se Ashton-under-Lyne, um dos mais modernos centros industriais da região. Situada na encosta de uma colina, em cujo sopé correm o canal e o rio Tame, a cidade foi construída segundo um sistema mais avançado e racional. Cinco ou seis grandes ruas paralelas cortam toda a colina e cruzam-se perpendicularmente com outras que descem para o vale. Graças a esse sistema, todas as fábricas ficariam fora da cidade propriamente dita, se a proximidade da água e do canal não as tivesse atraído a todas para o fundo do vale, onde se amontoaram, com suas chaminés lançando ao ar uma espessa fumaça. Ashton tem um aspecto muito mais agradável que a maioria das outras cidades industriais: suas ruas são largas e limpas, as casas – de um vermelho vivo – parecem novas e cómodas. Mas o novo sistema de construção de casas para os operários também apresenta seus inconvenientes: toda rua tem, por detrás, uma viaela escondida, à que se chega por um estreito beco transversal, que é muito suja. E até Ashton – onde não vi, exceto na entrada da cidade, edificações com mais de cinquenta anos – tem ruas degradadas, nas quais há casas feias e estragadas, com paredes rachadas e cujo reboco está caindo, enfim ruas com um aspecto sórdido e enegrecido idêntico ao de outras cidades da região. No entanto, em Ashton, isso não é a regra, é a exceção.

Uma milha mais a leste, também às margens do Tame, situa-se Stalybridge. Quem vem de Ashton, atravessando as montanhas, vislumbra, à direita e à esquerda, amplos e belos jardins que circundam casas magníficas, construí-

das em geral segundo o estilo *elisabetano*<sup>a</sup> – que está para o gótico assim como a religião protestante-anglicana está para a católica apostólica romana. Com passos mais adiante e Stalybridge aparece no vale – mas que violento contraste com aquelas lindas vivendas avistadas das montanhas ou mesmo com as casas mais modestas de Ashton! Stalybridge fica numa garganta estreita e sinuosa, ainda mais estreita que a de Stockport, cujas vertentes são cobertas por uma teia desordenada de *cottages*, prédios e fábricas. Logo que ali se entra, vêm-se as primeiras casas, pequenas, enfumagadas, velhas e degradadas – e toda a cidade oferece o mesmo aspecto. As poucas ruas que vêm do fundo do vale se cruzam e recruzam, sobem e descem, por causa da topografia inclinada, o rés-do-chão da maioria das casas é meio enterrado; do alto, pode-se ver, como se se sobrevoasse a cidade, a quantidade de pátios, ruínas meio ocultas e recantos isolados produzidos por um confuso modo de edificação. Se se agrega a isso uma sujeira assustadora, compreende-se a repugnante impressão que, não obstante seus lindos arredores, é causada por Stalybridge.

Mas já dissemos o bastante sobre essas cidades menores. Todas têm suas peculiaridades; nelas, porém, os operários vivem como em Manchester. Por isso, limitei-me a descrever o aspecto particular de sua estrutura; de fato, todas as observações gerais sobre a situação das moradias operárias de Manchester cabem perfeitamente à totalidade das cidades vizinhas. Passemos, pois, ao grande centro.

Manchester situa-se no sopé meridional de uma cadeia de montanhas que, partindo de Oldham, corta os vales do Irwell e do Medlock e cujo último cume, o Kersall-Moor, é, ao mesmo tempo, o hipódromo e o *mons sacer*<sup>b</sup> de Manchester. A cidade propriamente dita encontra-se na margem esquerda do Irwell, entre esse rio e dois outros menores, o Irk e o Medlock, que aqui nele deságuam. Na margem direita do Irwell, encerrada numa espécie de anel formado pelo rio, está Salford e, mais a ocidente, Pendleton; ao norte do Irwell, encontram-se a alta e a baixa Broughton; ao norte do Irk, fica Cheetham Hill; ao sul do Medlock, está Hulme e, mais a oriente, Chorlton-on-Medlock e, ainda mais longe, mais ou menos a leste de Manchester,

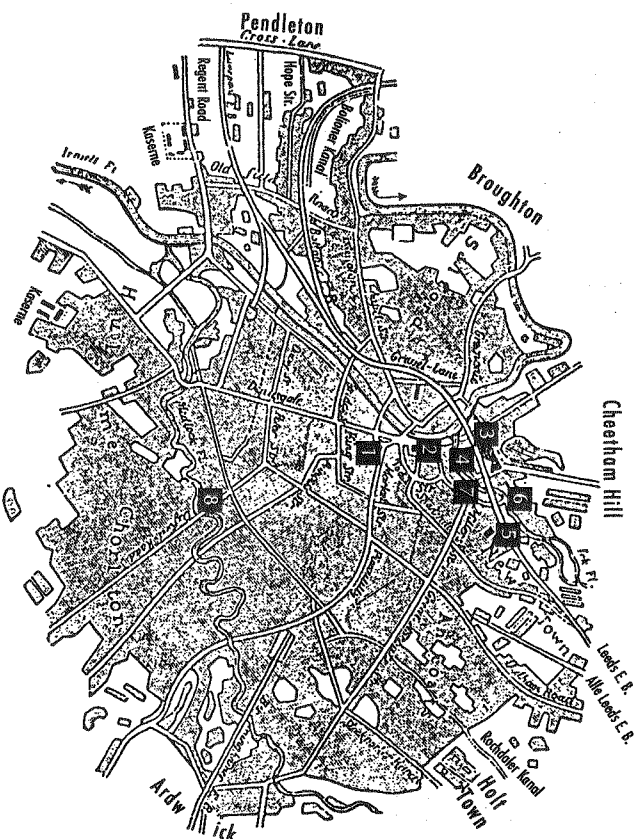
<sup>a</sup> Engels refere-se aqui ao estilo neo-Tudor.

<sup>b</sup> *Mons sacer* (monte sagrado) é a expressão latina que designa o lugar onde, segundo a tradição, os plebeus romanos se reuniram, em 494 a. C., quando da sublevação contra os patrícios. Engels denomina assim a colina de Kersall-Moor porque os operários de Manchester faziam ali suas reuniões; parece que o primeiro a utilizar a denominação para o local foi John Wilson Crocker (1780-1857), um irlandês *tory*, que a teria empregado num artigo publicado em 1842.

Friedrich Engels

Ardwick. Todo esse conjunto é comumente chamado de Manchester e conta com 400 mil habitantes, senão mais<sup>4</sup>.

*Manchester e seus arredores*



Legendas: 1. A Bolsa / 2. A igreja velha / 3. A casa de trabalho / 4. O cemitério dos pobres entre as estações 3 e 4 da ferrovia / 5. Igreja de St. Michael / 6. Ponte sobre o Irk (Scotland Bridge) / 7. Ponte sobre o Irk (Ducie Bridge) / 8. "Pequena Irlanda"

O bairro comercial, ao centro, é indicado pela linha tracejada para a esquerda.

Manchester é construída de um modo tão peculiar que podemos residir nela durante anos, ou entrar e sair diariamente dela, sem jamais ver um bairro operário ou até mesmo encontrar um operário – isso se nos limitamos a cuidar de nossos negócios ou a passear. A razão é que – seja por um acordo

<sup>4</sup> A cifra mencionada por Engels é relativa ao conjunto por ele referido – apenas Manchester, em 1844, contava com 235 mil habitantes. Relevar a nota que, em 1838, Hulme, Chorlton-on-Medlock, Ardwick e Cheetham (além do distrito de Beswick) vincularam-se administrativamente a Manchester.

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra

inconsciente e tático, seja por uma consciente e expressa intenção – os bairros operários estão rigorosamente separados das partes da cidade reservadas à classe média ou, quando essa separação não foi possível, dissimulados sob o manto da caridade.

Manchester tem, em seu centro, um bairro comercial bastante grande, com cerca de uma milha e meia de comprimento e outro tanto de largura, composto quase exclusivamente por escritórios e armazéns (*warehouses*). Nela praticamente não existem moradias e, por isso, à noite, fica vazio e deserto – apenas a guarda noturna, com suas lanternas, circula pelas ruas estreitas e sombrias. Nessa zona há algumas ruas grandes, que concentram o tráfego, e o térreo das edificações é ocupado por lojas luxuosas; aí se encontram uns poucos pavimentos superiores habitados e nela reina, até alta noite, uma certa animação. Excetuada essa zona comercial, toda a Manchester propriamente dita – ao lado de Salford e Hulme, uma parte significativa de Pendleton e de Chorlton, dois terços de Ardwick e igual parcela de Cheetham Hill e de Broughton – não é mais que um único bairro operário que, com uma largura média de uma milha e meia, circunda como um anel a área comercial. A alta e a média burguesia moram fora desse anel. A alta burguesia habita vivendas de luxo, ajardinadas, mais longe, em Chorlton e Ardwick ou então nas colinas de Cheetham Hill, Broughton e Pendleton, por onde corre o sadio ar do campo, em grandes e confortáveis casas, servidas, a cada quinze ou trinta minutos, por ônibus que se dirigem ao centro da cidade. A média burguesia vive em ruas boas, mais próximas dos bairros operários, sobretudo em Chorlton e nas áreas mais baixas de Cheetham Hill. O curioso é que esses ricos representantes da aristocracia do dinheiro podem atravessar os bairros operários, utilizando o caminho mais curto para chegar aos seus escritórios no centro da cidade, sem se aperceber que estão cercados, por todos os lados, pela mais sórdida miséria.

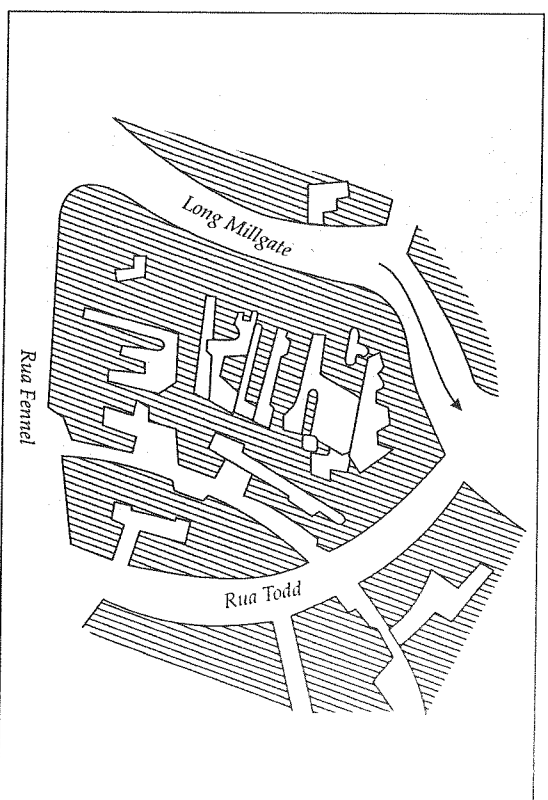
De fato, as principais ruas que, partindo da Bolsa, deixam a cidade em todas as direções, estão ocupadas, dos dois lados, por lojas da pequena e da média burguesias, que têm todo o interesse em mantê-las com aspecto limpo e decoroso. É verdade que tais lojas se relacionam de algum modo com os bairros que estão em suas traseiras e, naturalmente, são mais elegantes e cuidadas no bairro comercial e junto das áreas burguesas do que nas zonas em que têm de ocultar as sórdidas casas operárias; todavia, sempre dão conta de esconder dos ricos senhores e de suas madames, de estômago forte e nervos frágeis, a miséria e a sujeira que são o complemento de seu luxo e de sua riqueza. É o que acontece, por exemplo, com a Deansgate, que parte

em linha reta da igreja velha para o sul; no princípio, é ladeada por boas lojas e fábricas; seguem-se lojas de segunda categoria e algumas cervejarias; mais ao sul, quando deixa o bairro comercial, tem pelos lados negócios mais pobres, que, à medida que se avança, tornam-se sujos e intercalados por tabernas; enfim, na extremidade sul, a aparência das lojas não permite qualquer dúvida sobre seus fregueses: operários, só operários. O mesmo se passa com a Market Street, que sai da Bolsa em direção ao sudeste: de início, encontramos lojas de primeira categoria e, nos andares superiores, escritórios e armazéns; depois (Piccadilly), belos hotéis e entrepostos; mais adiante ainda (London Road), junto ao Medlock, fábricas, lojas e tabernas para a pequena burguesia e para os operários; mais próximo de Ardwick Green, casas da média e alta burguesia e, a partir daí, grandes jardins e enormes residências dos mais ricos industriais e comerciantes. Assim, conhecendo a cidade, é possível, pelo aspecto dos trechos das ruas principais, *determinar* o tipo de bairro contíguo; mas, dessas ruas, é extremamente difícil contemplar de fato os bairros operários. Sei perfeitamente que essa disposição urbana hipócrita é mais ou menos comum a todas as grandes cidades; também sei que os comerciantes varejistas, pela própria natureza de seu negócio, devem ocupar as ruas principais; sei igualmente que nessas ruas, em toda parte, encontram-se edificações mais bonitas que feias e que o valor dos terrenos que as rodeiam é superior ao daqueles dos bairros periféricos; entretanto, em lugar nenhum como em Manchester verifiquei tanta sistematicidade para manter a classe operária afastada das ruas principais, tanto cuidado para esconder delicadamente aquilo que possa ofender os olhos ou os nervos da burguesia. E, no entanto, em Manchester, a urbanização, menos ainda que em qualquer outra cidade, não resultou de um planejamento ou de ordens policiais: operou-se segundo o acaso. É por isso que, quando penso na classe média afirmando às pressas que os operários se comportam de maneira adequada, sempre tenho a impressão que os industriais liberais de Manchester, as grandes personalidades liberais (*big whigs*), tiveram sua parte nessa organização urbana tão cheia de pudor.

Acréscimo que os estabelecimentos industriais situam-se quase todos à margem dos três rios ou dos vários canais que se ramificam pela cidade e passo diretamente à descrição dos bairros operários propriamente ditos. Em primeiro lugar, temos a parte velha de Manchester, entre o limite norte do bairro comercial e o Irk. Aqui, mesmo as melhores ruas são estreitas e tortuosas – Todd Street, Long Millgate, Withy Grove e Shude Hill –, as casas são sujas, velhas e degradadas e o aspecto das ruas adjacentes é absolutamente

horrível. Quando, vindos da igreja velha, entramos na Long Millgate, logo nos defrontamos, à direita, com uma fileira de casas antigas, todas com a fachada em mau estado; são os restos da velha Manchester pré-industrial, cujos habitantes, com seus descendentes, transferiram-se para bairros mais bem construídos, deixando as casas – que para eles se tornaram indignas – para uma população operária de origem fortemente irlandesa. Aqui estamos de fato num bairro quase declaradamente operário, uma vez que as lojas e as tabernas não se dão ao trabalho de parecerem nem um pouco limpas – o que não é nada em comparação com as ruelas e os pátios dos fundos, a que se tem acesso através de becos cobertos e tão estreitos que neles duas pessoas não conseguem se cruzar.

É difícil imaginar o desordenado amontoamento das casas, literalmente empilhadas umas sobre as outras, autêntico desafio a qualquer arquitetura racional. E a responsabilidade disso não cabe apenas ao que sobreviveu dos velhos tempos de Manchester: a confusão foi levada ao extremo na nossa época porque, onde quer que o urbanismo precedente deixou o menor espaço entre as edificações antigas, construiu-se e ampliou-se até não restar um único centímetro livre. Confirma-o o pequeno fragmento, que reproduzo aqui, da planta de Manchester – não se refere à parte pior e não representa sequer uma décima parte da cidade velha.



Esse fragmento basta para caracterizar a absurda urbanística de todo o bairro, particularmente nas vizinhanças do Irk. Aqui, a margem sul do Irk é muito abrupta e tem entre quinze a trinta pés de altura; nessas escarpas com frequência estão construídas três filas de casas – a mais baixa surge quase diretamente do rio, a mais alta situa-se no nível do topo da colina de Long Millgate. Além do casario, à beira do Irk há fábricas; em resumo, também aqui as construções são tão apertadas e desordenadas como na parte inferior da Long Millgate.

À esquerda e à direita, uma miríade de passagens cobertas leva da rua principal aos numerosos pátios e, quando neles entramos, uma sujeira repugnante, incomparável a tudo que conheci, nos rodeia – especialmente nos pátios que descem para o Irk, onde, na realidade, estão as habitações mais horríveis que vi até hoje. Num desses pátios, logo na entrada, onde termina a passagem coberta, há um banheiro sem porta e tão sujo que os moradores, para entrarem ou saírem do pátio, têm de atravessar um charco de urina e excrementos – se alguém quiser vê-lo, trata-se do primeiro pátio à beira do Irk, acima da Ducie Bridge. Mais abaixo, à margem do rio, há vários curtiúmes, que deixam o ar da região empestado com o mau cheiro ocasionado pela decomposição de matérias orgânicas.

Nos pátios abaixo da Ducie Bridge, quase sempre é preciso descer escadas estreitas e inundadas, saltando sobre montes de sujeira, para chegar às casas. O primeiro desses pátios chama-se Allen's Court; quando da epidemia de cólera (1832), encontrava-se em tal estado que a políada sanitária o evacuou, limpou e desinfetou com cloro; o doutor Kay, numa brochura<sup>9</sup>, oferece uma terrível descrição desse pátio naquele tempo. Depois, parece ter sido demolido e reconstruído em parte; pelo menos, do alto da Ducie Bridge se vêem paredes em ruínas e montes de escombros ao lado de construções mais recentes. O panorama que se pode decortinar dessa ponte – delicadamente oculto dos mortais de baixa estatura graças a um parapeto da altura de um homem – é característico de toda a região.

Embaixo corre, ou melhor, estagna o Irk, estreito curso d'água, negro, nauseabundo, cheio de imundície e detritos que lança sobre a margem

<sup>9</sup> *The Moral and Physical Condition of the Working Classes Employed in the Cotton Manufactory in Manchester* [A condição moral e física das classes operárias empregadas na indústria do algodão em Manchester], por James Ph. Kay, 2. ed., 1832. O doutor Kay comanda a classe operária em geral com a classe dos operários fabris, mas de resto o texto é excelente.

direita, mais baixa; aí, no período da seca, alinha-se uma série de charcos lamacentos, esverdeados e fétidos, do fundo dos quais sobem bolhas de gás metílico, cujo cheiro, sentido mesmo do alto da ponte, quaranta ou cinquenta pés acima da água, é insuportável; ademais, o próprio rio tem seu curso detido a cada passo por barragens, junto às quais se depositam e apodrecem lama e detritos. Acima da ponte, vêem-se grandes curtumes e, mais acima ainda, tinturarias; moinhos para pulverizar ossos e usinas de gás cujas águas servidas e dejetos vão todos parar no Irk (que também recebe os esgotos) – é fácil imaginar, pois, a natureza dos resíduos que se acumulam no seu leito. Abaixo da ponte, avistam-se os montes de lixo, as imundícies, a sujeira e a degradação dos pátios situados na escarpada margem esquerda; as casas comprimem-se umas às outras e, dada a inclinação da margem, cada uma se vê apenas parcialmente, mas são todas mais ou menos iguais: enegrecidas pela fumaça, degradadas, velhas, as janelas com caixilhos e vidros aos pedaços. O pano de fundo é constituído por antúgos estabelecimentos industriais, que se parecem a casernas. Na margem direita, baixa e plana, vê-se uma larga série de casas e fábricas. A segunda casa está em ruínas, destelhada, cheia de escombros, e a terceira é tão baixa que o andar inferior é inabitável e, por isso, desprovido de porta e janela. Nessa margem, o pano de fundo é composto pelo cemitério dos pobres; as estações ferroviárias para Liverpool e Leeds e, mais atrás, a *Casa dos Pobres*, a "Bastilha da Lei dos Pobres" de Manchester, que, do cimo de uma colina, tal como uma fortaleza, por trás de suas altas muralhas e ameias, observa ameaçadoramente o bairro operário que se estende à sua frente.

Acima da Ducie Bridge, a margem esquerda do Irk torna-se mais plana e a direita, em contrapartida, mais acidentada; mas a condição das casas, em ambas as margens do rio, tende a piorar.

Se deixarmos a rua principal, ainda a Long Millgate, e nos voltarmos para a esquerda, sentimo-nos perdidos: saltamos de pátio em pátio, percorremos becos e vielas e enfim não sabemos para onde ir. As edificações, por todos os lados, estão parcial ou totalmente degradadas e algumas estão realmente sem moradores – o que, aqui, é eloqüente; raras são as habitações que dispõem de piso, seja de madeira ou de pedra; quase sempre as portas e janelas estão em frangalhos. E que imundície! Lixo e detritos amontoados por todos os lados, poças em vez de canaletas e um mau cheiro que impede a um homem minimamente civilizado viver nesse bairro. O novo ramal ferroviário para Leeds, que corta o Irk exatamente aqui, fez

desaparecer uma parte desses becos e pátios, mas, em troca, expôs outros à vista. Sob a ponte da ferrovia, há um pátio que supera largamente todos os demais em sujeira e horror, de difícil acesso e que permaneceu quase oculto até a construção do viaduto ferroviário – eu mesmo, que julgava conhecer muito bem esse lugar, só o descobri depois da conclusão da ponte. Somente atravessando uma escarpa, passando entre estacas e varais, penetramos nesse caos de pequenos casebres térreos, quase sempre sem qualquer revestimento sobre o chão e compostos de uma única peça, que é simultaneamente cozinha, sala e dormitório. Num desses buracos, que não media mais que seis pés de comprimento por cinco de largura, vi duas camas – e que camas! – que, junto com uma escada e um fogareiro, enchiam todo o cômodo. Em muitos outros não vi absolutamente nada, embora, como a porta estivesse aberta, constatasse que os moradores lá estavam. À frente das portas, de todas, detritos e sujeira – e tanta que, para saber se havia algum revestimento sobre o chão, era preciso em alguns locais tentar senti-lo com os pés. Todo esse conjunto de estábulos habitados por seres humanos era cercado, em dois lados, por casas e uma fábrica e, no terceiro, pelo rio. Tirante o pequeno atalho na margem do rio, o único acesso consistia numa estreita passagem que levava a outro labirinto de habitações, igualmente mal construídas e malconservadas.

Basta de exemplos, uma vez que toda a área do Irk é assim: um complexo de casas amontoadas, todas mais ou menos inabitáveis, cuja sujeira interna corresponde perfeitamente à imundície que as circunda. E como, nessa situação, as pessoas poderiam ser limpas? Não existem as mínimas condições para a satisfação das necessidades naturais e cotidianas. As instalações sanitárias são tão raras que estão constantemente ocupadas ou, para a maioria das pessoas, muito afastadas. Como pretender que as pessoas se lavem, quando têm à sua disposição somente as águas imundas do Irk, com canalizações e bombas apenas nos bairros decentes? Na verdade, é impossível censurar esses hilotas da sociedade moderna por serem suas habitações tão sujas como os chiqueiros que se encontram de vez em quando no meio delas. Quanto aos proprietários, esses não têm nenhum pudor em alugar moradias como os seis ou sete porões que dão para o rio, logo acima da Scotland Bridge, cujo chão está no mínimo dois pés abaixo do nível do Irk – e isso quando as águas estão baixas –, que corre a menos de seis pés de distância. Ou como o andar superior da casa da esquina, na outra margem, imediatamente antes da ponte, cujo rés-do-chão é inabitável, senada para tapar os buracos das janelas e da porta – e esse é um caso mais

ou menos comum em toda essa zona: o rés-do-chão aberto é utilizado por toda a vizinhança como latrina, à falta de locais apropriados!

Deixemos o Irk e entremos pelo lado oposto da Long Millgate, no meio das habitações operárias. Estamos agora num bairro um pouco mais novo, que se estende da igreja de St. Michael até Withy Grove e Shude Hill. Aqui encontramos, pelo menos, um pouco de ordem: ao contrário de caótica edificação, temos ruelas e becos retilíneos ou pátios retangulares, que não foram construídos por acaso; mas se antes o arbítrio respondeu pela construção de cada casa, aqui o arbítrio responde pela edificação das ruelas e dos becos: cada qual foi construído sem qualquer preocupação com os outros – as ruelas se orientam para as mais diferentes direções e a cada passo se chega a um beco ou esquina que obriga o transeunte a voltar ao ponto de onde partiu: quem não vive há algum tempo nesse labirinto dificilmente consegue orientar-se. Por essa razão, a circulação do ar nas ruas – se é cabível essa idéia nesse bairro – e nos pátios é tão insuficiente como na zona do Irk. É verdade que esse bairro apresenta algumas vantagens em relação à zona do Irk: as casas são mais novas e algumas ruas dispõem de rede de esgotos; em compensação, quase todas as casas têm moradias nos porões (o que, na área do Irk, é raro, até porque as construções ali são muito mais velhas e grosseiras). De resto, a imundície, os montes de entulho e de cinzas e os charcos nas ruas são comuns aos dois bairros, mas neste de que estamos falando agora verificamos um outro aspecto, muito prejudicial à saúde dos moradores: o grande número de porcos que remexem o lixo nas ruas ou estão confinados em pequenas pocilgas no interior dos pátios. Os criadores de porcos, aqui como em quase todos os bairros operários de Manchester, alugam pátios e aí instalam pocilgas; em quase todos os pátios há um canto onde os moradores jogam o lixo, com o qual os porcos se alimentam – e a atmosfera, então, fica irrespirável, em razão da decomposição de substâncias orgânicas. Atravessando esse bairro, rasgaram uma rua larga e bastante decente – a Millers Street –, que dissimula com êxito o que se esconde lá atrás; mas se alguém, arrastado pela curiosidade, deixar-se atrair por uma das numerosas passagens que levam aos pátios, encontrará, a cada vinte passos, lugares literalmente habitados por porcos.

Essa é a velha Manchester – e, relendo a descrição que apresentei, devo confessar que, longe de ser exagerada, é muito débil para evidenciar a imundície, a degradação e o desconforto dessa área que abriga, pelo menos, entre 20 e 30 mil habitantes e cuja estrutura urbana é um desafio a qualquer princípio de ventilação, salubridade e higiene. E pensar que tais bairros estão

no coração da segunda cidade da Inglaterra, no coração da primeira cidade industrial do mundo! Basta vir até aqui para saber de quanto pouco espaço para mover-se, de quão pequena quantidade de ar – e que ar! – para respirar necessitam os homens e em que tão baixo nível de civilidade eles podem sobreviver quando obrigados pela necessidade.

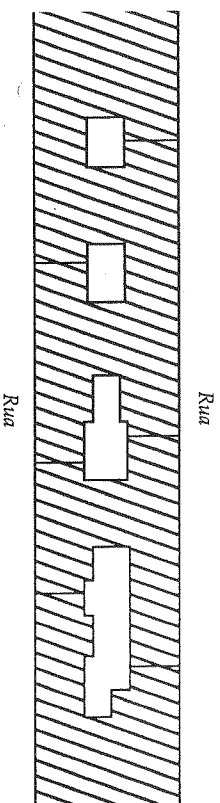
É verdade que se trata da cidade *velha* – e essa é a argumentação das pessoas daqui, quando lhes mencionamos o estado espantoso desse inferno sobre a terra. Mas esse argumento nada significa, porque tudo o que nos horroriza e nos indigna é de origem recente e data da *época industrial*. As poucas centenas de casas próprias da velha Manchester foram abandonadas há muito por seus primitivos habitantes; foi a indústria que fez com que fossem ocupadas pela massa de operários que hoje moram nelas; foi a indústria que cobriu de construções cada espaço livre entre as velhas casas, a fim de abrigar aí as massas que compelia a abandonar os campos e a Irlanda; foi a indústria que permitiu aos proprietários desses estúbulos alugá-los a altos preços, como se fossem habitações humanas, explorando a miséria dos operários, minando a saúde de milhares de pessoas e enriquecendo-os apenas a eles, os proprietários; foi a indústria que fez com que o trabalhador, recém-liberado da servidão, pudesse ser utilizado novamente como puro e simples instrumento, como *coisa*, a ponto de ter de se deixar encerrar em cômodos que ninguém habitaria e que ele, dada a sua pobreza, é obrigado a manter em ruínas. Tudo isso é obra exclusiva da indústria, que não poderia existir sem esses operários, sem a sua miséria e a sua escravidão. É verdade que a estrutura original desse bairro era ruim, que pouca coisa de bom se poderia fazer nele – mas, quando surgiram as novas construções, houve qualquer iniciativa, dos proprietários dos terrenos ou da administração pública, no sentido de melhorá-lo? Ao contrário, onde ainda havia uma parcela de terra livre, construiu-se uma casa; onde ainda havia uma passagem supérflua, ela foi substituída por uma edificação; o valor da terra tornou-se mais alto com o desenvolvimento industrial e quanto mais subia, mais freneticamente se construía, sem a menor preocupação com a saúde e o conforto dos moradores, com o único objetivo de obter o maior lucro possível e com base no princípio de que, *por pior que seja um casebre, há sempre um pobre que não pode pagar outro menos ruim*. Mas... que quereis? Essa é a cidade velha – e com esse argumento a burguesia se tranquiliza. Pois então vejamos o que oferece a *cidade nova* (*the New Town*).

A cidade nova, também chamada de “cidade irlandesa” (*the Irish Town*), estende-se para além da parte antiga, sobre o flanco de uma colina argilosa

entre o Irk e a St. George's Road. Aqui não há qualquer aspecto urbano. Filas isoladas de casas ou que formam um conjunto de ruas elevam-se intermitentemente, como pequenas aldeias sobre o solo argiloso e ru, onde nem a relva cresce; as casas, ou melhor, os casebres estão em mau estado, nunca foram consertados, são sujos e têm habitações nos porões úmidos e insalubres; as ruelas não são pavimentadas, não têm rede de esgotos e abrigam varas de porcos, fechadas em pocilgas nos pequenos quintais ou que passeiam livremente na encosta. Os caninhos são tão lamacentos que somente quando o tempo está muito seco é possível percorrê-los sem atolar a cada passo.

É nas proximidades da St. George's Road que as várias ilhotas constituídas pelas filas isoladas de casas se juntam – e aí nos deparamos com uma série interminável de ruelas, becos, ruas traseiras e pátios, cuja quantidade e densidade aumentam à medida que nos aproximamos do centro da cidade. Em compensação, as vias são pavimentadas ou, pelo menos, possuem passagens pavimentadas para os pedestres e dispõem de rede de esgoto. Mas a sujeira e o mau estado das casas, especialmente dos porões, permanecem os mesmos.

É oportuno fazer agora algumas observações gerais sobre o tipo de construção dos bairros operários de Manchester. Já vimos que, na cidade velha, freqüentemente o arbúrito presidia ao agrupamento das edificações. Cada casa foi construída sem que se tivessem em conta as outras e os poucos palmos de terra irregular entre elas são chamados, à falta de melhor designação, pátios (*courts*). Nas zonas um pouco mais recentes desse mesmo bairro, e em outros bairros que datam dos primeiros tempos do desenvolvimento industrial, verifica-se um esboço de plano. O espaço entre duas ruas é dividido em pátios mais regulares, a maioria deles quadrangulares, como se vê na seguinte figura:



Rua

Tais pátios se comunicam com as ruas através de passagens cobertas. Se a construção desordenada já era muito prejudicial à saúde dos moradores,

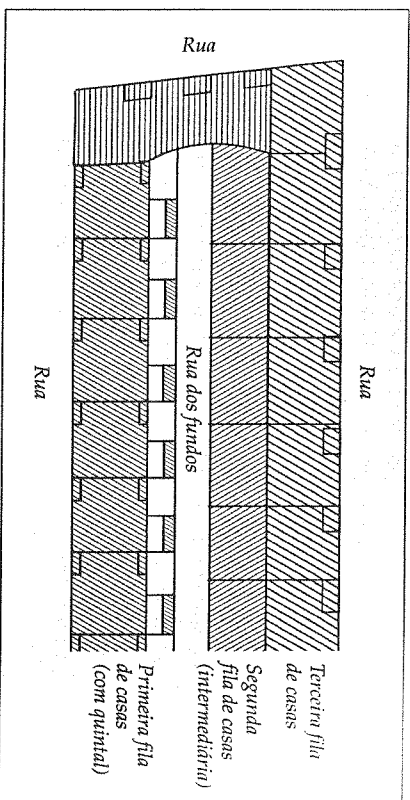


na medida em que impedia a circulação do ar, esse sistema de encerrar os operários em pátios fechados por todos os lados o é ainda mais. Aqui, torna-se impossível a renovação do ar; as chaminés das casas – se o fogo não está acessível – constituem as únicas saídas para o ar viciado dos pátios<sup>10</sup>. Acrescenta-se ainda que as casas em torno desses pátios são em geral construídas duas a duas, a parede do fundo sendo comum, e isso já basta para impedir um arejamento satisfatório e adequado. E como a vigilância viária não se preocupa com o estado desses pátios e tudo quanto é jogado aí apodrece tranquilamente, não há como espantar-se com a sujeira, a imundície e os montes de cinza. Estive em pátios junto à Millers Street que, situados a pelo menos meio pé abaixo do nível da rua, não tinham qualquer valleta para escoar as águas da chuva, que ficavam estagnadas aí até secarem!

Mais recentemente, adotou-se um outro sistema de construção, agora usado comumente. As casas não se constroem mais de forma isolada, mas às dúzias ou mesmo às grossas, por um único empreiteiro que se encarrega de uma ou duas ruas. Elas se dispõem da seguinte maneira: uma das fachadas compreende as casas da primeira fila, que têm a sorte de possuir uma porta traseira e um pequeno quintal – e, por isso, seu aluguel é mais caro; por trás delas, há uma estreita ruela, a rua dos fundos (*back street*), fechada em ambas as extremidades e cujo acesso é lateral, um estreito caminho ou uma passagem coberta; as casas que dão para essa ruela são as que têm o aluguel mais barato e são as mais descuidadas; as paredes traseiras são comuns às casas da terceira fila, que dão para o lado oposto da rua e correspondem a um aluguel mais alto que os das casas da segunda fila, mas inferior ao das casas da primeira. A disposição geral é mais ou menos a da página seguinte.

Com esse sistema, a ventilação das casas da primeira fila é bastante boa e a daquelas da terceira fila pelo menos não é pior que a das edificações erguidas no velho sistema; em compensação, a fila do meio é tão mal arejada quanto as habitações nos pátios e as ruelas dos fundos são tão sujas quanto os pátios. Os empreiteiros preferem esse sistema porque poupa espaço e permitem-lhes explorar ainda mais os trabalhadores que ganham melhores salários, cobrando-lhes os aluguéis mais caros das casas da primeira e da terceira filas.

<sup>10</sup> E, no entanto, um sábio liberal inglês afirmou numa ocasião – no relatório da *Children's Employment Commission* [Comissão sobre o trabalho infantil] – que esses pátios são uma obra-prima da urbanística porque, tal como uma série de pequenas praças públicas, melhoraram a circulação do ar e a ventilação! Sem dúvida... se cada pátio tivesse dois ou quatro acessos amplos, abertos e sem cobertura, por onde o ar pudesse circular, mas eles nunca têm dois, raramente têm um acesso, quase sempre estreito e coberto.



Em toda a cidade de Manchester, assim como em todo o Lancashire e o Yorkshire, encontramos moradias operárias edificadas por um dos três sistemas de construção que mencionamos; eles são perfeitamente identificáveis e, com base neles, podemos deduzir a idade relativa dos diversos bairros da cidade. O terceiro sistema, aquele das *ruas dos fundos*, predomina nitidamente no grande bairro operário a leste da St. George's Road, dos dois lados da Oldham Road e da Great Ancoats Street e é também o mais comum nos outros bairros operários de Manchester e em seus arredores.

É no grande bairro que acabamos de mencionar, conhecido pelo nome de Ancoats, que está instalada, ao longo dos canais aí existentes, a maior parte das fábricas mais importantes de Manchester, gigantescos edifícios de seis ou sete pisos que dominam do alto, com suas esguias chaminés, as casas baixas dos operários. A população do bairro compõe-se principalmente de operários fabris e, nas piores ruas, de tecelões manuais. As ruas situadas nas imediações do centro da cidade são as mais velhas e, portanto, as piores – mas são pavimentadas e dispõem de rede de esgoto; incluo nesse rol as paralelas mais próximas à Oldham Road e à Great Ancoats Street. Mais além, no sentido norte, encontramos ruas de construção recente; nelas, as casas são graciosas e cuidadas, com portas e janelas novas e envernizadas e seu interior é limpo; as próprias ruas são mais arejadas, com espaços livres maiores e mais numerosos. No entanto, é assim parte das casas, não a maioria; quase todas têm porões que também são habitados; e é preciso dizer que há muitas ruas que não são pavimentadas nem têm rede de esgoto. Tudo isso significa que o bom aspecto da área não vai durar muito – talvez uns dez anos.

De fato, esse tipo de construção não é menos condenável que a disposição das ruas. À primeira vista, essas casas se mostram bonitas e sólidas; as paredes maciças enchem os olhos de quem passa e, se se percorre uma dessas ruas operárias de *construção recente* sem atentar para as ruas dos fundos e observar melhor a construção das casas, é quase impossível discordar da opinião dos industriais liberais; segundo a qual em nenhuma parte os operários estão tão bem alojados quanto na Inglaterra. Mas uma observação cuidadosa mostra que as paredes dessas casas são as mais finas; as externas, que sustentam toda a estrutura (o porão, o piso térreo e o telhado), têm, quando muito, a espessura de um tijolo – os tijolos ajustam-se lado a lado, horizontalmente, no sentido do comprimento. Todavia, pode ver muitas casas da mesma altura – algumas ainda em construção – em que as paredes externas não eram mais que paredes de meio-tijolo, ou seja, eles vinham justapostos pelo lado mais estreito, não do comprimento e sim da largura.

Esse procedimento é utilizado não só para economizar material, mas ainda porque os construtores nunca são os proprietários dos terrenos – segundo o costume inglês, os construtores alugam o terreno por vinte, trinta, quarenta, cinquenta ou mesmo noventa anos, ao fim dos quais o proprietário o recupera com todas as benfeitorias, sem pagar nada por elas. Por isso, o locatário do terreno calcula o preço das benfeitorias de forma a que tenham o menor valor possível ao final da locação; na medida em que essas com a destinação destas só são construídas vinte ou trinta anos antes do fim do contrato, compreende-se por que os construtores queiram gastar o mínimo possível. Ademais, os construtores (em geral, mestres-de-obras, carpinteiros ou industriais) quase não fazem consertos nas casas, seja porque não querem reduzir os ganhos que obtêm com os aluguéis, seja porque o contrato de locação do terreno está chegando ao término, seja enfim porque, em razão das crises comerciais que geram desemprego, muitas casas ficam vagas e acabam se deteriorando. Com efeito, estima-se que as casas operárias são habitáveis, em média, por apenas quarenta anos – o que causa estranheza quando vemos as belas paredes das casas novas, que parecem prometer uma duração secular; mas é assim mesmo: a avareza que preside a construção, a ausência sistemática de reparos, a frequência com que permanecem desabitadas, a incessante alternância dos locatários e, também, a depreciação (em geral, vigas de madeira são arrancadas para garantir o fogo) realizada por eles (a maioria, irlandeses) nos últimos dez anos de habitabilidade fazem com que essas casas, ao fim de quarenta anos, estejam em ruínas. É por isso que a região de Ancoats, cujas construções datam do

período do desenvolvimento industrial, a maioria edificada neste século, já conta com grande quantidade de casas velhas e deterioradas, a maior parte das quais encontrando-se no último estágio de habitabilidade. Não pretendo indicar aqui a magnitude de capitais que foram assim desperdiçados, nem o fato de que, com um investimento inicial um pouco maior e com cuidados regulares de reparação, toda essa área poderia ser conservada, por muitos anos, num estado conveniente de limpeza e habitabilidade. Interessante apenas a situação das casas e de seus habitantes e, a esse propósito, deve-se dizer que esse é o sistema mais nefasto e moralmente degradante de alajar trabalhadores.

O operário é constrangido a viver nessas casas já arruinadas porque não pode pagar o aluguel de outras em melhor estado, porque não existem moradias menos ruins na vizinhança das fábricas ou porque, ainda, elas pertencem ao industrial e este só emprega os que aceitem habitá-las. É óbvio que a duração média assinalada de quarenta anos não é rígida: se as construções se situam num bairro de alta densidade populacional e se, apesar do aluguel do terreno ser caro, há sempre a possibilidade de encontrar locatários, os construtores fazem algo para conservá-las em condições de relativa habitabilidade por mais tempo – mas o que fazem é sempre o mínimo indispensável e as reparações cobrem especialmente as casas em piores condições. De quando em vez, diante da ameaça de epidemias, a soleneta consciência dos serviços de higiene é despertada: então, empreendem-se incursões aos bairros operários e interditam-se inúmeros porões e casas – como ocorreu, por exemplo, em várias ruínas nas cercanias de Oldham Road; mas isso dura pouco, porque logo as mesmas casas voltam a ser ocupadas por novos inquietos e os proprietários, de novo com os imóveis alugados, têm uma vantagem a mais: sabem bem que a vigilância sanitária não voltará tão cedo!

Essa parte de Manchester, a leste e a nordeste, é a única na qual a burgesia deixou de instalar-se, e por uma razão de monta: o vento dominante, que, por dez ou onze meses do ano, vem do oeste ou do sudoeste, espantiza sobre ela a fumaça de todas as fábricas. Essa fumaça, que sejam os operários os únicos a respirá-la.

Ao sul da Great Ancoats Street estende-se um grande bairro operário, apenas parcialmente coberto por edificações: uma faixa de terra sem vegetação, moldurada por colinas, na qual se dispõem desordenadamente filias ou grupos isolados de casas, separados por espaços desertos, irregulares, argilosos, sem cobertura vegetal e, após as chuvas, quase intransitáveis. As

casas são todas velhas e sujas, em geral situadas em depressões do terreno, lembrando a situação da cidade nova.

A parte do bairro que é cortada pela ferrovia que leva a Birmingham é aquela em que as casas estão mais amontoadas e, por isso, é a pior. Ali, o Medlock, escorrendo num vale por numerosos meandros, parece-se muito, em alguns locais, com o Irk. De sua entrada na cidade à confluência com o Irwell, em suas margens – entre as quais a água é negra como breu, imunda e nauseante – entileira-se um cinturão de fábricas e de habitações operárias e estas se encontram nas piores condições possíveis. As margens são escarpadas e as edificações descem até o rio, tal como no Irk, e as casas e as ruas estão igualmente mal construídas por todos os lados – Manchester, Ardwick, Chorlton e Hulme. O lugar mais repugnante – se eu me dispusesse a relatar com cuidado o exame de todos os lugares nunca chegaria ao fim – situa-se no lado de Manchester, a sudoeste da Oxford Road: chama-se *Pequena Irlanda (Little Ireland)*.

Numa curva do Medlock, numa depressão profunda do terreno, inteiramente circundada por fábricas e aterros, encontram-se, divididas em dois grupos, cerca de duzentas casas, em que a parede posterior geralmente é comum a duas moradias; aí residem em torno de 4 mil pessoas, quase todas irlandesas. As casas são velhas, sujas e do tipo mais exíguo; as ruas, irregulares e nem todas pavimentadas, não são niveladas nem há rede de esgoto; imundície e lama, em meio a poças nauseabundas, estão por toda parte; daí a atmosfera, já enegrecida pela fumaça de uma dúzia de chaminés de fábricas, ser empestada. Vagueiam aí mulheres e crianças esfarrapadas, tão sujas como os porcos que chafurdam na imundície e na lama. Em suma, o lugar tem um aspecto ainda mais repugnante que as piores áreas do Irk. Aquelas que vivem nessas casas em ruínas, por detrás dessas janelas quebradas nas quais se prendeu tecido oleado, por detrás dessas portas rachadas e com batentes podres, ou nesses porões úmidos e sem luz, no meio dessa sujeira e desses miasmas, numa atmosfera que parece intencionalmente produzida para asfixiar – quem aí vive deve realmente situar-se no mais baixo escalão da humanidade. Essa é a impressão e a conclusão que se impõem ao observador que vê o aspecto exterior desse bairro. Mas, então, o que dizer quando tomamos conhecimento<sup>11</sup> de que, em cada uma dessas minúsculas casas (que têm, quando muito, duas divisões e um sótão e, por vezes, um porão),

vivem em média vinte pessoas e que, em todo o bairro, para cada 120 pessoas há apenas uma instalação sanitária (quase sempre ocupada, é claro) e que, apesar de toda a pregação dos médicos, apesar da agitação provocada na vigilância sanitária por ocasião da epidemia de cólera, quando vieram à tona as condições da *Pequena Irlanda* – em pleno ano da graça de 1844 –, o que dizer hoje quando sabemos que aqui praticamente nada mudou desde 1831? O doutor Kay relata que, aqui, não apenas os porões são úmidos, mas também os pavimentos térreos; quanto aos porões, ele informa que foram aterrados anteriormente, mas depois desaterrados para servir a irlandeses; num deles, em que o nível do chão ficava abaixo do nível do rio, a água saía continuamente de um buraco de escoamento tampado com argila, a ponto de todas as manhãs o inquilino, um tecelão manual, ter de esvaziar a habitação, jogando a água no rio.

Um pouco mais abaixo, na margem esquerda do Medlock, encontra-se Hulme, que não é mais que um grande bairro operário cujas condições são muito semelhantes às de Ancoats. As áreas de grande densidade habitacional estão geralmente em péssimo estado e quase sempre em ruínas; as áreas menos populosas, com construções mais modernas e arejadas, nem por isso estão livres da lama. As casas são quase sempre úmidas, com uma ruína nos fundos e porões habitados. Na margem oposta, na Manchester propriamente dita, existe um outro grande bairro operário, que se estende pelos dois lados da Deansgate até o bairro comercial e que, em alguns locais, não causa inveja à cidade velha. De fato, nas vizinhanças imediatas do bairro comercial, entre a Bridge Street e a Quay Street, entre a Princess Street e a Peter Street, em certos lugares o amontoamento das edificações é tal que ultrapassa o que se verifica nos mais estreitos pátios da cidade velha. Nessas vizinhanças encontram-se viélas compridas, entre as quais multiplicam-se pátios e passagens estreitos e tortuosos, cujas entradas e saídas são dispostas de modo tão desordenado que, nesse labirinto, o passageiro que não o conhece profundamente se vê num beco sem saída ou se perde de todo. Nesses espaços diminutos, arruinados e sujos é que vive, segundo o doutor Kay, a classe mais amoral de toda a Manchester, vinculada ao furto ou à prostituição – e, ao que parece, seu juízo permanece válido ainda agora. Quando, em 1831, a vigilância sanitária fez aí uma inspeção, encontrou uma insalubridade tão grande quanto a das margens do Irk ou da *Pequena Irlanda* (e eu posso testemunhar que, hoje, as coisas não se alteraram); encontrou uma única instalação sanitária para 380 pessoas na Parliament Street e também uma única latrina para trinta casas super-habitadas na Parliament Passage.

<sup>11</sup> Doutor Kay, op. cit. [A informação encontra-se nas p. 35-6 da fonte citada por Engels. (N.E.)]

Atravessando o Irwell, encontramos, numa península do rio, a cidade de Salford, que tem 80 mil habitantes e não passa de um enorme bairro operário atravessado por uma única e larga estrada. Salford, outrora mais importante que Manchester, era então o principal centro do distrito circundante, ao qual ainda empresta o nome (Salford Hundred) – por isso, aqui também há um bairro muito velho e, conseqüentemente, insalubre, sujo e em ruínas, localizado na direção frontal da velha igreja de Manchester e em condições tão ruins como a cidade velha, na outra margem do rio. A uma certa distância do rio estende-se um bairro mais novo, que data de uns quarenta anos e, por isso mesmo, apresenta-se deteriorado. Toda a Salford é dividida em pátios e vielas tão exíguos que me recordaram os becos mais estreitos que conheci em Gênova. Sob esse aspecto, a arquitetura de Salford é muito pior que a de Manchester e o mesmo se pode dizer da limpeza. Se, em Manchester, a vigilância sanitária vez por outra – a cada seis ou dez anos – inspeciona os bairros operários, interditando as habitações mais sórdidas e limpando os recantos mais imundos desses estâbulos de Ángias, parece que em Salford nem sequer isso acontece. As ruínas transversais e os pátios de Chapel Street, Greengate e Gravel Lane com certeza nunca foram limpos desde sua construção; hoje, a ferrovia para Liverpool corta-os do alto de um viaduto e fez desaparecer muitos dos recantos mais sujos – e o que foi alterado? Passando pelo viaduto, ainda se pode ver de cima muita podridão e miséria; e se se dá o trabalho de percorrer as ruas, de olhar porões e casas através das portas e janelas abertas, verifica-se sempre que os operários de Salford vivem em habitações nas quais é impossível qualquer conforto ou limpeza. A mesma situação é a de bairros mais afastados de Salford, como em Islington, junto da Regent Road e por trás da ferrovia que leva a Bolton. As moradias operárias entre a Oldfield Road e Cross Lane, bem como inúmeras vielas e pátios nos dois lados da Hope Street, estão nas piores condições possíveis, rivalizando em sujeira e densidade habitacional com a cidade velha de Manchester. Nesse rincão encontrei um homem, aparentemente sessenta anos, que vivia num estábulo – construíra-o num buraco quadrangular, sem janela e com chão de terra, fizera uma espécie de catre e ali morava, com a chuva a lhe cair do teto precário; idoso e fraco para suportar um trabalho regular, sobreavia transportando esturme num carrinho de mão – e tinha um mar de esterco diante de seu estábulo.

Essa é uma descrição dos diversos bairros operários de Manchester, tais como os observei durante vinte meses. Resumindo o resultado de nosso per-

curso através deles, diremos que 350 mil operários de Manchester e arredores vivem quase todos em habitações miseráveis, úmidas e sujas; que a maioria das ruas pelas quais têm de passar se encontra num estado deplorável; extremamente sujas, essas vias foram abertas sem qualquer cuidado com a ventilação, sendo a única preocupação o máximo lucro para o construtor. Em síntese, nas moradias operárias de Manchester não há limpeza nem conforto e, portanto, não há vida familiar possível; só podem sentir-se à vontade nessas habitações indivíduos desumanizados, degradados, fisicamente doentes e intelectual e moralmente reduzidos à bestialidade. Não sou o único a afirmá-lo; vimos como o doutor Kay oferece um relato inteiramente análogo e cabe citar ainda as palavras de um liberal, uma autoridade reconhecida e muito apreciada pelos industriais, um adversário fanático de qualquer movimento operário autônomo – as palavras do senhor N. W. Senior<sup>12</sup>:

Quando visitei as habitações dos operários das fábricas na área irlandesa, em Ancoats e na "Pequena Irlanda", meu único espanto foi ver como era possível conservar-se razoavelmente a saúde em tais moradias. Essas cidades – por que, pela extensão e população, trata-se de cidades – foram construídas com o máximo desprezo por tudo o que não fosse o lucro imediato dos especuladores dela encarregados. Um carpinteiro e um pedreiro associam-se para comprar [quer dizer, para alugar por um certo número de anos] uma série de locais para construção e para edificar neles pretensas casas; num lugar, encontramos uma rua inteira que seguia o curso de uma vala, para que se pudesse ter porões profundos sem os custos de escavação, porões que não se destinavam a depósitos ou despensas, mas a habitações de seres humanos. *Nenhuma das casas dessa rua escapou à colera*. E, em geral, as ruas dessas zonas não são pavimentadas, têm esturme e poças, as casas estão coladas umas às outras pela parede posterior, não dispõem de ventilação nem de esgoto – e famílias inteiras são obrigadas a viver no canto de um porão ou de um sótão.

Já mencionei a invulgar atividade que a vigilância sanitária exerceu quando da epidemia de cólera em Manchester. Quando a epidemia deu seus primeiros sinais, uma onda de pavor envolveu a burguesia da cidade. De súbito, ela se recordou da insalubridade dos bairros pobres – e tremeu com a certeza de que cada um desses bairros miseráveis iria se constituir num foco da epidemia, a partir do qual a cólera estenderia seus tentáculos na direção das residências da classe proprietária. Rapidamente se designou

<sup>12</sup> Nassau W. Senior, *Letters on the Factory Act to the Rt. Hon. President of the Board of Trade* [Cartas sobre a lei das fábricas dirigidas ao muito honorável presidente do Conselho de Comércio] (Chas. Poulett Thomson Esq.) (Londres, 1837), p. 24.

\* O itálico é de Engels.

uma comissão de higiene para inspecionar aqueles bairros e preparar um relatório rigoroso de suas condições ao Conselho Municipal. O doutor Kay, membro da comissão que visitou cuidadosamente todos os distritos em que se dividia a cidade (com exceção do undécimo), publicou extratos de seu relatório. Ao todo foram inspecionadas 6.951 casas – naturalmente *apenas* em Manchester, com a exclusão de Salford e dos outros arredores –, das quais 2.565 precisavam de caiação interior urgente, 960 necessitavam de reparos imediatos (*were out of repair*), 939 não tinham rede de esgoto suficiente, 1.435 eram mal ventiladas e 2.221 não dispunham de instalações sanitárias. Das 687 ruas inspecionadas, 248 não estavam pavimentadas e 53 só o estavam parcialmente, 112 eram mal ventiladas e 352 estavam tomadas por poças permanentes, montes de lixo etc.<sup>a</sup> É claro que não seria possível higienizar esses estúbulos de Áugias antes da chegada da cólera – por isso, contentaram-se em limpar os piores cantos e deixar o resto como estava; é óbvio que, meses depois, nos lugares limpos imperava a velha imundície, como o demonstra a *Pequena Irlanda*. Quanto ao estado interno das habitações inspecionadas, a comissão diz mais ou menos o que já sabemos de Londres, Edimburgo e outras cidades:

Freqüentemente, toda uma família irlandesa<sup>b</sup> se amontoa numa única cama que é em geral um monte de palha seca e de trapos de sacos velhos, cobrindo um confuso amálgama de serres, igualmente aviltados pelas privações, pelo embrutecimento e pelo desemprego. Inúmeras vezes, os inspetores encontraram, numa habitação de dois cômodos, duas famílias: num cômodo, todos dormiam juntos; o outro era a cozinha e o espaço comum das refeições. Com freqüência também, mais de uma família habitava um porão úmido, onde doze a dezesseis pessoas viviam num só espaço, amontoadas numa atmosfera pestilenta. A isso e a outros focos de doença somava-se o fato de, nesse mesmo espaço, criarem-se porcos, além de outras situações verdadeiramente abjetas.<sup>13</sup>

Devemos acrescentar que numerosas famílias, dispendo de apenas um cômodo, não obstante recebem pensionistas e hóspedes por noite em troca de algum dinheiro e não é raro que pensionistas e hóspedes de ambos os sexos se deitem na mesma cama com o casal. Sabe-se do caso, registrado em Manchester por seis vezes e divulgado no “Relatório sobre as condições

sanitárias da classe operária”, de um homem que dormia na mesma cama com sua mulher e com sua cunhada adulta. Também aqui os albergues são inúmeros; para a Manchester de 1831, o doutor Kay os estimava em 267; hoje, devem ser mais numerosos. Cada um abriga de vinte a trinta hóspedes, num total geral aproximado de 5 a 6 mil pessoas por noite. A natureza desses albergues e de sua clientela é a mesma que verificamos em outras cidades; em cada quarto, cinco a sete colchões diretamente sobre o piso e sobre eles instalam-se, todas misturadas, o maior número possível de pessoas; é desnecessário descrever a atmosfera física e moral que reina nesses antros de vício. Cada um desses albergues é um centro de crimes e cenário de atos que repugnam à consciência humana e que nunca se perpetrariam não fora essa concentração forçada de imoralidade.

De acordo com Gaskell<sup>14</sup>, o número de indivíduos que vivem em porões, apenas em Manchester, é de 20 mil; nessa condição, o *Weekly Dispatch* indica, “segundo relatórios oficiais”, o percentual de 12% da classe operária, e essa avaliação parece corresponder a outra – de fato, calculando em 175 mil os operários, 12% equivalem a cerca de 21 mil.<sup>15</sup> Mas, nos arredores da cidade, as habitações em porões são no mínimo igualmente numerosas e, em consequência, o quantitativo de pessoas que vivem em subsolos no aglomerado de Manchester não é inferior a 40 ou 50 mil.

Eis o que se pode afirmar acerca das habitações dos operários nas grandes cidades: o modo como é satisfeita a necessidade de um teto é um critério que nos permite saber como são satisfeitas as outras necessidades. É

<sup>a</sup> Para coligir esses dados, parece que Engels se valeu, além da fonte citada (James Ph. Kay), dos trabalhos de P. Gaskell e de A. Stanley.

<sup>b</sup> A palavra *irlandesa* foi acrescentada por Engels.

<sup>13</sup> James Ph. Kay, op. cit., p. 32.

<sup>14</sup> P. Gaskell, *The Manufacturing Population of England, its Moral, Social and Physical Condition, and the Changes which have arisen from the Use of Steam Machinery, with an Examination of Infant Labour. Fiat Justitia* [A população dos operários fabris na Inglaterra, sua condição moral, social e física e as mudanças causadas pela utilização de máquinas a vapor. Com uma investigação sobre o trabalho infantil. Que a justiça seja feita!], (Londres, 1833). Descreve principalmente as condições dos operários do Lancashire. O autor é um liberal, mas escrevia num tempo em que ainda não era tarefa do liberalismo louvar a “felicidade” dos operários – por isto, ainda não tem preconceitos e pode ver os males do regime vigente, particularmente do sistema fabril. Por outra parte, ele escreve antes da *Factories Inquiry Commission* [Comissão de Investigação sobre as Fábricas], extraindo de fontes duvidosas muitas afirmações que, posteriormente, foram refutadas pelo relatório da comissão. Por essa razão, e porque o autor, assim como Kay, confunde a classe operária em geral com a classe dos operários fabris em particular, a obra, sendo boa no conjunto, deve ser utilizada com cautela no que tange a aspectos específicos. A história da evolução do proletariado que reportamos na Introdução foi, em grande parte, extraída dessa obra.

<sup>15</sup> “Wild Beast and Rational Beings” [Animais selvagens e seres racionais], *Weekly Dispatch*, n. 2.219, 5 de maio de 1844.

muito fácil concluir que nesses sujos covis só pode morar uma população esfarrapada e mal alimentada. Justa conclusão. As roupas da esmagadora maioria dos operários estão em péssimas condições, os tecidos empregados em sua confecção são os menos apropriados e o linho e a lã quase desapareceram do vestuário de homens e de mulheres, substituídos pelo algodão; as camisas são de algodão branco ou colorido e as roupas femininas são de chita estampada; nos varais, raramente se vêem secar roupas interiores de lã. Em sua maior parte, os homens usam calças de fustão ou de qualquer outro tecido grosso de algodão e casacos e paletós do mesmo pano. Os paletós de fustão (*fustian*) tornaram-se o traje típico dos operários, estes os chamam de *fustian-jackets*, mesma denominação utilizada por eles para se referirem a si mesmos em oposição aos cavalheiros que se vestem com lã (*broad-cloth*), expressão também empregada para designar a classe média; quando veio a Manchester, durante a insurreição de 1842<sup>a</sup>, Fergus O'Connor, líder dos caristas, apareceu com um paletó de fustão, arrancando aplausos entusiasmados dos operários. Na Inglaterra, o uso do chapéu é generalizado, inclusive entre os operários – chapéus das mais variadas espécies, redondos, cônicos e cilíndricos, com abas largas ou estreitas; bonés só são usados nas cidades industriais pelos mais jovens; quem não tem um chapéu, faz para si mesmo, com papelão, um gorro baixo e quadrangular.

Todo o vestuário dos operários – mesmo supondo-se que esteja em boas condições – é pouco adequado ao clima. O ar úmido da Inglaterra, onde as brucas mudanças do tempo provocam rápidas quedas de temperatura, obriga quase toda a classe média a trazer roupas de flanela sobre a pele do tórax, e é quase generalizado o uso de cachecóis, camisas e casacos de flanela. A classe operária não só desconhece essa precaução, como ainda dificilmente tem condições de proteger-se com um só fio de lã. Os pesados tecidos de algodão, embora frequentemente mais grossos e densos que os de lã, protegem muito menos que estes da umidade e do frio – por sua espessura e sua própria natureza, conservam-se úmidos por mais tempo e em geral são muito mais permeáveis que a lã cardada. E se

alguma vez, excepcionalmente, o operário pode comprar um paletó de lã para uso doméstico, vai às lojas mais baratas – onde lhe oferecem um tecido ordinário chamado *devil's dust*<sup>14</sup>, feito "só para ser vendido, não para ser usado", e que ao fim de quinze dias está esgarçado ou rasgado – ou então dirige-se às lojas de roupas usadas, onde consegue uma peça meio puída, que já teve dias melhores e em pouco tempo estará imprestável. Mencione-se ainda o mau estado das roupas da maioria dos trabalhadores e a necessidade em que se vêem frequentemente de levar as poucas peças apresentáveis às casas de penhores. Todavia, para um grande, imenso número deles, principalmente para os de origem irlandesa, as roupas não passam de verdadeiros farrapos, já impossíveis de remendar ou de reconhecer a cor original em razão da quantidade de remendos. No entanto, os ingleses e os anglo-irlandeses continuam a remendá-las e tornaram-se mestres nessa arte – pedaços de lã ou juta sobre fustão e vice-versa, pouco lhes importa; já os autênticos emigrados irlandeses, esses quase nunca remendam, apenas em casos absolutamente extremos, quando a roupa corre o risco de desmanchar-se; é comum vê-los com camisas rotas, cujas tiras pendem através dos rasgos do casaco ou das calças; nas palavras de Thomas Carlyle:

[usam] um paletó tão esfarrapado que vestilo ou despi-lo representaria uma das operações mais difíceis, à qual só se procede em dias de festa ou em ocasiões particularmente favoráveis.<sup>15</sup>

Os irlandeses também introduziram na Inglaterra o costume, antes desconhecido, de andar descalço. Hoje, em todas as cidades industriais, vêm-se muitíssimas pessoas, sobretudo mulheres e crianças, andando descalças e pouco a pouco esse hábito vai se difundindo entre os ingleses pobres.

O que é verdade para o vestuário, é-o também para a alimentação. Aos trabalhadores resta o que repugna à classe proprietária. Nas grandes cidades da Inglaterra, pode-se ter de tudo e da melhor qualidade, mas a preços proibitivos e o operário, que deve sobreviver com poucos recursos, não pode pagá-los. Ademais, o operário, na maior parte dos casos, recebe seu salário somente no sábado à tarde (alguns pagamentos começaram a ser

<sup>14</sup> A "insurreição de 1842" designa a greve de agosto de 1842 em algumas áreas industriais (Lancashire e Yorkshire, especialmente), durante a qual, em algumas cidades, ocorreram confrontos armados entre operários e forças policiais (que contaram com a ajuda do exército). Mais adiante, Engels deter-se-á sobre esse evento.

<sup>14</sup> Literalmente: *poeira do diabo*; tecido à base de fibras de lã de má qualidade. A expressão deriva do fato de, em inglês, a máquina com a qual se processavam essas fibras chamar-se *devil*.

<sup>15</sup> Thomas Carlyle, *Chartism* [Cartismo] (Londres, 1840), p. 28. Sobre Carlyle, veja-se adiante. [Para essa referência de Engels, cf. nota 3, p. 324. (N.E.)]

feitos na sexta-feira à noite, mas esse sistema ainda não está generalizado) e, por isso, só vai ao mercado no final do sábado, por volta das quatro, cinco e até sete horas, quando o que havia de bom já foi comprado pela classe média. Pela manhã, o mercado transborda de coisas boas; mas quando chega o operário, esses produtos já acabaram – e ainda que lá estivessem, ele muito provavelmente não poderia comprá-los. Em geral, as batatas que adquire são de má qualidade, os legumes estão murchos, o queijo envelhecido é mau, o toucinho é rançoso e a carne é ressequida, magra, muitas vezes de animais doentes e até mesmo já em decomposição. Frequentemente, os vendedores são pequenos varejistas que compram mercadorias ordinárias em quantidade e as revendem a preço baixo exatamente por causa de sua má qualidade. Os operários mais pobres, para sobreviver com o pouco que ganham, devem recorrer – mesmo para adquirir produtos muito inferiores – a um artifício: como à meia-noite de sábado as mercearias têm de fechar e nada pode ser vendido no domingo, as sobras que se estragariam até segunda-feira de manhã são liquidadas, a partir das dez horas da noite do sábado, a preços irrisórios, embora nove décimos desses restos já não sejam comestíveis no domingo de manhã; mas precisamente essas sobras constituem o prato dominical da classe mais pobre, que as compra. Nessas circunstâncias, a carne vendida aos operários é intragável, porém, uma vez comprada, é consumida.

Em 6 de janeiro de 1844 (salvo erro meu)<sup>4</sup>, reuniu-se o Tribunal do Mercado (*court leet*) de Manchester, que condenou onze açougueiros por venda de carne imprópria para consumo. Cada um deles ainda possuía um boi ou um porco inteiros, ou vários carneiros ou 50 a 60 libras de carne – tudo apreendido em função do estado impróprio em que se encontrava; e de um deles se confiscaram, já putrefatos, 64 gansos de Natal, recheados, que não haviam sido vendidos em Liverpool e foram transportados para Manchester. Esse episódio, com os nomes dos condenados e as respectivas multas, foi relatado pelo *Manchester Guardian*. Entre as seis semanas decorridas de 1º de julho a 14 de agosto, o mesmo jornal noticiou três casos análogos: de acordo com a edição de 3 de julho, foi apreendido em Heywood um porco de 200 libras, cuja carne putrefata estava à venda; a edição de 31 de julho informa que dois açougueiros de Wigan, um dos quais já acusado antes

pelo mesmo delito, foram condenados a pagar multas, respectivamente, de duas e quatro libras esterlinas por venderem carne imprópria para o consumo; e, conforme a edição de 10 de agosto, numa mercearia de Bolton apreenderam-se 26 presuntos deteriorados: foram queimados em fogueira pública e o comerciante foi obrigado a pagar uma multa de 20 *shillings*.

No entanto, essas são ilustrações que obviamente não nos dão conta de todos os casos, nem ao menos representam, para essas seis semanas, uma média pela qual pudéssemos calcular um percentual anual. Há períodos em que cada edição do *Manchester Guardian*, que sai duas vezes por semana, relata um caso semelhante em Manchester ou nas vizinhanças. Se se considera que muitos casos permanecem impunes, dada a extensão dos mercados às margens das principais ruas, e escapam às raras investidas da fiscalização (de outro modo, como se explicaria o despudor com que essas peças inteiras de gado são postas à venda?); se se pensa que a tentação de vender carne estragada deve ser enorme, uma vez que as multas (como vimos acima) são incompreensivelmente pequenas; se se imagina, enfim, em que condições deve estar a carne para ser apreendida pelos fiscais como absolutamente imprópria para o consumo – se se leva em conta tudo isso, é impossível acreditar que, em geral, os operários possam comprar uma carne saudável e nutritiva.

Os operários, entretanto, ainda são ludibriados de outra maneira pela cupidez da classe média. Os varejistas e os fabricantes adulteram todos os gêneros alimentícios do modo mais irresponsável, com inteiro desprezo pela saúde dos que devem consumi-los. Acima, demos a palavra ao *Manchester Guardian*; agora, escutemos o que diz outro jornal da classe média – agrada-me recolher os testemunhos de meus adversários –, escutemos o *Liverpool Mercury*:

Vende-se manteiga salgada como manteiga fresca, cobrindo-a com uma camada de manteiga fresca ou colocando à mostra uma libra de manteiga fresca para ser provada e, depois da prova, vendendo manteiga salgada ou, ainda, retirando o sal pela lavagem e apresentando-a como fresca. Ao açúcar, mistura-se farinha de arroz ou outros gêneros baratos; assim vendidas a preços altos; até mesmo resíduos de sabão são misturados a outras substâncias e vendidos no açúcar. Mistura-se chicória ou outros produtos de baixo preço ao café moído; ao café não moído, dando-se-lhes forma de grãos, também se misturam outros artigos. Também é frequente misturar-se ao cacau uma finíssima terra escura que, banhada em gordura de carneiro, deixa-se mesclar facilmente com o cacau verdadeiro. O chá vem misturado com folhas de ameixeira e outros vegetais, ou então folhas de chá já servidas são recuperadas, tostadas em alta temperatura sobre placas de cobre para que retomem a cor e vendidas em seguida. A pimenta é adulterada com cascas de nozes moídas etc. O vinho do Porto é literalmente falsificado (com corantes, álcool

<sup>4</sup> Engels enganou-se quanto à data: o que vai narrar foi documentado na edição de 10 de maio de 1843 do *Manchester Guardian*. Esse jornal, fundado em Manchester por J. E. Taylor em 1821, foi o primeiro porta-voz dos livre-cambistas e, depois, o órgão do Partido Liberal.

etc.), uma vez que se bebe mais na Inglaterra do que todo o Porto produzido em Portugal. E o tabaco é mesclado a substâncias de toda espécie, qualquer que seja a forma sob a qual é posto à venda.<sup>a</sup>

(Posso acrescentar que, em virtude da falsificação geral do tabaco, universalmente difundida, alguns dos mais respeitáveis tabaqueiros de Manchester declararam publicamente, no verão passado, que nenhuma firma poderia subsistir sem adulterar o produto e que nenhum cigarro com preço inferior a três *penne* é composto apenas por tabaco.)

É evidente que, as adulterações não se limitam aos gêneros alimentícios e eu poderia citar mais uma dúzia delas – entre outras, a prática infame de misturar gesso ou argila à farinha. Recorre-se à fraude na venda de toda sorte de produtos: flanelas e peças de roupas são esticadas para que pareçam maiores e encolhem à primeira lavagem; cortes de tecido são vendidos como se tivessem uma largura de duas ou três polegadas a mais; a louça recebe uma camada tão fina de esmalte que praticamente não é esmalhada e lasca com facilidade – e mais um sem número de expedientes vergonhosos, *tout comme chez nous*<sup>b</sup>.

No entanto, são os operários que pagam o ônus principal desses logros. O rico não é enganado porque pode pagar os preços altos dos grandes estabelecimentos comerciais, que devem zelar por seu bom nome e prejudicariam a si mesmos se vendessem mercadorias de baixa qualidade ou adulteradas; o rico, acostumado à boa mesa, tem o paladar apurado e descobre a fraude com mais facilidade. Todos os gêneros falsificados, ou até envenenados, destinam-se ao pobre, ao operário – para quem uns poucos centavos representam muito, que tem de comprar muitas coisas com pouco dinheiro, que não tem o direito nem a possibilidade de avaliar a qualidade, mesmo porque nunca dispôs da oportunidade de educar seu gosto. Ele deve procurar as pequenas lojas, onde muitas vezes pode comprar a crédito, lojas que, em função de seu pequeno capital e de suas desvantagens diante dos atacadistas, estão impossibilitadas de vender mercadorias da mesma qualidade ao mesmo preço dos grandes estabelecimentos e que, por causa dos preços baixos que lhes pedem seus fregueses e da concorrência, são constrangidas a fornecer, intencionalmente ou não, produtos adulterados. Por outra parte, se, para um grande comerciante que investe

em seu negócio um capital considerável, a descoberta de uma fraude pode significar a ruína, uma vez que perde crédito, para um pequeno varejista, que tem sua freguesia numa única rua, que lhe importa ser acusado de fraude? Se perde a credibilidade em Ancoats, muda-se para Chorlton ou Hulme, onde ninguém o conhece, e retorna a prática fraudulenta – ademais, a legislação pune apenas algumas falsificações, exceto se vierem acompanhadas de fraudes fiscais.

Mas não é só no que toca à qualidade que o operário inglês é logrado; também o é no que tange à quantidade. Em sua grande maioria, os pequenos comerciantes têm medidas e pesos adulterados e os relatórios policiais registram diariamente um número incrível de delitos desse gênero. Alguns excertos do *Manchester Guardian* revelam a que ponto esse tipo de fraude está generalizado nos bairros operários – observe-se que dizem respeito a um curto lapso de tempo e que, mesmo para esse período breve<sup>c</sup>, não posso recorrer a *todas* as edições do jornal:

- edição de 16 de junho de 1884. Sessões do Tribunal de Rochdale: quatro merceiros condenados a pagar multas de cinco a dez *shillings* por uso de pesos falsificados. Sessões do Tribunal de Stockport: dois merceiros condenados a pagar multas de um *shilling*; um deles usava sete pesos falsificados e uma balança viciada; ambos já haviam sido advertidos;
- edição de 19 de junho. Sessões do Tribunal de Rochdale: multas a um merceiro (cinco *shillings*) e a dois camponeses (dez *shillings*);
- edição de 22 de junho. Tribunal de Paz de Manchester: dezoito merceiros condenados a pagar multas (de 2,5 *shillings* a 2 libras);
- edição de 26 de junho. Sessão do Tribunal de Ashton: catorze merceiros e camponeses condenados a pagar multas (de 2,5 *shillings* a 1 libra). Sessão breve do Tribunal de Hyde: nove camponeses e merceiros condenados a pagar multas de cinco *shillings*, mais as custas judiciais;
- edição de 6 de julho. Manchester: dezesseis merceiros condenados a pagar multas de até dez *shillings*, mais as custas judiciais;
- edição de 13 de julho. Manchester: nove merceiros condenados a pagar multas (de 2,5 a 20 *shillings*);
- edição de 24 de julho. Rochdale: quatro merceiros condenados a pagar multas (de dez a vinte *shillings*);

<sup>a</sup> A fonte de Engels é a edição do *Liverpool Mercury*, de 9 de fevereiro de 1844; mas a citação não é literal: Engels resume o conteúdo da matéria publicada.

<sup>b</sup> Em francês, no original: “exatamente como entre nós”.

<sup>c</sup> Engels recorrerá, nas próximas linhas, às edições do jornal publicadas entre junho e agosto de 1884.



- edição de 27 de julho. Bolton: doze merceiros e hoteleiros condenados ao pagamento de custas judiciais;
- edição de 3 de agosto. Bolton: três merceiros condenados a pagar multas (de 2,5 a 5 *shillings*);
- edição de 10 de agosto. Bolton: um merceiro multado em cinco *shillings*.

As mesmas razões pelas quais os operários são as vítimas principais das fraudes na qualidade explicam que também o sejam no que toca às fraudes relativas à quantidade.

A alimentação habitual de cada operário varia naturalmente em função do salário. Os operários mais bem pagos, em especial os operários fabris, em cuja família todos os membros conseguem ganhar alguma coisa, têm – enquanto essa situação perdura – uma boa alimentação: carne todos os dias e, à noite, toucinho e queijo. Nas famílias que ganham menos, só há carne aos domingos ou, às vezes, em dois ou três dias da semana; em compensação, comem-se mais batata e pão. À medida que descemos na escala salarial, verificamos que a alimentação à base de carne se reduz a alguns pedaços de toucinho misturados à batata; descendo ainda mais, até o toucinho desaparece, permanecendo o queijo, a batata, o pão e o mingau de aveia (*porridge*); quando chegamos aos irlandeses, restam apenas as batatas como único alimento. Geralmente, a comida é acompanhada de um chá ligeiro, mesclado com um pouco de açúcar, leite ou aguardente. Na Inglaterra, e também na Irlanda, o chá é tido como uma bebida tão necessária e indispensável quanto, entre nós, o café – e, na casa onde não se toma chá, reina sempre a mais negra miséria.

Mas tudo isso só é verdade se o operário está empregado; desempregado, fica à mercê da sorte e come o que lhe dão, o que mendiga ou... o que rouba – e se não encontra nada, simplesmente morre de fome, como já dissemos. É fácil compreender que tanto a qualidade como a quantidade da alimentação dependem do salário e que, entre os operários mais mal pagos, em especial entre aqueles que têm uma família numerosa, a fome impera, mesmo em períodos nos quais há empregos. E o contingente de operários mal pagos é enorme. Principalmente em Londres, onde a concorrência entre os operários cresce na proporção direta do crescimento da população, essa categoria – que encontramos em todas as cidades – é imensa. Por isso, aí se recorre a todos os expedientes: cascas de batatas, restos de legumes, ve-

getais apodrecidos<sup>16</sup>, tudo serve como alimento, recolhe-se tudo que pode conter um só átomo de substância comestível. Acontece com frequência que, acabando o salário semanal antes do fim da semana, nos últimos dias a família careça de alimentação ou tenha apenas o estritamente necessário para não morrer de fome. É claro que semelhante modo de vida só pode originar toda sorte de doenças; quando as enfermidades chegam, quando o homem – cujo trabalho sustenta a família e cuja atividade física exige mais alimentação e, por conseguinte, é o primeiro a adoecer – quando esse homem adocece, é então que começa a grande miséria. E é então que se manifesta, agora de forma mais aguda, a brutalidade com a qual a sociedade abandona seus membros justamente quando mais precisam de sua ajuda.

À guisa de conclusão, resumamos os fatos.

As grandes cidades são habitadas principalmente por operários, já que, na melhor das hipóteses, há um burguês para dois, muitas vezes três e, em alguns lugares, quatro operários; esses operários nada possuem e vivem de seu salário, que, na maioria dos casos, garante apenas a sobrevivência cotidiana. A sociedade, inteiramente atomizada, não se preocupa com eles, atribuindo-lhes o encargo de prover suas necessidades e as de suas famílias, mas não lhes oferece os meios para que o façam de modo eficaz e permanentemente. Qualquer operário, mesmo o melhor, está constantemente exposto ao perigo do desemprego, que equivale a morrer de fome e são muitos os que sucumbem. Por regra geral, as casas dos operários estão mal localizadas, são mal construídas, mal conservadas, mal arejadas, úmidas e insalubres; seus habitantes são confinados num espaço mínimo e, na maior parte dos casos, *num único cômodo vive uma família inteira*; o interior das casas é miserável: chega-se mesmo à ausência total dos móveis mais indispensáveis. O vestuário dos operários também é, por regra geral, muitíssimo pobre e, para uma grande maioria, as peças estão esfarrapadas. A comida é frequentemente ruim, muitas vezes imprópria, em muitos casos – pelo menos em certos períodos – insuficiente e, no limite, há mortes por fome. A classe operária das grandes cidades oferece-nos, assim, uma escala de diferentes condições de vida: no melhor dos casos, uma existência momentaneamente suportável

<sup>16</sup> *Weekly Dispatch*, abril ou maio de 1844, de acordo com um relatório do doutor Southwood Smith acerca das condições dos pobres em Londres. [É provável tratar-se de uma edição de 5 de maio; o doutor Southwood Smith (cf. índice onomástico, p. 367) era bastante conhecido por suas pesquisas sobre as condições da vida dos pobres londrinos, e produziu vários relatórios – no marco de comissões oficiais – entre 1838 e 1840. (N.E.)]

— para um trabalho duro, um salário razoável, uma habitação decente e uma alimentação passável (do ponto de vista do operário, é evidente, isso é bom e tolerável); no pior dos casos, a miséria extrema — que pode ir da falta de teto à morte pela fome; mas a média está muito mais próxima do pior que do melhor dos casos. E essa escala não se compõe de categorias fixas, que nos permitiriam dizer que esta fração da classe operária vive bem, aquela mal, enquanto as coisas permanecem como estão; ao contrário: se, no conjunto, alguns setores específicos gozam de vantagens sobre outros, a situação dos operários no interior de cada segmento é tão instável que qualquer trabalhador pode ter de percorrer todos os degraus da escala, do modesto conforto à privação extrema, com o risco da morte pela fome — de resto, quase todos os operários ingleses têm algo a dizer sobre notáveis mudanças do acaso. São as causas de tudo isso que agora examinaremos mais de perto.

## A CONCORRÊNCIA

Na Introdução, vimos como, desde o início da revolução industrial, a concorrência deu origem ao proletariado: aumentando o salário dos tecelões, pelo crescimento da demanda de tecidos, ela induziu os camponeses-tecelões a abandonar a agricultura e dedicar-se apenas à tecelagem para ganhar mais. Vimos igualmente como o surgimento da grande exploração agrícola expropriou os pequenos camponeses, reduziu-os à condição de proletários e despejou a maioria deles nas cidades. Vimos como grande parte da pequena burguesia foi arruinada e também arremessada às fileiras do proletariado. Vimos como o capital se concentrou em poucas mãos e como a população se aglutinou nas grandes cidades. Por esses meios e modos, a concorrência — manifestando-se em toda a sua plenitude e livremente potenciada na indústria moderna — criou e desenvolveu o proletariado. Examinaremos agora sua influência sobre o proletariado já existente, mas antes precisamos estudar os resultados da concorrência dos trabalhadores entre si.

A concorrência é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa<sup>a</sup>. Essa guerra, uma guerra pela vida, pela existência, por tudo e que, em caso de necessidade, pode ser uma guerra de morte, não se trava apenas entre as diferentes classes da sociedade, mas também entre os diferentes membros dessas classes: cada um constitui um obstáculo para o outro e, por isso, todos procuram eliminar quem quer que se lhes cruze o caminho e tente disputar seu lugar. Os operários concorrem entre si tal como os burgueses. O tecelão que opera um tear

<sup>a</sup> No original engeliano, *bürgerliche Gesellschaft*. Marx e Engels utilizaram a expressão tanto para denotar a *sociedade burguesa* como para indicar o que Hegel, na esteira dos ingleses e dos franceses do século XVIII, compreendeu como *societate civil*, ou seja, a sociedade tomada em suas relações puramente econômico-civis e, portanto, distinta do Estado, condensação das relações políticas.